

# CABALA TEÚRGICA

A TRADIÇÃO DAS ESCOLAS  
ESOTÉRICAS DA ANTIGUIDADE



JEAN-LOUIS DE BRASI



# ÍNDICE

- [INTRODUÇÃO](#)
- [CAPÍTULO UM --- MISTÉRIOS DA CADEIA DE OURO](#)
  - [AS ORIGENS](#)
    - [Mesopotâmia - Mãe das Civilizações](#)
    - [O Egito - Nascimento da Tradição Teúrgica](#)
  - [OS DIAS SOMBRIOS](#)
  - [PLETO - RENASCIMENTO DA TRADIÇÃO](#)
- [CAPÍTULO DOIS --- OS PILARES DA TRADIÇÃO TEÚRGICA](#)
  - [O AMOR À SABEDORIA](#)
    - [1\) O mal físico](#)
    - [2\) O mal moral](#)
    - [3\) O mal metafísico](#)
  - [A MAGIA DIVINA](#)
- [CAPÍTULO TRÊS --- O DIVINO E O MUNDO](#)
  - [DESCOBERTA DO SAGRADO](#)
  - [ANJOS E DEUSES](#)
  - [UMA ESPIRITUALIDADE HUMANISTA](#)
  - [SATÃ - RENASCIMENTO DO DUALISMO](#)
- [CAPÍTULO QUATRO --- OS LIVROS SAGRADOS](#)
  - [A REVELAÇÃO DIVINA](#)
  - [OS TEXTOS](#)
    - [Corpus de Hermes - A Criação](#)
    - [Tratado Um - Hermes Trismegisto - Pimandro](#)
    - [A Tábua de Esmeralda](#)
  - [CAPÍTULO CINCO --- A INICIAÇÃO HERMETISTA](#)
    - [ESTRUTURA OCULTA DO COSMOS](#)
      - [As bases cosmológicas](#)
      - [Os 4 elementos](#)
      - [As 7 esferas divinas](#)
    - [UMA DEUSA LUNAR DA MAGIA: HECATE](#)
      - [As fontes](#)
      - [As duas Hécates](#)
      - [Hécate tripla](#)
      - [A arte](#)
    - [AFRODITE - VENUS](#)
      - [O mito](#)
      - [Caracteres de Afrodite](#)
    - [OS 12 OLÍMPICOS](#)
      - [Os poderes divinos](#)
      - [Atributos dos signos](#)
    - [O DESTINO DA ALMA](#)
      - [Nascimento e Encarnação](#)
      - [A via de retorno](#)
      - [A ascensão](#)
      - [A atitude moral](#)
      - [Após a ascensão](#)
  - [CAPÍTULO SEIS --- A ESCADA CELESTE](#)

- RITO DO PENTALFA
  - As origens
  - O que significa o pentagrama?
  - O rito do pñentagrama: origem e natureza
  - Rito do Pentalfa para o equilíbrio dos elementos
- RITO DAS 7 PORTAS
  - Condições gerais requeridas
  - Rito sagrado do domingo - Q - Hélios
  - Rito sagrado da segunda-feira - R - Selene
  - Rito sagrado da terça-feira - U - Ares
  - Rito sagrado da quarta-feira - S - Hermes
  - Rito sagrado da quinta-feira - V - Zeus
  - Rito sagrado da sexta-feira - T - Afrodite
  - Rito sagrado de sábado - W - Cronos
- RITO DA RODA CELESTE
  - Condições gerais requeridas
- CAPÍTULO SETE --- O MAGO
  - RITUAL DO MAGO
- CONCLUSÃO
- ANEXOS
  - ANEXO I - PLATÃO E A ALEGORIA DA CAVERNA
  - ANEXO II - O Credo de PLETO: RESUMO DAS DOCTRINAS DE ZOROASTRO E DE PLATÃO
  - ANEXO III - BIBLIOGRAFIA
    - Tradições greca et latina
    - Tradição Egípcia
    - Os sites Internet
- AURUM SOLIS EM TÓPICOS
  - PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
    - Os Três Pilares
    - MARCOS HISTÓRICOS
  - AURUM SOLIS
- MAGIA & TEURGIA

# **A MAGIA SAGRADA**

## ***Iniciação aos Mistérios***



# **A MAGIA SAGRADA**

## ***Iniciação aos Mistérios***

por

Jean-Louis de Biasi



2011

EDIÇÕES ACADEMIA PLATONICA

P.O. Box 752371, Las Vegas, NV, 89136, USA.

[www.academiaplatonica.com](http://www.academiaplatonica.com)

*Magia Sacrada*. Copyright © 2011 by Jean-Louis de Biasi, all rights Edições Academia Platónica

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio electrónico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Academia Platónica Editora, na pessoa do seu editor.

Edição original em francês publicada pelas Edições Grancher sob o título *ABC de Magie Sacrée, Initiation aux Mystères*.

© 2010, Editions Grancher.

Tradução autorizada em Português.

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela EDIÇÕES ACADEMIA PLATONICA

*Editores:*

Jean-Louis de Biasi - Patricia Bourin

*Tradução:*

José Júlio C. R. Santos

«Porque os teurgos não entram no rebanho votado à fatalidade»

Oráculos caldeus, Fragmento 153







## INTRODUÇÃO

Desde há pouco mais de 1500 anos, o cristianismo expandiu-se no Ocidente e em todas as partes do mundo. As suas especificidades de concepção permitiram-lhe desenvolver a sua doutrina, até fazer dela o notável edifício que nós conhecemos. É contudo historicamente claro nos dias de hoje que uma grande parte daquilo que o compõe encontra as suas origens nas filosofias, espiritualidades e iniciações antigas. Esta nova religião não se construiu de raiz sobre um terreno virgem, longe disso. Durante muitos milénios, poderosas civilizações, caldaica, egípcia, grega e depois romana, construíram o essencial daquilo que fez o Ocidente tal como nós o conhecemos.

Mas as religiões antigas não constituíam um conjunto tão coerente como o do cristianismo. Com efeito, cada tribo, cada povo, cada cidade possuía a sua própria divindade ou panteão. O que nós chamamos hoje em dia *paganismo* não existia na Antiguidade. Não esqueçamos que o paganismo é uma palavra que foi inventada para designar os camponeses que não abandonavam prontamente as suas crenças e práticas tradicionais, e continuavam a honrar os seus Deuses<sup>1</sup> ancestrais. A raiz da palavra paganismo é pois a mesma que a de camponês. Evidentemente, na época, ela tinha uma forte conotação pejorativa.

Até ao estabelecimento do cristianismo, várias versões do mundo e numerosas divindades podiam coexistir sem que o equilíbrio do universo vacilasse. Todo o ser era livre de escolher a ou as divindades que lhe correspondiam, ou bem ainda de continuar a glorificar as da sua família. Cada um podia igualmente mudar ou adoptar uma outra divindade, a de uma cidade ou de um parente. No sentido em que nós a entendemos, a religião não existia. Seria preciso falar de relação com o invisível e com os poderes que aí residem. Tratava-se antes de mais de as conciliar, e depois de honrá-las e respeitá-las. Mas daí a considerar que os Deuses da sua cidade, da sua família ou a sua divindade pessoal eram exclusivos e únicos teria parecido absurdo. O universo é imenso e os seres humanos são complexos. Era pois normal que fosse do mesmo modo para o mundo divino. O essencial residia na eficácia da divindade em relação a si.

Mas este aspecto pragmático da prática religiosa não era o único. Existiam igualmente dois outros níveis, ou domínios, nos quais a relação do homem com o divino se podia exprimir. Tratam-se dos cultos dos Mistérios (que darão origem às Tradições Iniciáticas) e da filosofia. Os Mistérios consagrados a tal ou tal divindade eram secretos e privados. Eles foram plenamente respeitados no decurso da história, a tal ponto que frequentemente não sabemos senão pouca coisa sobre os ritos que aí se desenrolavam e sobre os conhecimentos transmitidos.

Contudo, se bem que a maior parte destes mistérios foi facilmente acessível, só uma elite intelectual os recebeu. Os seus escritos, relatos, hinos e obras filosóficas foram um reflexo disso. Através de todos estes cultos uma tradição particular se desenhou, que se pode chamar Tradição Hermética, Tradição Hermetista ou designar sobre o nome genérico de Hermetismo.[\[1\]](#)

Poderíamos considerar como artificial o facto de expor à luz uma tal tradição, deixando assim na sombra, outras correntes não menos interessantes. Trata-se bem de uma escolha e como tal, ela é particular. Contudo, parece-nos fundamental assinalar que se outras tradições filosóficas ou religiosas marcaram a nossa história, a Tradição Hermetista (ou hermética) conheceu uma extraordinária continuidade que lhe deu uma coesão de conceitos facilmente perceptíveis logo que abordamos este pensamento. Nós constatamo-lo facilmente assim que lemos os hinos, preces ou textos inspirados. Há aí uma clara sensibilidade face a face a um sagrado acessível a todos. Nós encontramos-nos no seio de uma longa cadeia de iniciados que fixaram como ideal o Belo, o Verdadeiro e o Justo. Os olhares voltados em direcção à luz e à beleza do Cosmos reúnem-se nesta contemplação divina. A unidade não é forçada ou fingida. Ela nasce por uma reunião dos ideais e de princípios de base comuns. Poderia ser considerado artificial relacionar autores como Homero e Proclus, mas pensamos que a emoção espiritual percebida, recebida ou vivida é idêntica para um e outro. Veremos nesta obra que existe um conjunto de textos exprimindo, tanto no domínio filosófico como literário ou poético, uma mesma mensagem que foi veiculada em grande parte nos templos e aquando das iniciações antigas. É o caso mais particular dos Mistérios órficos, eleusíacos ou isíacos. Todos transmitiram uma parte do que constitui por aglomeração a tradição espiritual e iniciática da antiga Grécia.

Que se passou então quando os templos foram fechados por decreto imperial, e as escolas filosóficas de Atenas proibidas? O ensinamento dos Mistérios e desta tradição velou-se.

Não obstante, esta rica e brilhante filosofia conservou-se sob diferentes formas. Por um lado como uma transmissão directa, um ensinamento de boca a ouvido independentemente de toda a estrutura, por outro lado, nos textos que guardaram a sua riqueza. Seguramente eles desapareceram durante séculos, mas foram redescobertos na Renascença italiana. Existiram círculos no seio dos quais estes conhecimentos clássicos eram ensinados; alguns de entre eles não se limitaram ao estudo dos textos. Eles colocaram de novo em prática os preceitos antigos voltando a dar-lhes vida pela prece, a invocação e a Magia Divina ou Teurgia.

Para alguns, a magia adquiriu nos dias de hoje uma reputação negativa, misturando superstição e vontade de fazer mal. Nós não somos mais capazes de distinguir a baixa magia da Magia Divina ou Teurgia, percebendo a riqueza e a originalidade desta via tradicional.

O mundo mediterrânico deu origem e transmitiu até hoje um ensinamento teórico e prático de grande valor.

Esta rica e antiga tradição floresceu sob várias formas, umas visíveis, as outras simbólicas e artísticas, as últimas, enfim, completamente invisíveis.

Aparecidas no final do antigo Egipto no meio alexandrino e no seio do mundo helénico, as principais escolas filosóficas (pitagóricas, platónicas e neoplatónicas) veicularam verdadeiras práticas espirituais implicando a uma só vez a filosofia, os ritos culturais, os ritos iniciáticos e místicos.

Estas visões do mundo marcaram profundamente o nosso psiquismo inconsciente. Nestas, o universo inteiro desenvolve-se numa ordem bem estabelecida, e a consciência do homem poderá ser aí o ponto central. Existe uma verdadeira hierarquia passando dos quatro elementos ao homem, deste às esferas planetárias e enfim aos poderes divinos que estão além da abobada estrelada.

Quando a alma desce ao corpo, ela atravessa sucessivamente as diferentes esferas e traz nela, desde esse momento, cada carácter planetário do qual ela depende.

O nosso psiquismo consciente e inconsciente possui por isso estas marcas que nos constituem de uma maneira específica, com os nossos equilíbrios, os nossos desequilíbrios ou desarmonias.

Sob a cobertura de certas correntes filosóficas, nomeadamente a tradição neoplatónica (Plotino, Jámblico, etc.), verdadeiras técnicas mágicas e teúrgicas foram transmitidas. Elas foram reveladas na Renascença em Itália, e depois desta época, legaram-se até aos nossos dias, formando o verdadeiro fio de ouro da tradição mágica de que nos fala Homero.

Estas técnicas (visualização, sonho desperto, ritos individuais, etc.) permitem harmonizar os diferentes níveis do nosso ser e reencontrar uma serenidade e um equilíbrio que tinham sido perdidos. Cada pessoa torna-se então, capaz de reencontrar o seu lugar no Cosmos e agir voluntariamente, com eficácia sobre si mesmo e o seu próprio destino.

O hermetismo e a sua prática mágica utilizam todas as forças que estão no ser humano, cultivando aí a beleza, o amor e o prazer. O equilíbrio e a harmonia constituem os pólos centrais desta atitude. São pois, esta via e estas práticas que nós descrevemos nesta obra. Indicaremos igualmente as referências históricas, filosóficas, mas igualmente as práticas essenciais que permitem dar os nossos primeiros passos nesta via de desabrochamento e da mestria de si.

Certos períodos da história são particulares. Existiram no passado (Alexandria no Egipto e a Renascença italiana por exemplo), e nós podemos dizer que a nossa sociedade moderna é um desses períodos. Nestes momentos particulares, o mundo e as consciências parecem abrir-se. Os povos encontram-se e descobrem-se mutuamente. O pensamento, as ciências, as correntes espirituais encontram-se numa fecunda efervescência. A tolerância e o desejo de fazer avançar a humanidade mobilizam as consciências. Nós estamos hoje em dia num período do mesmo tipo, a riqueza e a proximidade das diferentes culturas, esta partilha e esta troca das tradições espirituais, esta mestiçagem marcada de tolerância, contribuem para constituir pouco a pouco uma nova cultura mundial.

É neste movimento que as filosofias antigas, os valores morais e as práticas teúrgicas se revelam em toda a sua força e esplendor. Os Deuses e as Deusas falam a todos e nenhuma ideologia pode pretender dominar as outras sem suprimir a liberdade. Porque como poderíamos nós respeitar a religião ou a vida interior do outro, se nós estamos intimamente persuadidos que ele está em erro, considerando que toda a sua vida repousa sobre falsas crenças e que convém ajudá-lo a rectificar-se para ser salvo? Como é que tais perspectivas nos poderiam levar a uma verdadeira tolerância?

O estudo e a reflexão pessoal são louváveis e requeridos. Todo o estudo é uma prece, um perfume que sobe em direcção ao divino. Assim nós podemos ler no *Corpus Hermeticum*: «A virtude da alma é o conhecimento, porque aquele que conhece é bom e piedoso e já divino.» (C.H. 10:9) Toda a procura do belo corporal, intelectual e espiritual encarna este ideal do ser. Falamos frequentemente hoje em dia do culto do corpo, como se se tratasse de alguma coisa de novo. Não é absolutamente o caso, nem mesmo os excessos engendrados na rejeição ou a adoração da aparência física. O corpo é a manifestação da beleza divina e é por isso que respeitar o seu corpo, procurar a beleza e o embelezamento, são actos profundamente religiosos e espirituais. Eles devem permitir-nos ultrapassar esta aparência para nos elevarmos em direcção ao Belo em si mesmo.

Possamos nós então fazer nossas as palavras de Proclus: «Oh Deuses, concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me cerca, uma luz pura e santa, a fim de que eu possa exactamente conhecer o Deus incorruptível e o homem que eu sou.»

## **CAPITULO UM**

---

### **MISTÉRIOS DA CADEIA DE OURO**

## AS ORIGENS

### ***Mesopotâmia - Mãe das Civilizações***

O esoterismo ocidental, importante e respeitável tradição, viu o dia ao nascer de todas as civilizações na Mesopotâmia. Foi aí que as primeiras cidades nasceram. É ainda neste lugar que a escrita apareceu e que se desenvolveram as formas iniciais ordenadas e fragmentadas de religião e de espiritualidade ou magia. A astrologia (antiga forma da astronomia) foi concebida e utilizada – como nós veremos mais à frente neste livro –, ao mesmo tempo nos cálculos que permitiam estruturar o tempo e os ciclos naturais, mas igualmente a nível mágico e cultural. Mais tarde, na história, estes elementos difundiram-se progressivamente no mundo, ao mesmo tempo em direcção ao Extremo Oriente, depois em direcção ao que nós hoje chamamos o Egipto, a Grécia, etc. Nós podemos dizer que estas tradições antigas, encontrando a sua fonte na antiga Mesopotâmia, são as herdeiras da fonte a mais antiga e autêntica.

Alguns dos princípios e práticas esotéricas caldeias, os mais importantes foram transmitidos no Egipto, onde eles se associaram ao conhecimento mágico dos primeiros habitantes deste país. É por exemplo o caso da Deusa babilónica Ishtar também chamada Inanna entre os Sumérios e Ísis entre os Egípcios. Ela é a Deusa da estrela Vénus e do amor. Através deste processo, esta união tornou-se uma parte integral da herança mediterrânica.

Desde o nascimento do Egipto, a religião e a magia estiveram profundamente ligadas às divindades mais antigas. O Deus *Thot* e a Deusa *Ísis* foram designados como os fundadores da Magia Divina transmitida no Egipto. A sua presença e o poder dos seus cultos tornaram-se nas tradições mais importantes. Elas brilharam durante séculos sobre a totalidade do mundo ocidental. A tradição isíaca foi uma das mais visíveis e a tradição teúrgica de Thot-Hermes permaneceu sempre mais oculta. Esta última constitui de maneira evidente o nascimento da Tradição mágica ou mais exactamente teúrgica do Ocidente, aquela que o Hermetismo pode englobar. Se bem que nós teremos ocasião um pouco mais à frente nesta obra de definir ainda mais este termo, digamos aqui simplesmente que o Hermetismo designa a tradição derivada dos ensinamentos teóricos e práticos de Thot (equivalente de Hermes para os Gregos). Descobrimos os pontos de ligação simbólicos mais importantes, nós poderemos então seguir esta tradição no curso dos séculos, e revelar os elementos essenciais e imortais desta doutrina.

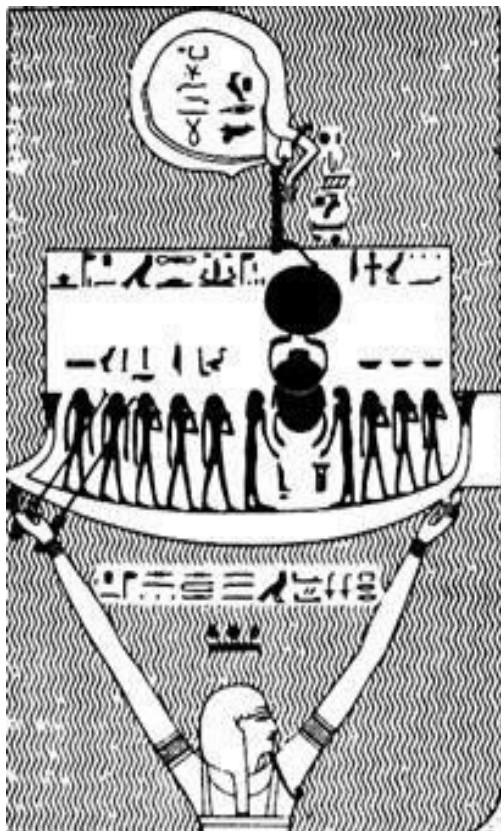
Quando abordarmos desta maneira a aparição desta divindade no Egipto, não é a um país fantasmático ao qual nos referiremos, mas àquele no qual acreditavam

os egípcios. Foi aí que apareceu a tradição teúrgica que nós evocamos neste livro.

## ***O Egípto - Nascimento da Tradição Teúrgica***

As categorias mentais que permitem distinguir aquilo a que nós chamamos actualmente de real (visível e mensurável) e de irreal, ou imaginário (invisível), não existiam em quanto que tais no mundo antigo. Esta ausência de distinção entre o real e o irreal permanece hoje em dia, uma vez que a esfera religiosa e espiritual corresponde a uma experiência completamente real para um crente ou um praticante. Passa-se o mesmo com a dimensão mágica.

As tradições ocultas como as religiões parecem ter existido sempre. É bem assim aliás que os responsáveis religiosos tentam situá-las, porque eles estão frequentemente muito embaraçados para falar da origem, ignorando sobre qual plano se situar. Dizer que a fonte de uma corrente espiritual é mítica parece equivaler a reduzir a sua veracidade e a sua validade. Mas num mesmo tempo, afirmar que isso é histórico torna-se cada vez menos credível numa época de progressos científicos tal como a nossa.



Devemos com efeito considerar estes relatos fundadores como os veículos de um significado simbólico poderoso, capaz de conferir um valor à nossa existência. Mas para além de uma tal hermenêutica, é necessário debruçar-se sobre as origens, colocando entre parênteses as categorias mentais que são as nossas, herdeiras da época contemporânea. Isto é ainda mais verdadeiro quando falamos do Egípto e não da Grécia. Para nós, as coisas são «verdadeiras», porque elas são tidas como tais por aqueles que as experimentaram, quer esta última seja exterior ou interior.

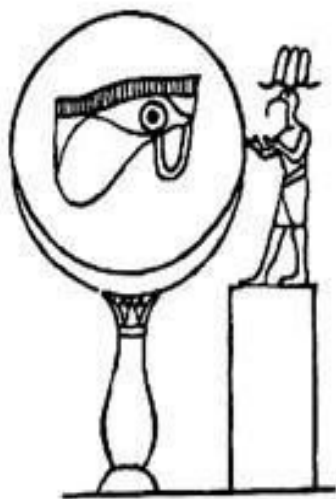


Como todas as tradições espirituais importantes, a tradição hermetista e teúrgica apareceu num momento dado sobre a terra. Mesmo se diversos elementos sumérios se aí foram incorporados no fio da sua história, o seu nascimento na terra negra do Egipto marca a sua verdadeira aparição.

É interessante enfim lembrar-se que apesar dos pontos comuns ao relato mítico bíblico, o começo do qual nós falamos aqui é bem anterior ao texto hoje célebre.

Foi um tempo durante o qual os Deuses não se tinham manifestado. Com efeito, nada existia para que eles o pudessem ser plenamente, porque o «mundo» não existia senão como caos. Várias imagens poderiam ser utilizadas para representar este estado anterior aos universos que nos envolvem. A que muitas civilizações escolheram, é a de um oceano primordial.

No seio deste caos encontravam-se diferentes poderes divinos que nós qualificaremos de primordiais. Eles foram compostos de 4 pares de divindades, entidades personificadas. Cada par representa as partes masculinas e femininas. Estes Deuses eram *Noun* e *Nounet* [ou *Nounet*]: personificação do oceano primordial, o espaço do mundo antes da criação; *Kouk* [ou *Kekou*] e *Kauket* [ou *Kekout-Keket*]: personificação da obscuridade que reinava sobre o espaço primordial antes do nascimento do sol; *Houh* [ou *Hehou*] e *Hauhet* [ou *Hehet*]: a água que se espalha e que fluindo procura a sua via, o infinito; e enfim *Amon* e *Amaunet* [ou *Amonet*]: tudo o que está escondido.



O casal *Niaou* [ou *Noun*] e *Niat* [ou *Nounet*] substitui-se algumas vezes ao casal *Noun-Naunet* ou a *Amon-Amaunet*. Os Deuses foram representados como humanos com cabeça de rã, as Deusas igualmente mas com cabeça de serpente.

Em certo momento, esta Ogdoáda divina começou a organizar-se, a equilibrar-se e ordenar o caos primordial.

O número 4 não é fortuito. O Egipto conhecia os quatro pontos cardeais. O mito heliopolitano atribui quatro filhos à Deusa Nut, e as vísceras retiradas para o embalsamamento são protegidas pelos quatro «filhos de Hórus», eles próprios

guardados por quatro Deusas. Nos *Textos dos Sarcófagos*, lemos que Shu criou oito seres infinitos para o ajudar a sustentar o corpo de Nut. Este número representa um conjunto equilibrado. Ele pode ser simbolicamente representado por um quadrado.

Mas como nós vemos no mito evocado, 4 é com efeito um número de pares. A tradição relatou-nos vários símbolos para manifestar esta activação primordial, e um deles é o do duplo quadrado entrelaçado. Aqui o 8 manifesta-se a partir do 4 para activar o que até aí não tinha forma. Esta Ogdoáda precedeu a aparição da Enéada de Heliópolis, e foi ela que esteve na origem do sol.

Esta activação e este começo de equilíbrio dos poderes interiores no oceano primordial provocaram uma intensa concentração de energia no seu centro. Este fantástico impulso dinâmico agitando a matéria primitiva fez emergir um montículo primitivo, original. Uma íbis (ou um ganso) apareceu então no cimo desta ilha flamejante de luz e pôs um ovo no cimo da colina. Este ovo primordial é a manifestação da união entre os princípios divinos celestes, fora do caos primordial, e os princípios primordiais ogdoádicos acabando de fazer emergir o mundo manifestado. Do ovo nasceu Rá, o Deus Sol, que sobe ao céu para irradiar o mundo com os seus raios benfeitores. Este nascimento pôde então oferecer ao Cosmos o abraço do primeiro sol levante. Sobre esta ilha encontrava-se um lago.

Após ter dado forma ao montículo, os membros da Ogdoáda tomaram uma aparência visível e as oito divindades aproximaram-se do lago. Elas cumpriram em conjunto um rito mágico e fizeram aparecer um lótus. A flor abriu-se numa flamejante de luz e deu origem a um ser feminino que se unirá a Rá. Da sua união nasceu Thot, primeiro nascimento divino. Por esta razão a Ogdoáda para foi por vezes chamada as «almas de Thot»<sup>2</sup>.

Após esta criação, a Ogdoáda ordenou a terra que conheceu uma idade de ouro.

Três dos casais retiraram-se do mundo visível para se tornarem os guardiões do equilíbrio. Amon e Amonet adaptaram-se à nova ordem e deixaram Hermópolis por Tebas.

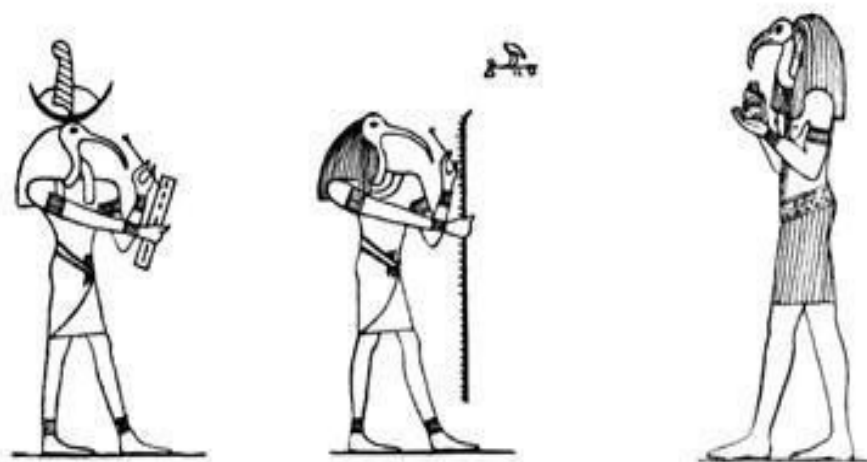
É neste momento que Thot se torna o «senhor de Khemenu».

A emergência deste primeiro montículo sagrado, centro do mundo, teve lugar geograficamente na cidade que os antigos Egípcios chamaram Khemenu ou «cidade do oito – as oito cidades». Ela foi em seguida conhecida pelo nome grego de Hermópolis. Foi igualmente aí que se conservaram na parte mais sagrada do templo, alguns fragmentos do ovo sagrado cósmico original. Alguns peregrinos na Antiguidade tiveram o imenso privilégio de os aperceber e ser banhados na sua aura intensa. A tradição relata que certos bocados foram engastados numa pedra constituindo a matriz da cadeia mágica a aparecer.

O templo de Hermópolis foi o lugar no qual eram realizados os ritos mágicos mantendo a presença das oitos divindades da Ogdoáda sob a presidência de Thot, a quem a cidade sagrada foi dedicada. Esta presença prosseguiu-se durante séculos sobre o mesmo lugar da criação original. Foi lá que foi fundada, sobre o patronato da Ogdoáda e de Thot, o colégio dos sacerdotes teúrgicos de que falamos.<sup>[2]</sup>

Os principais elementos concernindo à Ogdoáda foram fornecidos pelos monumentos tebanos reconstituídos em 1929 pelo egiptólogo alemão Kurt Sethe num estudo magistral intitulado *Amun und die acht Urgotter von Hermópolis*.

Vários séculos após a sua criação, os templos de Hermópolis foram muito danificados aquando da segunda invasão persa em -343. A descoberta de um túmulo em Tuna-el-Gebel, a necrópole situada em pleno deserto, perto de el-Ashmunein (nome actual de Hermópolis), permite-nos tomar conhecimento do testemunho de Pétosiris, um dos grandes sacerdotes de Thot em Hermópolis, também chamado « Sacerdote da Ogdoáda». Ele viveu pouco tempo após a conquista do Egipto por Alexandre o Grande, -332. Os frescos contam como ele reinstituiu os rituais do templo e decidiu uma nova rotatividade para os sacerdotes e permite a continuidade da tradição. Ele coloca a primeira pedra de um templo de calcário dedicado a Rá, o Deus do sol, a «criança da Ilha das Chamas». Pétosiris construiu uma cerca à volta do templo e nomeou o local «o lugar de nascimento de todos os Deuses». Não esqueçamos que era lá que eram conservadas as relíquias do ovo cósmico de onde emergiu o Deus do sol.



Thot foi pois o Deus central rodeado pela Ogdoáda sagrada. O seu nome é habitualmente composto de um sinal hieroglífico representando uma íbis

empoleirado sobre um mastro. Em alguns casos encontramos-lo igualmente escrito sob a forma de um babuíno ou ainda composto pelos seus sinais fonéticos.

Nós não seremos pois surpreendidos ao constatar que esta escrita utiliza os animais que a ela eram associados. Mas a transcrição fonética que nós obtemos a partir dos hieróglifos não é «Thot» mas «DHwtj» (Djehuti). A palavra «Thot» foi retida pelos Gregos, porque ela correspondia à maneira que os Egípcios da época tardia pronunciavam esta palavra. É aliás muito possível que esta denominação, hoje em dia quase universal, não seja senão uma versão exotérica de uma pronúncia mais «mágica» e por isso evocadora do seu nome.

Os egiptólogos contemporâneos têm por sua parte proposto várias etimologias que contribuem todas para nos esclarecer. Assim «Djehu» poderia ter sido o nome de uma cidade no Egito e, neste caso «Djehuti» seria aí o Deus. A sua apelação teria igualmente podido significar o *mensageiro* ou *escolher*.

É hoje em dia difícil saber se estes diferentes nomes (ou pronúncias) provêm da equivalência simbólica amplificando os sentidos atribuídos à própria divindade, ou de uma simples evolução fonética. Supomos que, como para tudo o que toca o divino, isto não era fortuito e correspondia a diferentes níveis de percepção da realidade divina deste Deus. Nós não utilizaremos geralmente, por comodidade de linguagem, a denominação «Djehuti».



É interessante dizer algumas palavras sobre a maneira pela qual os Egípcios o representavam. A tradição quer que Thot apareça sob a forma de um Babuíno, de um Íbis, ou de um humano com cabeça de Íbis. Ele traz, o mais frequentemente, a paleta do escriba. Nos textos antigos, tais como os das Pirâmides, Thot é aquele que guia o rei através da ribeira dos céus. Está aí uma das visões do Deus como guia dos mortos. Este papel ser-lhe-á cada vez mais atribuído até o assimilar ao próprio Anúbis na forma grega tardia de Hermanubis.

Desde os tempos mais primitivos, Thot foi considerado como um Deus lunar. É a aparência recurvada do bico da íbis, assim como a sua plumagem bicolor nessa oposição do negro e branco que lhe valeu a associação simbólica ao astro da noite.

Passa-se o mesmo para o babuíno que se manifesta pelos seus gritos no

momento do nascer do sol. Mas do mesmo modo que a lua deve a sua luz ao sol, Thot devia uma grande parte da sua autoridade à sua condição de secretário e conselheiro de Rá, seu pai. A importância das fases da lua na vida egípcia, assim como os ciclos e observâncias rituais nos templos valeram-lhe esta atribuição de fundador da ordem cósmica e das instituições civis e religiosas. Ele presidia aos cultos dos templos, aos ritos sagrados, assim como aos textos e fórmulas que os compunham. Ele tornou-se o Mestre das artes mágicas que lhe estavam associadas. Thot era a fonte reconhecida dos poderes ocultos, presentes nos diferentes aspectos dos cultos divinos. A sabedoria esotérica era o seu domínio reservado, e entre os seus qualificativos nós encontramos «o Misterioso», «o Desconhecido».

Outros aspectos de Thot se associarão à tradição esotérica ocidental da qual falamos. Trata-se da função mágica e de justiça.

A primeira manifesta-se através do seu papel de divulgador da escrita. Thot é o Deus da escrita e dos escribas. Este aspecto não seria significativo se o concebêssemos nos termos modernos da escrita. Trata-se com efeito da escrita hieroglífica, concebida desde o seu aparecimento como uma forma particular de invocação mágica. É o que nós chamamos uma *escrita performativa*. Sem entrar aqui nos detalhes, nós podemos dizer que a escrita egípcia das origens não é uma representação arbitrária de uma coisa ou de uma ideia. É a representação simbólica, realmente ligada à realidade divina ou espiritual à qual ela corresponde.



De uma certa maneira, o hieróglifo é um talismã—seu que manifesta no nosso mundo o poder ao qual corresponde a palavra traçada. Compreendemos pois porquê esta transmissão da escrita é mágica.

Ela exprime o invisível no visível e permite uma criação que é saída do plano divino. Os escribas farão dele a sua divindade porque este poder que lhes dá o conhecimento da palavra. A precisão e autoridade da sua ciência eram utilizáveis tanto ao nível de uma dimensão administrativa na gestão do reino visível, como na obra iniciática do reino invisível.

Os escribas eram conhecidos como os adeptos de Thot e constituíam uma classe privilegiada. Várias representações de escribas associadas às do babuíno e de Íbis (nomeadamente no museu do Louvre), mostram-nos esta estreita protecção divina. Este papel de escriba podia igualmente ser posto em estreita relação com uma função de arauto declamando as decisões do Rei ou de Deus. É deste papel de mensageiro que herdará um pouco restritivamente o Hermes dos Gregos.

Thot é o Deus que conhece todas as coisas. Ele é o inventor das matemáticas, da astronomia, das ciências, e não parece haver limites nas suas possibilidades. Ele é o criador dos destinos, aquele que ensinou a Ísis as fórmulas mágicas que lhe permitiram ressuscitar o seu marido Osíris. Ele ensina-lhe igualmente as fórmulas que permitem cuidar e proteger o seu filho Hórus. Atribuem-se-lhe numerosos livros mágicos reputados de conter todos os conhecimentos mágicos do mundo.

Será igualmente associado à ideia de justiça, como o podemos ver em numerosas representações do *Livro dos mortos* onde ele figura na companhia de Maât, encarnação da Ordem cósmica e da justiça. Encontramo-lo caracterizado pelos epítetos de «Supremo juiz» e de «aquele que julga». Ele é por consequência aquele que restabelece a paz entre os Deuses (em memória do seu papel no conflito que opôs Hórus a Seth).

Thot desenvolverá igualmente esta função na vida depois da morte, assim como a de psicopompo e juiz dos mortos. Não esqueçamos que foi ele que declarou que Ísis possuía o verdadeiro poder da linguagem ou do «Verbo». Ele é aquele que anota o resultado da pesagem da alma efectuada por Anúbis. Ele é materializado sob várias formas nas representações da pesagem das almas, e ao mesmo tempo como escriba com cabeça de Íbis, mas igualmente sob o aspecto do babuíno no cimo da balança estabelecendo o seu equilíbrio.

Enquanto possuidor das fórmulas secretas de ressurreição, ele é aquele que permite passar da vida à morte e da morte à vida. É ainda uma vez mais uma representação da sua função simbólica lunar. Em certos textos, Thot é «conhecido por ser aquele que é pequeno no segundo dia do mês e grande no décimo quinto». Ele é aquele que pode compatibilizar os ciclos do Cosmos, e por isso das fases lunares. Ele é o curador do olho da lua e com o Deus do céu Shu, protector de Osíris.

A apresentação desta divindade fundadora da tradição teúrgica permitiu-nos revelar um certo número de símbolos identificando o seu carácter e a sua função. Nós pudemos dizer que o Hermes grego será o sucessor simbólico de Thot. Seria surpreendente todavia não ver senão poucas relações nas suas representações.

Podemos assinalar três etapas principais que são:

- Thot (egípcio) primitivo/ Hermes (grego) primitivo;

- Hermanubis;
- Hermes como Mago.



De uma certa maneira, também, poderíamos crer que a antiga representação de Thot com toda a sua riqueza desapareceu no curso do tempo. Ela tinha sido totalmente absorvida na representação de Hermes grego, depois do Mago identificado pelos esoteristas cristãos. Ora não é isso, porque iremos dar-nos conta que a tradição da Magia Divina da qual nós falamos foi fundada sobre o símbolo muito importante da Ogdoáda.

A tradição hermetista teúrgica aliás chamada pelos iniciados a *tradição ogdoádica*.

Conhecemos poucas coisas dos conhecimentos, ritos, e práticas dos Grandes Sacerdotes de Thot. É importante precisar que a Magia Divina, ou teurgia, que nós evocamos, é todavia bastante distinta da magia popular desta época. As práticas e o objectivo já não tinham nada em comum. Para o profano ou homem do povo, a magia utilizada e conhecida não consistia senão num conjunto de receitas destinadas a responder às necessidades concretas e quotidianas. Para os sacerdotes de Thot, a Magia Divina era o meio de conservar os Deuses vivos e presentes no seu templo, comunicando com eles, recebendo o seu conhecimento e o seu poder. É um aspecto que nós abordaremos nesta obra.

Esta Tradição prosseguia-se de Mestre a discípulo, no respeito do segredo o mais absoluto sobre os comentários dos textos fundadores, assim como sobre os processos dos rituais. Vários testemunhos nos confirmam este modo de transmissão. É o que os Gregos chamarão a *diadoche* (sucessão), e que encontramos sob a ideia da Cadeia de Ouro dos iniciados. Esta transmissão directa estava associada à dos textos sagrados, qualificados de «discursos sagrados». O legado destes textos, o seu estudo e o facto de os conservar unicamente para o círculo fechado dos iniciados, reforçava no entanto mais este laço estreito existente entre eles. Assim este costume perpetua-se e se

desenvolve no Egipto durante séculos.

Esta notável linhagem de Mestres e de iniciados tornou-se a encarnação viva destes mistérios iniciáticos. Eles constituem os verdadeiros fundadores visíveis desta tradição.

Se bem que os Gregos, desejosos de ser iniciados nesta sabedoria, renderam-se relativamente cedo no Egipto, é sobretudo na época ptolemaica, dito de outra forma no fim do império egípcio, que descobrimos uma verdadeira troca entre os iniciados destas duas culturas. Ela manifesta-se a diferentes níveis: iniciático, filosófico e religioso. Por esta época, a Alexandria tinha-se tornado um extraordinário lugar de fusão cultural, religiosa e iniciática. Esta verdadeira corrente de pensamento funda-se miticamente e historicamente sobre as *Hermetica* (textos herméticos) e mais particularmente sobre a famosa *Tábua de Esmeralda*. Ao longo de toda a sua história, este rito permaneceu sempre autónomo face a face aos poderes religiosos, políticos, e ainda mais das religiões monoteístas tais como o Cristianismo. O Hermetismo reúne no curso dos séculos uma família de espíritos desejosos de trabalhar no ultrapassar de todos os extremismos e de todas as formas de dualismo. Ele é sempre caracterizado por uma abertura e uma flexibilidade que lhe permitia acolher vias de realização espirituais diferentes desde que elas não fossem exclusivas. Todo o indivíduo sincero e desejoso de avançar em direcção à via do conhecimento do sagrado e do divino era acolhido com benevolência e podia postular para ser iniciado. É claro que toda a religião dogmática, ou toda a ausência de pensamento crítico, estão afastadas deste ideal.

Como vemos a tradição hermetista vai assegurar a sua perenidade associando vários factores: a razão, a inteligência, a busca da superação de si mesmo e a progressão em direcção aos planos divinos, que Proclus qualificava de «*via sagrada de retorno*».

Apesar do desaparecimento de textos de tão grande importância, um verdadeiro corpus filosófico existe contudo. Nós aprofundaremos este aspecto na parte consagrada aos «livros sagrados».

Os filósofos neoplatónicos e hermetistas uniram a iniciação recebida dos Grandes Sacerdotes de Thot à filosofia.

Esta corrente iniciática é igualmente conhecida pelas suas obras filosóficas classificadas sob a denominação de platonismo e neoplatonismo. Sobre o plano interno, ele veiculou conhecimentos teúrgicos do hermetismo. Os escritos dos Mestres mostram-no-lo abundantemente.



Na antiga Grécia, as escolas de mistérios desenvolveram-se em diferentes ramos, que são as primeiras que nós podemos verdadeiramente chamar «iniciáticas». Estas incluem os mistérios de Eleusis, de Bacchus, de Samotracia...O termo de «Mistério» deriva do latim «*mysterium*», ele mesmo vindo do grego «*musterion*», significando neste contexto um «rito ou uma doutrina secreta». Um indivíduo tendo seguido um tal «Mistério» era um «Misto», quer dizer um «iniciado». Certos destes mistérios iniciáticos estavam fortemente ligados às escolas filosóficas. É o caso da universidade platónica de Atenas. Estes Mistérios estiveram sempre ligados, e em harmonia com os cultos tradicionais dos numerosos Deuses e Deusas pagãos. Eles constituíam o aspecto esotérico destes costumes e crenças populares.

Os Mistérios transmitem pois um conhecimento escondido, esotérico, para um pequeno número de indivíduos por vezes seleccionados pelas suas qualidades essencialmente morais. Eles utilizam técnicas espirituais e rituais diferentes segundo os lugares sagrados que eles perpetuam. Os iniciados estão ligados por juramentos que os obrigam a conservar secretos os seus conhecimentos e experiências. Passava-se do mesmo modo para as escolas neoplatónicas. Assim Clemente de Alexandria escreveu: «Não somente os pitagóricos e Platão escondem a maioria dos seus dogmas, mas os próprios epicureanos confessam que há entre eles segredos e que eles não permitem a todo o mundo manipular os seus livros onde eles estão expostos». (*Stromates*, V,9). Proclus afirma que «Platão serviu-se de nomes matemáticos como véus cobrindo a verdade das coisas; do mesmo modo os teólogos se servem de mitos, e do mesmo os pitagóricos se serviam de símbolos.» (*Comentários sobre o Timeu*, 36b).



A atitude hermetista integrou pois a técnica dos Mistérios e das iniciações que os constituíam. O hermetismo implica um certo número de textos revelados, transmitidos e interpretados por um «mestre» a alguns discípulos cuidadosamente preparados. Os grandes textos tais como os *Oráculos Caldeus* e o *Corpus Hermeticum* constituem a gnose suprema.

A formulação dos ritos secretos é um dos aspectos mais importantes deste período. As tradições iniciáticas gregas combinaram efectivamente os mistérios sagrados com o racionalismo da filosofia que constituiu o verdadeiro génio desta tradição esotérica. É por esta razão que os antigos Gregos consideraram sempre o Egipto como a terra mãe de todos os segredos e das mais antigas e respeitáveis formas da magia.

Como acabámos de dizer, foi lá que nasceu verdadeiramente a tradição Hermetista Teúrgica ou Ogdoádica.

Hermes é aquele que vê e abraça todas as coisas. Um dos objectivos da busca hermetista é procurar e restaurar a unidade que repõe o homem no seu papel de mediador entre os poderes divinos e o mundo natural. A vocação de Hermes é pois ser um mediador e restaurador da unidade do corpo/espírito que nós perdemos.

Um dos aspectos e das consequências importantes da doutrina hermetista é a recusa de parcelar o saber em regiões rivais. Hermes guia o iniciado em direcção à unificação dos contrários, a abertura ao outro, o acolhimento da diferença de cada um no respeito das suas características próprias. Segundo os termos de Plecto, «todas as religiões não são se não fragmentos do espelho partido de Afrodite.»

O hermetismo é a intuição desta unidade em direcção à qual cada filósofo e iniciado avança. Mas ao mesmo tempo, o hermetista sabe que a definição deste divino acima das formas variáveis do universo é impossível definir com palavras. O iniciado sabe que a exclusão e o dogma são contrários a esta via de equilíbrio e unificante. É por esta razão que o Hermetismo é hoje em dia tão moderno e tão importante.

## OS DIAS SOMBRIOS

Existem visões totalitárias, e a religião é um dos domínios que desenvolve frequentemente esta união contra-natura entre o espiritual e o político. Por volta do século III, o cristianismo apareceu sob a forma de um poder político cada vez mais poderoso. Desenvolvendo uma visão dogmática do mundo fundada sobre um princípio divino único e indiscutível, esta corrente religiosa tomou progressivamente o poder do Império romano então em desagregação. Os adversários eram simples de identificar e deviam ser eliminados. Tratava-se dos iniciados nos antigos Mistérios, dos filósofos bem como dos teurgos que transmitiam os segredos de comunicação com os poderes divinos. Eles foram perseguidos e frequentemente martirizados.

No início do seu reino em 313, e sob as pressões do seu rival Licinius, o Imperador Constantino promulgou o Édito de Milão. Afirmava-se aí que cada um pode «adorar à sua maneira a divindade que se encontra no céu». Ele concedia liberdade de culto a todas as religiões e permitia aos cristãos não adorar mais o Imperador como um Deus. Mas em 337, essencialmente por razões políticas, Constantino fez-se baptizar no seu leito de morte, pondo assim fim a este édito.

Em 356, o seu sucessor, Constâncio II, proibiu a celebração de sacrifícios e de toda a espécie de adivinhação. Ele ordenou o encerramento dos templos, fez confiscar os bens dos pagãos e proscreeu os cultos das divindades tradicionais.



O Imperador Juliano tomou o poder no decurso do século IV. Ele tentou em vão limitar esta luta, sustentar as Tradições iniciáticas e os cultos sagrados. Ele fez reabrir os templos e permitiu aos adeptos praticar e ensinar livremente. Este foi um esforço perdido, e ele foi assassinado a 26 de Junho do ano 363. Os cristãos foram numerosos a alegrar-se.

O seu sucessor, Valens, reagiu vivamente. Ele procurou eliminar por todos os meios estas respeitáveis tradições. A simples posse de livros, e ainda mais de tratados teúrgicos ou de rituais, foi passível de morte.

Um certo número de adeptos aterrorizados, queimaram a sua biblioteca. Esta perda foi absolutamente dramática para o Ocidente. Felizmente, alguns não se puderam resignar e esconderam toda ou parte das suas obras.

Este foi o caso dos adeptos da tradição hermetista. Um escondeu os seus livros num túmulo que ele fez bem depressa selar de novo, enquanto o outro os colocou no interior de jarras fechadas numa gruta. Para nossa grande sorte estas duas espécies de depósitos foram reencontrados na época moderna na região próxima da antiga Tebas. O primeiro, e que contém maior número de manuscritos próximos do gnosticismo hermetista, é célebre pelo nome da sua descoberta: *Nag Hammadi*. O segundo foi descoberto em Tebas e compõe-se essencialmente de papiros mágicos e alquímicos. A concepção das obras contidas nestes dois depósitos é datada do século III ou do início do século IV.



As escolas filosóficas neoplatónicas e hermetistas continuaram a ser particularmente atacadas, sendo o objecto de toda a forma de oposição e intimidação.

É em 380 que Teodósio fez do cristianismo, segundo a definição do concílio de Niceia, a religião do Estado Romano. Ele tomou então novas medidas contra as heresias cristãs e tornou-se evidentemente cada vez mais rigoroso em relação aos outros cultos. Ele decretou então a total destruição do paganismo, mesmo na vida privada.

Em 529, a Academia neoplatónica de Atenas foi fechada por a sua ordem, e em 550 o último santuário de Ísis – o templo de Philae – foi fechado à força. O paganismo foi activamente reprimido. Todos os domínios criativos foram censurados (livros, arte, etc.). A partir dessa época, muitos homens e mulheres

iniciados foram mesmo presos, torturados e mortos por «puro amor cristão». O segredo sobre a tradição hermetista, sobre as suas crenças e sobre os seus ritos tornou-se então uma necessidade. Sabemos que o segredo fazia parte do processo iniciático. Foi pois relativamente natural e fácil conservar os conhecimentos a fim de os transmitir a discípulos seguros. Assim se perpetuou esta rica e importante tradição.

Durante toda a Idade Média, a Igreja cristã reinou sobre os espíritos, impondo os seus dogmas e perseguindo todas as formas de heresia. Sendo considerado como herético qualquer outro aspecto de culto, de sabedoria ou de ciência. O único artigo de fé, o único fundamento válido e aceite, devia ser a autoridade da Igreja. Muito evidentemente, todas as formas de iniciações tradicionais, de adivinhação, de magia ou de teurgia, foram consideradas como feitiçaria e os culpáveis geralmente levados à morte. Os mais perigosos para o poder religioso eram os iniciados instruídos, porque eles agiam sempre conscientemente, no sentido de transmitir a herança que eles tinham recebido.

## PLETO - RENASCIMENTO DA TRADIÇÃO

No fim do século XV nasceu um personagem que ia secretamente dirigir esta tradição e permitir-lhe franquear os séculos, transformando a totalidade do Ocidente cristão. Trata-se de Gemisto Plecto.

Ele nasceu cerca de 1360 em Constantinopla, numa família sacerdotal ortodoxa e recebeu uma educação clássica completa. Próximo do fim da sua juventude, e por razões desconhecidas, deixou esta cidade e procurou asilo em Adrianopla, capital do Império Otomano. Ele frequentou um judeu muito influente chamado Eliseu, iniciado nas ciências ocultas, que acabou aliás por ser queimado vivo...

Sem dúvida após este episódio, Plecto retornou a Constantinopla onde adquiriu uma grande reputação como professor e como erudito. Mas a Igreja, inquieta quanto ao conteúdo dos seus ensinamentos, tentou fazê-lo exilar. Por volta de 1407, o imperador Manuel II, paleólogo, enviou-o a Mistra no sul da Grécia, (cidade próxima da antiga Esparta). Ele torna-se conselheiro de Teodoro II, jovem dirigente de Mistra.

É em Mistra que ele fundou e desenvolveu o que ele chama a sua «fratria». Parece que este grupo se compunha de adeptos que praticavam os antigos cultos está actualmente claramente estabelecido pelos historiadores. Estes iniciados perpetuavam a antiga filosofia e os Mistérios antigos. Esta fraternidade era o coração da escola hermetista. Este grupo teve um papel importante na difusão do neoplatonismo no Ocidente. Entre os seus discípulos encontravam-se Bessarion do qual falaremos mais à frente.

Por volta do ano 1420, Plecto tornou-se o chefe da Escola neoplatónica e hermetista. Ele era conhecido pelos responsáveis e teólogos da Igreja do Oriente como um erudito do qual importava utilizar os conhecimentos. Todavia, e para muitos de entre eles, as suas opiniões religiosas eram suspeitas. Contava-se mesmo que ele tinha secretamente redigido uma obra contra o cristianismo.

Vários religiosos ameaçaram directamente Plecto. O patriarca Gennadius enviou-lhe uma carta na qual declarava que seria um «crime querer refazer Deuses múltiplos, e reacender após tantos séculos as cinzas extintas do politeísmo, e de pedir à filosofia um culto novo, uma religião simplificada destinada a refundir a sociedade segundo as ideias de Zoroastro e de Platão. [...] Se acontecesse que tais impiedades vissem o dia numa obra, eu reclamaria a honra do combate e reservaria o fogo para o autor do livro.» Ele não teve essa ocasião, porque não foi senão depois da morte de Plecto que este livro, que já existia (*O Tratado das leis* sem dúvida escrito entre 1453 e 1459), foi enviado por acaso ou maldade a este mesmo patriarca. Ele próprio conta que após algumas hesitações diante da tábua de matérias, se decidiu a lê-lo integralmente. Ele declarou que ele foi «horrorizado, agitado e maldisse esta impiedade, enquanto ele não devia ter aí

senão uma doutrina santa.» A princesa a quem o patriarca endereçou esta obra recusou queimá-la. Querendo justificar a sua condenação, o patriarca conservou a tábua de matérias e algumas partes do livro, depois queimou tudo o resto. Assim desapareceu este documento do qual os extractos salvaguardados não foram encontrados senão na época moderna. Enquanto o imperador Juliano tentava conservar a tradição antiga, a herança de um Grande Mestre era destruída pelo poder religioso e temporal.

Mas a fim de saber se esta herança teria podido ser protegida antes deste desaparecimento, interroguemo-nos sobre a natureza dos terríveis segredos deste escrito. Para resumir as coisas sucintamente, podemos dizer que ela continha a descrição de uma organização social e religiosa que o herdeiro do neoplatonismo desejava pôr em acção. Ela era destinada a tirar o mundo da obscuridade dogmática na qual ele se encontrava desde a imposição da lei cristã interdizendo o livre-pensamento, a expressão das ciências e da filosofia. Mas a obra ia muito mais além do que a dimensão social e cultural. Pleto revelava-se como adepto e iniciado. Ele descrevia igualmente a reforma da dimensão religiosa, voltando a dar aos antigos Mistérios tradicionais e aos cultos o seu pleno exercício. O seu papel consistia em manter vivas esta herança e a sua prática. Ele explicava como se podiam utilizar os ritos que permitiam ao homem entrar em relação com os poderes divinos, chamados Deuses e Deusas.

Imaginemos o que significava nessa época a existência de este grupo de adeptos perpetuando estas iniciações. Imaginemos as consequências da sua acção enquanto eles agiam a fim de salvaguardar as práticas teúrgicas rituais e de as restaurar. Esta tradição, estas ideias e estas acções, constituíam uma grande ameaça para o poder religioso. Este era sem dúvida o ataque o mais perigoso desde há muito tempo, porque ele visava directamente o dogma imposto pela força. Sobre o plano social, tratava-se de permitir ao povo reencontrar a possibilidade de rezar aos Deuses Eternos. Tornar-se-ia assim possível a cada um escolher tal ou tal divindade, segundo as tradições familiares, ou as afinidades. A sua existência e a sua legitimidade eram por consequência reafirmadas.

Depois das ameaças e as perseguições das quais eles foram vítimas, os adeptos iniciados de Pleto tornaram-se tão prudentes quanto possível. Era fundamental que não se extinguísse esta «Cadeia de Ouro dos iniciados». O culto prestado às divindades eternas era um dever e uma necessidade para os homens e os próprios Deuses.

Podeis ler em anexo, aqueles que foram os principais elementos constituindo este sistema metafísico.

É claro que a redacção desta obra muito estruturada foi o resultado e a compilação de escritos, de ensinamentos e de práticas internas da escola. Ora, uma dezena de anos antes da sua morte, então com a idade aproximada de 85 anos, Pleto chegou a transmitir o essencial desta herança, ao mesmo tempo num plano exotérico e esotérico.

Em 1439, Cosimo de Médici, então dirigente de Florença (cidade da região da Toscana em Itália), convida o Concílio que tentava reunir as igrejas do Oriente e do Ocidente. Entre os Gregos convidados encontrava-se Pleto. Ele não fazia parte dos religiosos, mas era apresentado como laico erudito e especialista. Conhecendo a tradição cristã tanto como a grega, ele trouxe esta presença e permanência do pensamento platónico, capaz de desatar as subtilezas teológicas nas quais se encerravam os teólogos cristãos. Mas como nós sabemos agora, o seu objectivo não tinha nada a ver com o do concílio.

Durante a sua estadia em Florença, Pleto foi recebido regularmente por Cosimo de Médici e animou numerosas discussões filosóficas. Sobre proposição deste último, ele abriu uma escola dividindo os alunos em Exotéricos (aqueles que estavam ligados à doutrina cristã e não podiam receber a totalidade da doutrina) e Esotéricos (aqueles que eram iniciados na doutrina das Emanações e na doutrina completa do helenismo platónico). Através dele, a Academia de Platão renascia, em ruptura com os sistemas habituais dessa época.

Esta escola prosseguiu as suas actividades até que, alguns anos mais tarde, em 1459, Marsílio Ficino, filho do médico pessoal de Cosimo, fundou, a seu pedido, a primeira Academia platónica. Ele instalou-a perto de Florença na Vila Carregio. Durante numerosos anos, os maiores espíritos e artistas encontraram-se, habitando, trabalhando e vivendo juntos neste verdadeiro mosteiro laico aberto a todos os seres de talento, sem distinção de religião.

Os iniciados consagraram-se à procura da verdade, estudando textos antigos, ocultos durante séculos, num clima de total liberdade. A única condição era respeitar a liberdade do outro.

Os membros desta primeira Academia eram segundo as suas próprias palavras «irmãos em Platão». Para ser académico, convinha ser «bom e honesto», e aspirar a cultivar o que há de melhor em si. Como diz o próprio Ficino: «A amizade é a União da vontade e dos desejos. Os irmãos académicos devem ter o mesmo objectivo: ora se este objectivo é a riqueza, as honras e a ciência pura, não pode existir amizade, porque estes objectivos provocam ao contrário o ciúme, a vaidade, a inveja e o ódio. A amizade verdadeira não é possível, senão entre irmãos que procuram juntos o bem». (Marsílio Ficino, *Opera Omnia*, vol. I).

Durante vários anos, estes grandes espíritos juntaram-se e trabalharam juntos. Sob a direcção e impulso de Ficino, com a protecção de Cosimo de Médici, a maior parte dos textos hermetistas, platónicos e neoplatónicos, foram traduzidos. Os actores d'«Academia de Florença» despertaram então a tradição hermetista dos antigos filósofos neoplatónicos, e através deles, a do Egipto ptolemaico. Eles voltaram a dar vida a esta «*Aurea Catena*» que une os iniciados aos seus antepassados.

Para além do fundador da Academia, Pico da Mirandola, Fortuna, Giovanni



Cavalcanti, Alessandro de Rinaldo Braccesi, e muito seguramente o próprio Cosimo de Médici, foram os primeiros e os mais reputados dos académicos. Campanella, Giordano Bruno, Dante e outros estavam em relação com esta obra. Alguns dos ensinamentos do hermetismo foram reactivados especulativamente mas também ritualmente. Os seus esforços foram extremamente importantes na vontade de conciliar tão bem quanto possível a tradição cristã na sua interpretação mais teológica e os textos herméticos. A partir desta época, é possível identificar com relativa precisão o percurso da tradição hermetista.

Mas antes deste desenvolvimento da nova academia, Pleto rendeu-se várias vezes seguidas em Florença a fim de transmitir a chama que ele tinha recebido.

O grande Mestre desta tradição que foi Pleto, e quem permitiu directamente a eclosão da Renascença, morreu a 26 de Junho de 1452 (1454?). É interessante saber que os restos mortais de Pleto foram exumados por Sigismond Pandolfe Malatesta e transportados para Rimini (perto de Veneza no nordeste de Itália). Eles encontram-se actualmente num sarcófago instalado sobre um muro do «*Tempio Malatestiano*». Malatesta era um amigo e protegido de Pio II. Este repatriamento era um símbolo importante para a tradição ogdoádica. Para manifestar o símbolo na pedra, Malatesta fez modificar esta antiga igreja gótica e dotou-a com uma entrada comportando um frontão triangular à antiga e de duas colunas verticais de um lado e de outro. No interior encontramos 8 capelas, algarismo significativo, se é! Estas foram colocadas em relação com a doutrina neoplatónica. Entre elas encontramos aí uma contendo a representação das virtudes, a Justiça tendo o lugar central. Uma outra contém as sibilas, uma outra as doutrinas pitagóricas da harmonia e numa outra ainda as 3 classes de espíritos do Ar. Uma extraordinária capela dos planetas contém as 7 divindades planetárias e os 12 signos do zodíaco na sua representação pagã e neoplatónica. A oitava capela contém as 8 musas, as 7 artes liberais, Prosérpina e Apolo.


A história desta tradição vai prosseguir o seu caminho no curso dos séculos. Ela conservará em depósito estes preciosos conhecimentos, utilizando-os eficazmente no seio dos ritos e práticas.

## **CAPÍTULO DOIS**

---

### **OS PILARES DA TRADIÇÃO TEÚRGICA**

## O AMOR À SABEDORIA

No histórico precedente, nós vimos de que maneira os filósofos gregos das escolas pitagórica e platónica se tornaram herdeiros da tradição hermetista. Seria extremamente audacioso querer resumir em algumas linhas a natureza da filosofia grega, assim como a que foi desenvolvida por estas escolas. Devemos contudo sublinhar o facto de que a filosofia da época clássica é antes de tudo, como a sua etimologia indica, «o amor à sabedoria». Os universitários franceses afirmaram frequentemente que não podemos verdadeiramente falar de filosofia senão a partir de Sócrates, ou eventualmente dos pré-socráticos. Segundo eles, esta forma de discurso não existia antes e ainda menos no Egipto antigo. Um tal julgamento não pode verdadeiramente ser aceite senão ria partir do momento em que nós reduzimos a filosofia ao discurso estritamente teórico, ocultando qualquer intenção ou pressuposto espiritual e esotérico. Ora as filosofias socrática e platónica manifestam-se através da vontade de um desejo de se elevar do mundo sensível (considerado como ilusório), em direcção ao mundo espiritual e ideal. Lembremo-nos que esta ascensão é realizada através dos ritos. Na dimensão filosófica, é a prática da maiêutica – a arte de fazer dar à luz, pelo aluno, ideias preexistentes que estão nele – do discurso filosófico, que nos vai conduzir pouco a pouco em direcção a estes níveis espirituais. Mas esta forma de trabalho não se parece de todo com o que nós podemos encontrar nos sistemas escolares de hoje. Não se trata de transmitir um saber a alguém que não o deseja. Seria do mesmo modo completamente absurdo querer fazer do «amor à sabedoria» um programa escolar e ainda mais de o associar a um exame escrito no qual existia uma resposta correcta.

A prática da filosofia é um acto sagrado que nos permite efectuar uma introspecção e caminhar em direcção aos níveis divinos mais elevados.

Platão descreveu este processo em várias das suas obras, nomeadamente *O Banquete*, *Fédon* e *Fedro*. Alguns investigadores estudam contudo o platonismo neste sentido. A obra *O Ensino oral de Platão* de Marie-Dominique Richard assim como os escritos de Pierre Hadot sublinham-no claramente. As obras da filosofia clássica não são senão aspectos externos daquilo que foi transmitido e praticado na própria escola.

Mas as investigações contemporâneas efectuadas com base nos códices descobertos no Egito levam-nos cada vez mais a reconsiderar esta «originalidade» filosófica grega. Assim Jean-Pierre Mahé, especialista dos manuscritos de Nag-Hammadi, mostra que Thot rapidamente se tornou o Deus da escrita. Atribuímos-lhe a paternidade de numerosas obras, das quais a maior parte eram escritos teológicos, astrológicos, mágicos e ocultos. Ele é considerado como «aquele que sabe», sem qualquer restrição a esta expressão. Atribui-se-lhe mesmo um ensinamento filosófico. Como nós vemos nos textos hermetistas, Thot-Hermes conversa com um ou vários discípulos. Estes escritos utilizam uma forma dialogada, frequentemente fundada sobre questões/respostas. É o que será retomado na Grécia no método maiêutico. Um

texto de um historiador antigo Manéthon evoca toda uma linhagem de Hermes que transmitia de pai para filho os segredos ocultos da Tradição. Segundo este autor, e como o lembra Mahé na sua obra *Hermes no Alto Egípto, o mais antigo Thot*: «O primeiro Hermes teria gravado o seu ensinamento sobre estelas que teriam sobrevivido ao dilúvio. Depois dele existiu um segundo Hermes Trismegisto, cujo filho Agathodaimon teria traduzido em grego os escritos do seu avô, para os transmitir em seguida ao seu filho Tat.»



Trata-se aqui claramente, da descrição de uma família sacerdotal, transmitindo os segredos mágicos à sombra dos Templos de Hermópolis. Podemos aliás ver na história que os sacerdotes ou sábios, hábeis nas artes mágicas eram divinizados após a sua morte. Eles tornavam-se assim «simbolicamente» o Deus do qual eles eram os representantes durante a sua vida. Encontramos o caso de um sacerdote do templo de Thot em Tebas que era chamado: «Deus grande, Mestre da verdade que vela sobre o templo e conhece a dupla terra, o escrivão da verdade para os Deuses, o touro do ciclo divino».

Nós podemos dizer que o verdadeiro nascimento da filosofia na sua parte esotérica e iniciática, apareceu verosimilmente no seio da tradição hermetista. Ela encontrou a sua expressão pública ou profana na Grécia sob a forma que se tornou pouco a pouco específica. É sem dúvida por isto que a

distinção exotérica e esotérica foi feita pela primeira vez por Pitágoras, um Grego conhecendo relativamente bem a tradição egípcia e que ele tinha estudado no local.

Podemos agora compreender porquê o estudo da tradição filosófica platónica e neoplatónica é importante na aprendizagem da teurgia. É ela que nos revelará como nós podemos ver e compreender o mundo. Ela permitir-nos-á adquirir uma racionalidade e um rigor de análise intelectual impedindo-nos de sermos levados por não importa qual o delírio místico. A filosofia aparece como um limite, uma estruturação da nossa personalidade e do nosso desenvolvimento interior. Ela evita ao iniciado que ele se perca num delírio de correspondências e de visões difíceis de ordenar. Ela ajuda-nos a evitar o dogmatismo próprio da esfera religiosa. Lembremo-nos das palavras de Nietzsche: «*Se tu queres a paz de espírito então crê. Se tu desejas a verdade então investiga.*» Esta *Religio Mentis* encontra-se desenvolvida nas obras hermetistas e no próprio *Corpus Hermeticum*.

A alegoria da caverna resume relativamente bem a essência deste processo. Encontrareis dela uma análise precisa em anexo.

Como mostraram vários investigadores, o *Corpus Hermeticum* desenvolve duas formas de gnose diferentes. Estas duas visões e teorias poderiam parecer à primeira vista contraditórias. Com efeito, os iniciados como os filósofos platónicos aceitam como postulado esta dualidade corpo/espírito (ou alma), visível/invisível. É isso que nós chamamos o espiritualismo. Este pensamento revestiu-se de muitas formas no decurso da história. Certos espiritualistas contentam-se em opor o espírito à matéria. Eles mostram que estão aí dois modos de existência irredutíveis um ao outro, mesmo que ambos venham de Deus. É o espiritualismo dualista que se aproxima da posição platónica da qual nós falamos. Outros crêem na realidade do espírito humano, ou ainda da consciência colectiva mas recusam-se a afirmar a existência de Deus.

No espiritualismo antigo dos Gregos, a palavra «matéria» tinha um sentido bem diferente daquele que tem nos nossos dias. A matéria era para eles simplesmente o que recebe uma certa forma: a madeira, o mármore, o bronze da estátua, por exemplo. Ela era o que é determinado pela forma que lhe permitia assim realizar-se. Para Platão, a matéria é o indeterminado (*Ápeiron*), uma ama (*tithênê*), da qual os seres tiram os elementos que os compõem, um lugar (*khôra*) onde eles se situam. Com Aristóteles, a matéria tornar-se-á o poder que tende ao acto. Isto não implica que matéria e forma sejam duas naturezas diferentes.

Por exemplo, a alma é a matéria das ideias, ela é delas igualmente o poder. Ou bem ainda, a sensação pode ser o acto comum daquele que sente (do sujeito) ou do que é sentido (o objecto). A matéria não é pois forçosamente quantidade. Espírito e matéria não se opõem.

Pressupondo que a finalidade da filosofia como a da iniciação consiste em libertar a alma, torna-se evidente que o corpo pode ser considerado como um obstáculo. O adepto deve então dele se libertar para se juntar às esferas divinas. Mas se o objectivo é aceite por todos os representantes desta tradição, o modo pode ser sensivelmente diferente. Nós podemos rejeitar o corpo, considerando-o como um adversário. Mas podemos igualmente considerá-lo como um aliado e que o seu

controle, mesmo dos prazeres que ele nos proporciona, pode ajudar-nos. Se tendes fome, por exemplo, vai ser relativamente difícil meditar, praticar qualquer forma de introspecção que seja.



«Ele foi precipitado, o grande dragão, a serpente também chamada o diabo e Satã.» (*Apocalipse 12:9*)

Conclusão de toda uma teologia, de toda uma evolução de pensamento, esta frase sintetiza o princípio do mal no que parece ser a tradição cristã. Nós somos hoje os herdeiros destas concepções que marcaram a consciência ocidental. Todo o indivíduo, crente ou não, define a sua moralidade e o seu comportamento em relação a estes princípios a que ele se submete sem verdadeiramente os conhecer. É igualmente sobre este fundamento que repousa uma forma de dualismo numa civilização aparentemente monoteísta. É pois importante estudar com precisão e com os próprios textos do judaico-cristianismo, de que maneira se pôde desenvolver a personagem de Satã, assim como a noção de mal que daí decorre. Isso permitir-nos-á compreender melhor esta oposição corrente e problemática entre o mal e o bem, a matéria e o espírito. Nós não podemos contentar-nos com uma apreciação e um julgamento exteriores. É-nos necessário conhecer a linguagem dos que formularam esta concepção, para analisar do interior a evolução histórica do que se apresenta hoje em dia como uma revelação eterna...Nós poderemos em seguida extrair algumas implicações que daí ressaltam. É por esta razão que nós utilizamos neste parágrafo a hermenêutica e a história.

Na tradição judaica, a qabalah (dimensão esotérica da Bíblia e dos textos que a ela se ligam) permite por diversas manipulações das letras e das palavras atingir

um sentido velado. Vamos portanto começar por nos servir desta ferramenta para fazer algumas notas sobre a própria palavra, e interessar-nos-emos em seguida pelos textos. Tomemos para isso este termo em *Samuel* I-29:4 ou *Samuel* II-19:23.

Notamos imediatamente que na maior parte das traduções, o nome «Satã» é sinónimo de «adversário, de acusador». A palavra é aqui a mesma que a empregue no livro de *Job* ou no de *Zacarias* no que concerne à sua grafia original.

A palavra «Satã» é formada em hebraico por três letras: *Shin*, *Téth*, *Nun* final. Na sua tradução clássica, ela significa: «o adversário, o provocador de obstáculos, o acusador, o inimigo».

A qabalah permite-nos descobrir um outro sentido pela estrutura da própria palavra e das letras que a compõem. Assim *Shin* (1.<sup>a</sup> letra) é o sinal da duração relativa e do movimento que aí se liga. *Téth* (2.<sup>a</sup> letra) representa a resistência e a protecção. *Nun* (3.<sup>a</sup> letra) corresponde à existência individual e dá ao ser toda a extensão da qual ele é individualmente susceptível. O conjunto define então o estabelecimento de uma duração no termo da qual o movimento criado é inflectido diante de uma resistência tendendo a proteger-se do exterior, pela construção de uma existência individual. Este ser atrai então toda a extensão da qual é susceptível, mas num movimento que lhe é próprio.

É pois necessário ver aqui pela análise simbólica gramatical das letras, a imagem de um ser inflectindo o *élan* primitivo da criação.

Se nós invertermos as letras segundo a sequência seguinte: *Nun*, *Téth*, *Shin*, obtemos então a palavra *Natas*: «o abandono»; aquele que quer agir individualmente vai encontrar-se abandonado.

Prossigamos o estudo qabalístico, e consideremos agora a soma das letras que formam esta palavra. Cada uma delas sendo equivalente a um número, nós obtemos então:

$$300+9+500 = 809 / 8+0+9 = 17 / 1+7 = 8$$

Ora, o algarismo 8 corresponde à letra *Hêth* que representa a ideia de cerca, de clausura, de delimitação.

Antes de passar a um método mais clássico, lembremo-nos agora que esta análise esotérica permitiu-nos estabelecer: Satã é o adversário. Ele inflectiu pela sua força o *élan* da criação e produz uma extensão de si mesmo. O seu princípio primeiro consiste em delimitar, em encerrar uma força que não lhe pertence. Um risco de abandono de Deus decorre daí.

Estando estabelecida esta primeira análise, tentemo<sup>❖❖</sup>is definir o lugar que Satã tem nos textos originais.

Em *Samuel* I-29:4 o qualificativo «Satã» é atribuído a David como adjectivo: «a fim de que ele não se torne para nós um *adversário* durante o combate.» No texto hebreu, nós notamos o prefixo *lamed* que significa «em direcção». Isto quer pois dizer: «que ele não esteja na nossa direcção, na direcção do adversário (para Satã) no combate.» De alguma maneira «que ele não se passe para o

adversário». Isto transforma-se pois numa espécie de possibilidade de submissão ao adversário considerado como exterior. Nós podemos fazer a mesma nota no que concerne a *Samuel* II-19:23. Lembremos agora um texto de *Zacarias* III-3:1-2: «Ele fez-me ver o soberano santificador em pé diante do anjo do Eterno, e Satã de pé à sua direita para o acusar. O Eterno disse a Satã: “o Eterno reprime-te Satã!” Nesta passagem o nome de Satã é precedido do prefixo *Hê* o que significa *o Satã*. Ele é então designado nominalmente como o Satã ou o acusador. Com efeito, em *Zacarias* 3:1 «Satã em pé à direita para o acusar», é a mesma palavra primeiro nominal e em seguida colocada como verbo. Parece que nós nos encontramos face a uma vontade de personalizar Satã. Não se trata de uma vaga função, de um estado, mas do Satã. Este Satã está submetido ao Eterno que o reprime, e que faz em seguida vestir Josué de roupas preciosas.

Examinamos agora o texto de *Job*: «Ora, os filhos de Deus vieram um dia apresentar-se diante do Eterno, e Satã, veio também no meio deles. O Eterno disse a Satã: De onde vens tu? Satã respondeu ao Eterno: De percorrer a terra e de me passear nela.» (*Job* 1:6-7).

Uma vez mais, nós encontramos-nos face a Satã considerado como uma personalidade completa. Será interessante interrogar-se sobre o qualificativo «os filhos de Deus». Com efeito, não o são também os homens? Embora eles sejam, Satã está no meio deles, e instaura-se então um verdadeiro diálogo entre ele e o Eterno. Assinalemos que nas duas acções que Deus concede a Satã, este se manifesta na matéria. A primeira vez é o vento violento que arruína os bens de *Job*, e a segunda, ele atinge *Job* com uma úlcera maligna.

No comentário desta passagem, André Chouraqui precisa que se trata de um título mais do que de um nome próprio. Satã não tem ainda o rosto que lhe atribuirão as tradições judias e cristãs ulteriores. Ele é servidor do Eterno, e cumpre fielmente as ordens recebidas: mas já tem por função ser ao mesmo tempo adversário e tentador do homem. Ele desempenha aqui o papel de agente de informações do tribunal celeste do qual ele será o executor das altas obras.

Para comentar a passagem do texto «o Eterno diz a Satã» (*Job* 1:12), Chouraqui escreveu: «Nós vemos muito bem que ele é submisso às ordens do Eterno. Ele não é portanto livre de agir sem a sua permissão, e sublinhando este facto o texto exclui toda a possibilidade de dualismo maniqueísta.» A primeira parte desta nota é evidente. A segunda parte respeitante ao dualismo é discutível. Com efeito, a intenção aqui é de evitar claramente que esta passagem seja ligada a uma dualidade de Deuses, um sendo bom e o outro mau. Se efectivamente um não pode agir senão com a autorização do outro, uma tal dualidade poderia não existir. Mas é mesmo assim ir demasiado rápido, e isto por várias razões. Desde logo o texto mostra bem que há dualidade: Deus e Satã. Por outro lado, considerar que Satã não pode agir sem a autorização de Deus não implica que seja sempre assim. É bem o que nos mostra esta tradição que culminará com a rebelião de Satã, e por isso ao estabelecimento desta dualidade tão temida pelo judaísmo.





✦ign Se, por exemplo, nós observamos o texto de *Job* 19:6, nós vemos muito nitidamente que é Elohim que Job evoca, e não Satã. «Reconhecei então que é Deus que me causa dano», ou bem ainda em *Job* 30:21 «Tu tornaste-te cruel contra mim.»

Quando Elohim lhe responde, ele não tenta rejeitar a origem do mal sobre um outro, sobre Satã. Mas reconhecendo que estes factos vêm de Deus, ele invoca a justiça do Eterno apesar do aspecto aparente de injustiça.

Assim em *Job* 34:10 «Escutai-me pois, homens de bom senso! Longe de Deus a maldade. Longe do Todo-poderoso a injustiça!» E também em *Job* 34:17 «Será que poderá governar verdadeiramente aquele que tem o ódio por direito?», *Job* 36:5 «Deus é todo-poderoso, ele não rejeita ninguém.», *Job* 40:8-9 «Queres tu realmente anular o meu julgamento? Condenar-me-ás tu para te justificar? Tens tu um braço com o de Deus? Uma voz tonante como a sua?»

O livro de *Job* esclarece perfeitamente o papel que Satã desempenha junto de Deus. Ele não age senão com a sua permissão e define-se como o adversário e o tentador do homem cumprindo fielmente as ordens recebidas. Deus por sua parte considera, nós vimo-lo, que ele próprio provou Job, e por isso justifica plenamente a acção de Satã. Bem mais, ele não reprova em nenhum momento, este tendo sempre agido conformemente à vontade de Deus.

Em conclusão, nós podemos dizer que houve uma evolução da noção primitiva de Satã.

Em *Samuel*, ele era assimilado a uma espécie de força adversa, contrária e que podia inflectir a conduta de alguém. Mais tarde esta palavra parece ter-se tornado um título atribuído a um servidor do Eterno que tem poder sobre os homens seguindo a vontade de Deus. Poderíamos mesmo precisar um «fiel servidor», porque não se confia um tal poder a qualquer um. A confiança que lhe foi dada é imensa porque ele não pode provar além dos limites permitidos por Deus. Se Satã é pois este servidor, como explicar uma tal diferença com os textos evangélicos, fundamento do cristianismo?

Como descobrir Satã sob os traços do anjo rebelde, enquanto que ele parece ser

nos textos hebraicos o exemplo do servidor fiel? Para isso, é conveniente que examinemos alguns elementos do contexto histórico dessa época.

Lembremos em primeiro lugar que no antigo judaísmo não há questão de poderes infernais, «é um tema religioso que não existe», diz Charles Guignebert em *O mundo judeu na época de Jesus*.

«A ideia dos poderes do mal opostos numa ideia constante aos poderes do bem, supõe a do dualismo que não é de forma alguma judaica. Ela é mazdaica, mais ainda, ela é o fundamento do mazdeísmo zoroastriano.» (C. Guignebert).

É em *Henoch* que aparece pela primeira vez a ideia que os demónios são anjos caídos. A sua queda apoia-se evidentemente sobre o texto do *Génesis* 6:2-4. O chefe destes espíritos maus é Satã, Belial, Massema ou Saumael, etc. O seu reino é o do mal e da injustiça. Satã torna-se então o adversário de Deus.

Este livro compreende elementos de diversas noções. Nesta encruzilhada de pensamento, a visão dos antigos escritos vai-se modificar fundamentalmente. Satã não poderá mais numa tal mentalidade ser o auxiliar de Eterno. Ele tornar-se-á o seu adversário, e as dificuldades de transcrição ajudam, Satã será o anjo rebelde. Mas os antigos textos não permitiam mesmo assim um salto tão rápido e absoluto. Isso explica que do seio destas reflexões tenha saído livros como o de *Henoch*, parábolas ou o apocalipse de Noé.

Restava ainda assim forjar o personagem de Satã que era, no fim de contas, ainda demasiado divino. O puro monoteísmo devia ser abolido para ser discretamente substituído por um dualismo de onde surgirão bastante rapidamente as dificuldades teológicas que sabemos. Não esquecemos nesta perspectiva textos como o de *Isaías* no qual é afirmado é Deus que faz o mal: «Eu formo a luz e eu crio as trevas. Eu realizo a paz e eu crio a infelicidade; eu o Eterno faço todas essas coisas.» (*Isaías* 45:7) E é sem dúvida bastante delicado neste caso continuar a falar de um Deus de amor...

Neste contexto, temos tendência a crer que esta nova visão do anjo rebelde surge como acabada, e que esta noção estava em germe desde há muito no judaísmo. Ora, se nós nos reportarmos às influências que definimos, vamos aperceber-nos que estas duas personagens principais serviram para a edificação do que se tornou a doutrina da Igreja católica.

O primeiro foi Tifeu ou Tifão, na mitologia grega, e o segundo Seth por intermédio da mitologia egípcia presente nos meios de Alexandria. Estas duas divindades vão servir de trama à elaboração da figura de Satã, príncipe deste mundo e príncipe do mal. Os seus símbolos, os seus caracteres vão permitir ligar Satã a aspectos correspondentes nos textos, assegurando assim uma fundação durável e sólida a esta concepção.

Começemos por traçar rapidamente as grandes linhas da história de Seth na mitologia egípcia. Este Deus encarnava-se numa besta elegante e bizarra: um corpo esguio, longa cauda lisa, focinho afiado e adunco, olho vivo, altas orelhas direitas e biseladas. Com efeito, foi um ídolo imemorial deformando fantásticamente os traços de uma ou várias espécies. Durante séculos ele foi um Deus «de grande valência», senhor da tempestade. O faraó não experimentava

senão a glória de ser «o Hórus e o Seth». Contudo a influência profunda do mito osiriano fez dele pouco a pouco um vil demónio. Neste mito, o irmão de Osíris, Seth, concebeu o ciúme ao ver o amor que Osíris atraía para ele. Com setenta e dois cúmplices, ele tirou a medida ao seu irmão e fez construir um soberbo cofre. No decurso de um banquete, ele propôs oferecê-lo àquele que, deitando-se nele o enchesse exactamente. Quando Osíris o experimentou, os cúmplices fecham rapidamente a cobertura, selaram-no com chumbo fundido e deitam-no ao rio. Ísis teria então encontrado o corpo do seu esposo e tê-lo-ia escondido. Seth descobriu este esconderijo e retalhou o corpo de Osíris e espalhou os bocados por todo o Egipto. Ísis encontrou cada parte, e segundo as versões, Nut, a sua mãe (Thot ou Anúbis), restitui-lhe a vida. Hórus, filho de Ísis e Osíris, combateu Seth e os Deuses partilharam o Universo entre ele e Hórus.

Segundo certas tradições, Tifão foi um filho monstruoso de Hera, engendrado sem pai. Tifão era meio humano, meio fera.



O seu corpo era imenso e rodeado de víboras até a cintura. O alto do seu corpo tinha asas e os seus olhos lançavam chamas. Os seus dedos eram substituídos por cabeças de dragão. Ele resolveu atacar o céu. A tradição regista que vários Deuses se enfureceram e se refugiaram no deserto do Egipto, onde eles se revestiram de formas animais: Apolo em milhafre, Hermes em íbis, Ares em peixe, Dionísio em bode, Hefesto em boi, etc. Só Atenas e Zeus resistiram ao monstro.

Zeus atinge o monstro com o raio. Tifão esconde-se na esperança de aumentar a sua força e quis comer os frutos mágicos que possuía o monte Nisa.

Zeus "perseguiu-o e desencorajou-o definitivamente, Tifão escondeu-se. Ele faz-se esmagar por Etna que Zeus lançou sobre ele. As chamas que saíram do vulcão são quer as que vomita o monstro, quer as dos raios com os quais Zeus o abateu. Atribui-se-lhe a paternidade da Hidra de Lerna, da quimera e do cão Ortros.

Por estas duas personagens principais, assim como pela influência assinalada precedentemente do mazdeísmo, nós podemos aperceber-nos imediatamente do

número importante de pontos comuns. Nos dois casos Seth e Tifão são de uma linhagem divina. Ligado à terra, o mito grego sublinha os laços numerosos entre Tifão, as serpentes e o dragão. Os seus respectivos corpos são formados de animais diversos e de aspecto humano. Ambos desejam reinar sobre os céus, e para isso fazer obstáculo aos Deuses «para colocar os seus tronos para lá das nuvens e igualar Deus em poder». Estas são as ideias chave que nós elevamos mais alto e que irrompem quando da redacção da *Versão dos Setenta* e dos *Apócrifos*. Torna-se muito rapidamente evidente que este Satã que colocaram perto do Eterno, não é outro senão Seth ou Tifão. Ele devia aparecer aliás, nos textos sob um outro nome ou sobre uma outra forma. Não se tornava ele com efeito o «o enganador»?

As relações simbólicas fizeram-nos descobrir na génese sob a forma evidente da serpente. O enganador por excelência tinha nascido, e todas as nossas faltas, as nossas falhas, podiam provir não do decreto de Deus, mas da acção de Satã. O Deus bíblico desresponsabilizava-se desta situação. Contudo, se a noção de base descobrindo Satã como o enganador e o adversário do Eterno se espalha rapidamente, o seu aspecto guarda durante séculos a aparência angélica. Na primeira arte bizantina, Satã é sempre representado sob os traços de um anjo cheio de nobreza e de beleza contrariamente aos diabos (deformidades, caretas, etc.). Só as cores violeta sombrio e azul noite o personalizam, opondo-o aos bons anjos dos quais a tinta característica era o vermelho. Um mosaico de Santo Apolinário de Ravena representa o Cristo no último julgamento, separando as ovelhas e os bodes. Duas figuras de anjos aparecem assimetricamente; uma vermelha do lado dos eleitos, uma violeta do lado dos reprovados (*Dicionário de angeologia cristã*, Tomo XV).

Não é senão na Idade Média que Satã vai ser representado sob uma forma aproximando-se de muito perto a de Tifão.

O mito de Satã estava instalado e o dualismo podia tê-lo também. Satã oposto a Deus tornou-se o enganador. Ele encarnaria o príncipe do mal por oposição ao Eterno, mostrado como bom e imutável. Ora, lembremos que nos antigos textos, Satã não é considerado como o adversário de Deus, mas ao contrário, colocado ao seu lado como o executor.

Nós lemos contudo em *Sabedoria* 2:24: «Mas por inveja de Satã, a morte veio a este mundo e exprimentá-la-ão aqueles que pertencem ao seu lote». Está aqui a formulação característica da época que nós pomos em causa, e a sua presença nos textos antigos é absolutamente anacrónica. A. Chouraqui diz no seu comentário do livro da Sabedoria: «A língua e a inclinação de espírito do autor são todavia helenísticas. A importância do livro vem que ele se situa numa encruzilhada central da história humana; entre Platão e Plotino, entre a Bíblia e o Talmude e na época de Ieshouah... Os índices linguísticos e históricos fazem do seu autor um contemporâneo do reino de Calígula (37-41) ou em rigor de Cláudio (41-54)».

Um problema põe-se então logo que nós abordamos a mensagem transmitida de Jesus. Com efeito, os textos dos quatro evangelhos canónicos são profundamente marcados pela edificação de Satã como príncipe deste mundo, até desembocar sobre a noção do diabo cara aos «Santos Inquisidores». Convém

conservar bem no espírito que o contexto no qual o cristianismo se desenvolveu, foi o da elaboração da angeologia e da demonologia. Quanto ao testemunho de Jesus, ele foi-nos transmitido pela boca daqueles que o rodeavam e pôde sofrer inegáveis deformações. Nós vamos desde logo utilizar como referência o Evangelho de Mateus.

«Imediatamente após o baptismo, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo.» (*Mateus 4:1*) Convém notar que é o espírito, ou mais exactamente «o sopro» de Adonai que o conduziu ao deserto. A palavra diabo não deve ser aqui considerada como definitiva porque quando Jesus falou, ele dirigiu-se exactamente e precisamente a Satã: «Retira-te Satã!» (*Mateus 4:10*) Assim, no texto onde Jesus é tentado ou provado por Satã, este último apareceu sempre como membro da corte celeste e agiu logo que o sopro de Deus lhe trouxe Jesus. Em nenhum momento vemos intervir uma noção de mal associada a Satã nesta passagem. Reportemo-nos agora a *Mateus 16:22*: «Pedro chamou-o à parte e começou a fazer-lhe repreensões dizendo: Deus te livre de tal Senhor! Isso de modo nenhum te acontecerá [A sua morte]. Mas Jesus voltando-se disse a Pedro: Para trás de mim, Satã! Tu és para mim um escândalo porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens.».

Satã é aqui assimilado por Jesus ao Satã de Samuel. Ele não é personificado, ele é a força adversa. É ela que se opõe e da qual nós demos uma ideia no estudo da palavra hebraica. Satã não é pois um título dado a um enviado do Eterno como é o caso em *Mateus 4:10*. Uma precisão é dada por Jesus quando ele diz que os seus pensamentos são os dos homens e não os de Deus. Isso significa que a força adversa é a de Satã.

Agora que nós demos uma ideia da maneira como Jesus fala de Satã, observemos o que ele pode dizer directamente, enquanto ele próprio é acusado de curar com a ajuda do diabo. «Os fariseus dizem: este homem não expulsa os demónios senão por Belzebu, príncipe dos demónios.» Notemos que é feita aqui alusão ao príncipe dos demónios que não tem nada a ver com a Torah, visto que se trata de um nome verdadeiramente cananeu ou fenício «Baal-Zéboub».

«Jesus, disse-lhes: todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e não subsistirá. Se Satã expulsa Satã, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?» (*Mateus 12:24-26*) Se todo o reino dividido contra ele próprio é devastado, como poderia Satã ser o príncipe deste mundo? Com efeito segundo o mito bíblico, Deus criou o céu e a terra e todas as coisas no universo lhe pertencem. Ora, se Deus é único e imutável, ele não pode admitir que seja dividido. Isso significa que não pode haver dois estados no universo: um Deus bom, Pai dos homens e um príncipe do mal, possuindo um reino. O Pai não pode dividir-se. Contudo Jesus reconhece implicitamente na frase que segue que Satã é príncipe deste mundo. Isto não significa forçosamente «príncipe do mal». «Príncipe deste mundo» completa de alguma maneira o próprio título de «Satã». Não esqueçamos que ele foi enviado pelo Eterno sobre esta terra designado para provar os homens. Nós compreendemos melhor então as referências de Jesus a Satã, e a justiça como a qual ele o podia reconhecer como «Príncipe deste mundo». Assinalemos que quando lhe foi apresentado o nome de «Belzebub» e desde logo «príncipe do mal», ele foi do mesmo modo substituído por «Satã», voltando assim à significação real do que ele queria dizer.

Mas numerosas passagens mostram Jesus reprovando o diabo e votando-o eternamente ao inferno. *Mateus* (25:41) Deus escreveu: «Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos». «E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.» *Mateus* (25:46)

Nós não temos até ao presente utilizado senão o evangelho de Mateus para raciocinar a partir de um mesmo texto, mas nós podemos agora examinar os outros narradores, por exemplo João, sobre alguns pontos colocando em causa Satã e o mal: «Vós tendes por Pai o diabo, e quereis satisfazer os desejos do vosso pai. Ele foi assassino desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele.» (*João* 8:44)

Se Satã não é o mal, o diabo corresponde aqui a qualquer outra coisa. Ora, em *Génese*, o primeiro assassino não é a serpente, mas Caim, e a referência é então falante: «Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.» (*Génese* 4:8)

«E disse Deus: Agora tu serás maldito desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão.» (*Génese* 4:11)

«Agora, é o juízo deste mundo, agora será expulso o príncipe deste mundo.» (*João* 12:30)

Os Actos dos apóstolos e as Epístolas vão por sua parte desenvolver o tema de Satã, chefe dos pecadores do qual nós mostramos precedentemente a origem. Eles vão assentar esta concepção sobre os textos sagrados e fazer do personagem de Jesus o destruidor do diabo.

Nós podemos percorrer esta elaboração através de alguns extractos.

Jesus aparecendo a Paulo sobre o caminho de Damasco disse: «Livrando-te do povo e dos pagãos, aos quais vou enviar-te, para lhes abrires os olhos, a fim de que eles passem das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus, e que eles recebam o perdão dos pecados» (*Actos* 26: 17-18). Paulo escrevendo à Igreja de Corinto diz: «Da mesma forma como a serpente enganou Eva com a sua astúcia» (*2 Coríntios* 11:3) Dirige-se mais longe aos Hebreus: «Também ele de uma maneira semelhante participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo» (*Hebreus* 2:14)

«Não deis acesso ao diabo» (*Efésios* 4:27) «...e sede, pois os imitadores de Deus, como filhos amados.» (*Efésios* 5:1)

«Opondo-o a Jesus, Paulo designa em Satã o mal por excelência, que ele tem não certo por príncipe do mal oposto ao bem mas como o chefe dos pecadores, o adversário irreconciliável de Jesus. Podemos concluir que ele o via como o Deus que adoravam os pagãos.» (*Dicionário de teologia católica*)

Satã foi então por acção de Paulo assimilado ao diabo, ao chefe dos demónios, à encarnação do mal. Satã príncipe deste mundo e auxiliar de Deus estava morto, o diabo chefe dos demónios podia viver.

Em resumo, nós podemos agora dizer que Satã é o mesmo para Jesus que para

os textos mais antigos da Torah. Nós podemos assim ver que Satã era:

- Um influxo tendendo a inflectir o *élan* vital. Ele é uma força de estruturação e aglomeração.
- Ele é um título atribuído a um servidor do Eterno que tem poder sobre os homens, seguindo a vontade de Deus. Ele é um fiel servidor, e a este título ilustra a força precedentemente definida caracterizando o reino sobre o qual ele irá exercer os decretos do Eterno.
- Ele é o príncipe deste mundo, pois que o seu título de Satã — título engaja a provar os homens e a ser o enviado do Eterno sobre esta terra.

Em nenhum momento Satã é considerado como a personificação do mal. Ora, no contexto tal como nós o descrevemos, ele não pode ser senão o governador dos poderes maus. Ele torna-se nisso com efeito rapidamente por uma assimilação entre os Deuses maus do Médio Oriente sintetizados pela imagem do diabo, e a personagem que acabámos de definir. Bastante rapidamente, todos os Padres da Igreja no seguimento dos primeiros apóstolos acabarão esta transformação quebrando este monopólio do Deus único. Introduzir o diabo na teologia e o dogma cristão foi uma maneira involuntária de reintroduzir os Deuses pagãos. Eles não desapareciam, eles mudavam somente de roupagem. Podemos perguntar-nos se este deslizamento e esta conservação de um dualismo que toma a sua fonte no politeísmo foram totalmente fortuitos, ou bem o resultado de uma vontade deliberada de recuperar a herança do passado própria aos fins da Igreja.

Os Padres da Igreja, não hesitaram em pronunciar-se sobre este assunto: «Existe uma tradição tácita e misteriosa mantida até nós [...] uma instrução secreta que os nossos pais observaram [...] porque eles tinham aprendido que o Silêncio é necessário à manutenção do respeito dos mistérios.» (*São Basílio*) São Clemente de Alexandria aproxima os mistérios cristãos dos mistérios de Eleusis. (*Stromates* I) depois ele escreve: «O Senhor permitiu-nos comunicar estes mistérios divinos e esta santa luz àqueles que são capazes de os receber [...] eu tornei-me Santo desde que sou iniciado. [...] É o Senhor que é o hierofante, ele opõe o seu selo ao adepto. Eis as orgias dos nossos mistérios; vinde vós e fazei-as receber.»

É necessário pois daí deduzir, como certos declaram, que o cristianismo, conservou no seu seio a quintessência do paganismo? A resposta decorre de dois factos que nós em parte evocámos:

1) O paganismo não pode reduzir-se à sua expressão do início da era cristã. Para definir o paganismo, é necessário remontar muito mais longe, à época de Pitágoras por exemplo. Com efeito, na época cristã, o paganismo é quase essencialmente centrado sobre uma gnose dualista. É esta visão que será desenvolvida pelo cristianismo e as diferentes «heresias» que dele saíram, tal

como o catarismo. O mundo é o lugar do mal do qual é necessário desligar-se para se juntar ao céu, a imagem do Bem. Começado por Platão, esta tradição encontra-se pervertida na ideia do pecado e da salvação. Como nós vimos, o hermetismo não se reduz evidentemente a esta tradição deformada que consiste em fazer do nosso corpo, da nossa matéria e do nosso mundo o espectáculo da corrupção, da fealdade e do mal.

2) No seu começo, se o cristianismo integrou bem numerosos elementos do paganismo, ele transformou-os na maior parte integrando-os numa estrutura judaica que era radicalmente oposta aos valores pagãos. Podemos pois encontrar no cristianismo numerosos traços pagãos. E nós poderíamos quase dizer que é aí que se situa a originalidade desta religião. Com efeito, uma análise mais fina mostrar-nos-ia que a actual religião cristã funciona sobre princípios e tradições que são no seu essencial pagãos. Nós poderíamos quase dizer, sem nenhuma animosidade, que aqueles que se dizem actualmente cristãos, não são mais que pagãos que o ignoram. A única dificuldade maior da teologia cristã desde o seu nascimento, consiste em não poder conciliar um monoteísmo fundamentalmente hebraico com uma dualidade pagã. Os filósofos antigos tinham excluído o mal, a violência e a perversão da esfera divina. Os sofrimentos explicam-se então pelo destino e os conflitos entre os poderes divinos ou humanos. A coisa era possível pela existência de um politeísmo não restritivo. Querer suprimir estas ideias e manter a ideia de um Deus bom era impossível. Isto colocava o humano numa perspectiva totalmente contraditória, que não podia conduzir senão a uma interdição de toda a discussão e de pensamento crítico. O contraditório e o absurdo tornaram-se a norma e a própria justificação da verdade. «Eu creio porque tudo isto é absurdo» - frase derivada de um texto de *Tertuliano* -, é uma declaração que se situa no oposto absoluto da tradição iniciática teúrgica. Ela ilustra notavelmente bem a vontade de rejeitar a razão e iniciação para colocar no ponto mais alto a fé cega que levará aos homens aos extremismos que conhecemos actualmente.



**CAPÍTULO QUATRO**  
**---**  
**OS LIVROS SAGRADOS**



mas a própria fé. Deus manifesta-se quando ele deseja e a sua palavra é definitiva.

No Hermetismo, alguns elementos sobre esses processos são explicados nos diversos textos, como *Os Mistérios do Egito* de Jâmblico. Após ter precisado que existem formas de adivinhação pública e outras privadas, ele define a adivinhação daqueles que «se mantêm de pé sobre os caracteres», e o método que nos interessa aqui dito «de adução da luz» - aqueles que recebem a inspiração divina - . Esta é representada pela luz divina (o Sol), e ilumina no curso da operação teúrgica «o veículo etéreo e luminoso ligado à alma» (*Livro III-14*). Esta etapa de adução da luz atingida e estabelecida, os Deuses utilizam a nossa faculdade de imaginação para lhe imprimir imagens, ideias, mensagens que devem ser recolhidas. Este fenómeno, explica Jâmblico no *◆Livro II-14*, pode passar-se de duas maneiras: quer os Deuses pedem emprestado o canal de luz e introduzem-se em nós, quer eles se manifestam do exterior sobre a nossa alma. É neste momento que o nosso espírito está pronto a receber mensagens. O texto que citamos explica claramente que não é a nossa imaginação humana que cria, mas que ela recebe simplesmente o impulso dos Deuses. Convém contudo que o adivinho ou teurgo seja formado a fim de poder praticar esta ciência profética sem lhe juntar elementos pessoais, tais como os seu próprios fantasmas ou desejos reprimidos. Voltaremos a falar disto assim que analisarmos os critérios que caracterizam um texto sagrado. Aqui, e apesar das numerosas formas de adivinhação, «todas se resumem a uma só, a iluminação da claridade, quaisquer que sejam os lugares ou os instrumentos de iluminação».

É assim que foram recebidos os primeiros livros sagrados da tradição hermetista e ogdoádica. Thot transmitiu a sua mensagem e pediu àquele que a escreveu que ela fosse escrita com os caracteres mágicos, os mais santos. Evidentemente, já não possuímos estas tábuas de pedra, mas a tradição perpetuou-se e nós detemos numerosos fragmentos do primeiro livro utilizado muito tempo na tradição teúrgica: *Os oráculos caldeus*.

Os autores, ou fontes dos textos fundadores, são sempre difíceis de determinar. Segundo diversos investigadores, entre os quais *Polymia Athanassiadi*, é em Apamea na Síria que é necessário investigar o nascimento deste livro. O meio caldeu é claramente identificado pelo título. É igualmente aí que Jâmblico ensina. Os «Caldeus» ou «Teurgos» designam os Julianos, Pai e Filho. Juliano o teurgo (Filho), teria produzido pela utilização da adivinhação teúrgica e com a assistência do seu pai um livro intitulado *Logia di èpon*. Uma vez esta obra completa, foi definitivamente fechada. Nós não encontramos qualquer comentário no seio deste documento. Ele revela-se somente como a transcrição literal da palavra divina.

Os hermetistas futuros comentarão este texto, mas o escrito permanecerá tal e qual ele se encontrava originalmente. Não podemos senão lamentar não o possuir na integralidade. Contudo, o estudo dos fragmentos - e dos seus comentários posteriores -, é considerado como fundamental na tradição da Magia Divina evocada neste livro.

Mais tarde, entre os séculos VI e XI, foi reunido sob o título de *Corpus Hermeticum*, um conjunto de textos considerados como sagrados pelos hermetistas e filósofos neoplatónicos. Trata-se do *Pimandro* (Tratados 1 a 17) no qual, como diz François Bonardel: «o Noûs-Deus, na pessoa de Pimandro, revela a Hermes Trismegisto esta sabedoria divina que, transmitida a discípulos escolhidos, constitui o ensinamento fundador do que se tornará a tradição hermética.» Outros escritos serão incluídos nestes tratados: o *Asclepius* (ou *Discurso perfeito*) e *Os fragmentos de Estobeu*.

Papiros mágicos, textos alquímicos gregos e outros relatos curtos saídos dos achados gnósticos poderiam ser agregados a este corpus. Eles não fazem todos parte do mesmo, historicamente falando, se bem que eles possam estar directamente ligados. À diferença dos Oráculos Caldeus, os discursos contidos no Corpus fazem alternar as revelações do Deus e os discursos filosóficos. Nós estamos mais perto dos diálogos platónicos que dos Oráculos. Todavia, é sobre este fundamento que a tradição ulterior se vai desenvolver e construir.

Nós poderíamos juntar a isso certos elementos transmitidos pelos alquimistas e filósofos árabes, revelados por alguns para os cristãos da Idade Média. É o caso, por exemplo dos *Sete capítulos atribuídos a Hermes*, assim como a célebre *Tábua de Esmeralda* apresentada por Alberto o Grande (1193-1280). Nós damos dela uma restituição mais à frente nesta parte.

Em conclusão, é interessante dizer algumas palavras sobre a natureza divina dos livros sagrados. Mostrámos mais acima que em certos casos a revelação divina podia, no seu processo de manifestação, misturar-se a elementos puramente humanos e psicológicos. Estaríamos então no direito de nos perguntarmos se existem critérios mais ou menos objectivos que nos permitam distinguir estes acrescentos da consciência humana. Nós sabemos que na tradição teúrgica, Deus ou os Deuses são bons, justos e que se manifestam através do Belo e do Verdadeiro. Toda a injunção ligada à violência, à crueldade ou ao assassinio é pois absolutamente contrário à natureza divina. Um texto incitando a este género de coisas não pode pois ser considerado como sagrado. É por esta razão que os escritos sagrados hermetistas não propõem nenhum destes valores, quer isso seja real ou simbolicamente.



Nós estamos longe de textos tais como:  
«Moisés pôs-se em pé na porta do campo e disse: a mim aqueles que são para o Eterno! Todos os filhos de Levi se juntaram à volta dele. Ele disse-lhes: Assim fala o Eterno: Que cada um de vós ponha a sua espada ao lado; atravessai e percorrei o campo de uma porta à outra, e que cada um mate o seu irmão, o seu amigo, o seu parente. Os filhos de Levi fizeram conforme à palavra de Moisés; e caíram entre o povo aquele dia uns três mil homens. Moisés disse: Consagrai-vos hoje ao Eterno, cada um mesmo à conta do seu filho, ou do seu irmão, a fim de que ele vos conceda hoje uma bênção.» (Bíblia, Êxodo 32:26-29)

## OS TEXTOS

### ***Corpus de Hermes - A Criação***

O *Corpus Hermeticum* do qual temos estado a falar, apresenta-nos um relato da criação que nos é extremamente importante e interessante descobrir. Compreenderemos então qual é o estilo destes escritos sagrados para certos dos quais nós não possuímos senão alguns fragmentos. O texto que se segue é traduzido e adaptado pelo autor desta obra.

### ***Tratado Um - Hermes Trismegisto - Pimandro***

Um dia, enquanto eu estava mergulhado nos meus pensamentos, reflectindo sobre a natureza dos seres, eu senti um torpor invadir o meu corpo, como se eu me perdesse num profundo sono, esgotado por um farto repasto ou uma grande fadiga. Mas estranhamente o meu espírito elevou-se pouco a pouco, planando acima de mim, em alturas ligeiras. Foi aí que eu vi um ser gigantesco, de um tamanho impossível de medir. Ele aproximou-se englobando nele a imensidade do espaço. A sua voz ecoou claramente no meu espírito, dizendo:

- Que buscas tu? Que desejas tu conhecer?


Eu replicava sem hesitação:

- Mas tu, quem és tu?

- Eu sou Pimandro, respondeu ele, o Noûs, o Soberano absoluto de todas as coisas. Eu estou contigo a todo o instante e sei o que tu procuras sem o poderes nomear.

- Oh, eu procuro conhecer os seres, a natureza de Deus, eu aspiro a compreender o Universo com toda a força da minha alma!

- O teu desejo é justo. Guarda-o em ti e eu ensinar-te-ei os mistérios de todas as coisas.

Sobre estas palavras , ele mudou subitamente de aspecto. O seu ser por inteiro tornou-se uma viva e intensa luz que me banhou num êxtase e numa alegria que eu ainda não tinha nunca conhecido. Eu não via limite a esta presença insondável e o meu coração abria-se com proveito a todo o instante, amando sem reserva, unindo-me com todas as fibras da minha alma àquilo que eu percebia e sentia.

Mas longe acima de mim, eu notei como um movimento sinuoso. Uma ondulação tenebrosa, assustadora, deslizou-se ao pé do lugar em que eu me encontrava. Ela avançava, semelhante a uma serpente sombria que se enrolava em espirais num silêncio ameaçador. A obscuridade tornou-se pouco a pouco menos intensa enquanto o ar se carregava com uma humidade crescente. Nuvens de vapor começaram a libertar-se, subindo em direcção a mim com braços imensos e moventes que silvavam estranhamente a cada um dos seus movimentos. O mundo que estava até aí silencioso animava-se, gritos inarticulados pareciam jorrar do Fogo que enchia ao ar.

A luz tornou-se mais intensa e um sopro vibrante jorrou daí. Esse som que eu não entendi fez vibrar os meus tímpanos e desceu a misturar-se a esta estranha natureza em formação. No instante em que ele tocou a obscuridade carregada de humidade, um fogo magnífico, brilhante, quase irreal lançou-se em direcção às regiões maravilhosas onde eu estava. As chamas elevaram-se e rodopiaram transportadas pelo vento e o ar. Esta intensa e sublime dança era um verdadeiro encantamento celeste. Em baixo, a água e a terra estavam tão intimamente misturadas uma na outra, que era impossível distingui-las nos seus movimentos.

Então ressoou de novo a voz de Pimandro:

- Compreendes tu o significado do que vês?

- Não, disse eu.

- A luz que tu contemplas é a minha, a do Noûs, eu que existia muito antes que a obscuridade se manifestasse, muito antes que o húmido se revelasse nela. Quanto ao sopro, a esta palavra luminosa ressoando no silêncio, é aquele que jorra do meu coração; é o filho de Deus.

- Eu não compreendo nada dessa linguagem...

- Lembra-te do que eu acabo de te dizer do teu próprio ser. O Verbo, o Logos, ao mesmo tempo som e luz são a tua faculdade de ver e de entender. Deus o Pai é o teu Noûs. Estas duas naturezas nunca estão separadas e a tua vida depende da sua união.

- Agradeço-te, oh Pimandro.

Eu senti que a sua atenção se concentrava em mim, que uma força intensa nascia no ar que me rodeava e ele disse:

- Fixa o teu olhar no coração da luz e que nasça em ti a compreensão à qual tu aspiras.

A tensão que eu senti aumentou em intensidade e eu comecei a tremer em todas as partes do meu ser. Pareceu-me que a parte em mim que ele tinha chamado Noûs se harmonizava com o coração da luz que eu contemplava. Eu fiquei a ver u ma luz toda feita de múltiplos Poderes estender-se até formar um mundo sem limites. Mas este fogo poderoso era mantido por uma força ainda maior que o retina solidamente dando-lhe a sua estrutura, a sua estabilidade.

Completamente perdido na visão destes Poderes luminosos, eu ouvi de novo a

sua voz ecoar:

- Tu acabas de ver a forma arquetípica, o primeiro princípio que existe antes mesmo do começo do que não tem fim.

- Mas, disse eu, de onde apareceram os elementos da natureza?

- Da vontade de Deus que, contemplando a beleza deslumbrante do mundo arquetípico, ideal, faz as almas segundo a sua própria natureza.

Escuta o relato do que sucede neste momento:

O Noûs Deus, ao mesmo tempo macho e fêmea, vida e luz, dá nascimento pelo Verbo a um segundo Noûs demiurgo. Este novo Noûs, Deus do fogo e do sopro faz 7 Governadores (sete planetas), que se organizam segundo as trajectórias circulares à volta do mundo sensível. Do Poder destes Governadores nasce o destino.

Neste instante o Verbo de Deus separa-se dos elementos da pura natureza que acabava de ser feita e uniu-se ao segundo Noûs demiurgo, tendo ambos a mesma natureza. Os elementos da natureza inferior, abandonados pela razão (o Logos) e deixados a si mesmos, tornam-se na matéria simples.

Por seu lado, o Noûs demiurgo unido ao Verbo envolveu os 7 círculos de poder, imprimindo-lhe o divino movimento circular, sem começo nem fim. Enquanto que estas rotações começam a ritmar o Cosmos, o Noûs tirou dos elementos os animais não possuindo razão, tendo-os deixado o Verbo. Do Ar ele tirou os voláteis, da Água os seres aquáticos. A Terra e a Água tinham sido separadas, e da primeira saíam os animais terrestres, os répteis, as bestas selvagens assim como as domésticas.

Então o Noûs, poder de vida e luz do mundo, gera um Homem semelhante a ele. E o Homem era tão belo que o Noûs se enamora da sua imagem, amoroso da sua própria forma à qual ele deu tudo aquilo que tinha feito.

Ora, assim que o Homem olhou o que o demiurgo tinha organizado no Noûs Pai, ele também quis compor uma obra e conseguiu obter o acordo do Pai. Ele entrou então na esfera do Demiurgo a fim de utilizar este poder. Vendo-o pela primeira vez, os governadores enamoraram-se dele e cada um deu-lhe uma parte do poder da sua esfera. Conhecendo a sua essência, participando da sua natureza, ele quis atravessar cada um dos seus círculos e conhecer a estrutura repousando sobre o Fogo.

É então que o Homem, que tinha todo o poder sobre os seres mortais e os animais sem razão se inclinou em direcção às esferas, quebrou o seu invólucro, e mostrou à Natureza que estava em baixo a maravilhosa forma de Deus. A Natureza já tinha percebido o reflexo do homem na água, mas assim que ela viu a sua beleza inesgotável, o poder dos Governadores junto à forma de Deus, ela subitamente deu-se conta da força do seu amor por ele. O Homem também percebeu o seu reflexo na Natureza. Ele ficou instantaneamente enamorado e quis juntar-se-lhe para aí residir. Ele quis isso e também isto se realizou. Ele penetrou a forma sem razão e a Natureza recebeu nela o seu bem-amado,



enlaçou-o, e os dois uniram-se num amor ardente.

É por esta razão que o homem é o único de todos os seres vivos da terra a ser duplo, ao mesmo tempo mortal pelo seu corpo e imortal pela sua parte espiritual. Com efeito, embora ele seja em si mesmo imortal e que o seu poder se estenda sobre as coisas, que o envolvem, ele conhece a condição dos mortais, porque ele está também submetido ao destino. Assim, se bem que a sua origem se situe além das 7 esferas divinas possa deixar supor a sua toda potência, ele não se tornou menos escravo. Do seu pai ele conserva esta dualidade. Como ele, ele é ao mesmo tempo macho e fêmea, mas à sua diferença, uma parte do seu ser está submetida às condições naturais.

Depois destas últimas palavras terem ecoado, eu deixei enfim o meu ser exprimir-se dizendo:

- Oh meu Noûs, eu estou, eu também amoroso da palavra.

Poiamandro retomou com uma voz mais baixa:

- O que eu vou dizer-te é o mistério que esteve escondido até hoje. A Natureza que se tinha unido amorosamente com o Homem produziu um milagre sem paralelo. Aquele que ela enlaçava plena de desejo era composto da natureza das 7 estruturas misturadas ao Fogo e ao Sopro. E ela dá origem a 7 homens todos diferentes, que estavam em estreita relação com os 7 governadores celestes. Cada um de entre eles, ao mesmo tempo macho e fêmea, levantou-se e voltou o seu olhar em direcção aos céus.

Eu interrompi-o dizendo:

- Oh Pimandro, eu ardo de te entender. Não te afastes mais do teu assunto e prossegue o que tu começaste a desvelar-me!

- Cala-te pois, eu nem sequer acabei ainda de desenvolver o primeiro ponto.

- Eu calo-me, respondi eu, cheio de medo que ele me interrompesse as revelações que eu recebia.

- Assim pois prosseguiu ele, eis como se fez a geração dos 7 primeiros homens: a *Terra* foi o *elemento feminino*, a *Água* o *genitor* e o *Fogo* aquele que conduziu à *maturidade*. Quanto ao *Ar* ou *Éter*, ele foi o *veículo do sopro vital* vindo misturar-se à natureza. É então que se forma o corpo sobre o modelo do homem. Quanto às partes imateriais que eram a vida e a luz, elas deram nascimento respectivamente à alma e ao intelecto. Assim permaneceram todos os seres do mundo sensível até que apareceram as espécies.

Escuta agora o que tu desejas tanto entender. Quando o período passado foi terminado, e que foi o começo de um novo ciclo, a vontade de Deus rompeu a ligação que unia todas as coisas. Todos os animais, como a espécie humana inteira, foram num instante divididos em duas partes, a macho e fêmea.

Então a palavra sagrada de Deus ecoou: «Vós que fostes criados, cruzai-vos e tornai-vos uma multidão. Que aquele que possui o intelecto saiba que ele é imortal e que a morte assim que ela se apresenta é o feito do desejo. Que ele se

avance e conheça todos os seres.»

No mesmo momento em que esta frase se acabava, a Providência estabeleceu uniões, suscitou as gerações sob a influência do destino e da estrutura das esferas. Depois todos os seres se multiplicaram, cada um segundo a sua espécie. Cada um fez os primeiros passos sobre o caminho. Alguns, unidos à alma e eleitos entre todos avançaram em direcção ao Bem, enquanto outros agarrados ao corpo, cheios de desejo permaneceram na obscuridade, sofrendo nos seus sentidos os tormentos da sua morte.

Dirigindo-me de novo a Pimandro eu disse-lhe:

- Mas qual pode ser esse grande erro que fizeram aqueles que estando privados da imortalidade permaneçam na ignorância?

- Tu não me pareces ter reflectido muito no que acabaste de ouvir! Não te pedi eu para estares atento?

- Eu presto toda a atenção que sou capaz, eu aplico-me a lembrar-me do que tu me desvelas e eu dou graças por todas estas coisas.

- Então se tu prestaste atenção ao que acabo de dizer, diz-me porque é que aqueles que estão mortos, ainda merecem morrer?

- Porque a fonte de onde procede o corpo individual é a Obscuridade de onde vem a natureza húmida. É a partir dela que o nosso envelope se constituiu no mundo sensível. É aí que a morte encontra a sua fonte.

- É bem isto, mas então como explicas tu a palavra de Deus, segundo a qual «aquele que conheceu a sua essência interior avança-se e ✨r am direcção a Deus»?

- Porque a Luz e a Vida das quais o Pai é composto deram origem ao que em nós constitui a nossa essência, a alma e o intelecto.

- É como tu dizes e é bem de Deus e do Pai que nasceu o Homem. Se pois tu aprendes a conhecer-te como um ser de vida e de luz, então tu retornarás à vida, disse-me Pimandro.

Cheio de perplexidade e de perturbação eu retomei:

- Mas diz-me, oh meu Noûs, como iria eu à vida porque Deus não disse: «Como o homem que tem intelecto se conhece a si mesmo?» Ora não têm todos os homens este intelecto?

- Não te deixes ir por tais raciocínios. Eu, o Noûs, eu estou ao pé daqueles que são santos, bons, puros, misericordiosos e piedosos. Eu sou para eles um socorro pelo qual eles conhecem todas as coisas. Elevando a sua alma em direcção ao Pai por amor, as bênçãos e os hinos requeridos, eles criam esta ligação essencial. Conhecendo sobre eles uma influência dos sentidos eles compreenderam a natureza antes da morte. Eu, o Noûs, eu não permitirei que o corpo possa perturbá-los, porque enquanto Guardião das portas, eu fecharei a entrada às más acções vindas da imaginação.

Quanto aos insensatos, aos malvados, aos viciosos, aos invejosos, aos cúpidos, aos assassinos, aos ímpios, eu não fico do seu lado tendo deixado o meu lugar ao demónio vingador. É ele que trespassa o homem com o seu aguilhão de fogo por intermédio dos sentidos que o levam ao grande castigo que lhe está reservado. Estes são os homens que não param de desejar, impelidos por apetites eternamente insatisfeitos. Nada chega a saciá-los, e é nisso que a sua tortura aumenta, que a chama os devora, os queima.

- Agradeço por tudo o que tu acabas de me explicar, mas fala-me agora da maneira pela qual a ascensão da alma se produz.

Pimandro respondeu:

- Primeiro o corpo material dissolve-se, altera-se e a forma visível que tu tinhas desaparece pouco a pouco. Tu abandonas ao teu *Daimon* pessoal o que constituía o teu *Eu*. Os sentidos corporais juntam-se às suas fontes respectivas e confundem-se de novo com as energias astrais enquanto que o que no ser quer e deseja retorna à natureza.

Depois o homem enlaça-se através de cada uma das esferas celestes. Atingida a primeira, ele abandona a sua capacidade de crescer e decrescer, na segunda a sua malícia, e na terceira a ilusão do desejo, na quarta a ostentação do comando, na quinta a audácia ímpia e a temeridade presunçosa, na sexta os apetites ilícitos que dá a riqueza, e na sétima a mentira que estende as armadilhas.

Assim purificada do que tinha sido colocado em si aquando da sua descida através de cada uma das esferas e não possuindo mais que o seu próprio poder, ele entra no oitavo círculo, aquele da natureza ogdoádica. Múltiplos seres estão aí, brilhantes, luminosos, começando a cantar sem fim os hinos ao Pai. Ele avança-se entre eles que se alegram da sua vinda, e une-se às suas vozes, deixando-se invadir por este êxtase divino. Semelhante àqueles que o envolvem, o seu canto sobe como uma oferenda do seu ser inteiro. Mas acima do oitavo círculo, uma voz doce e aérea revela a presença de Poderes celestes. Todos sobem então em direcção ao Pai, abandonando-se a estas Forças, tornando-se semelhantes a elas para enfim entrar em Deus. Porque escuta o que eu te tenho a dizer: «Bem-aventurado é o fim para o qual tende o homem sábio, porque ele visa a tornar-se Deus.» Um silêncio seguiu as suas últimas palavras. Eu não me ousei mover, falar ou mesmo pensar.

Pimandro dirigiu-se a mim com vigor:

- Eh bem! Que esperas tu ainda? Porque é tu te demoras tu ao pé de mim? Agora que tu herdaste de tudo o que tu querias saber, vai e torna-te guia daqueles que são disso dignos! Assim por ti e com a ajuda de Deus, os homens poderão ser salvos.

Enquanto que a sua voz acabava de ecoar nas fibras mais interiores do meu ser, Pimandro misturou-se aos Poderes que o rodeavam e desapareceu da minha consciência. Eu dirigi então ao Pai acções de graça e bênçãos. Depois eu retirei-me da presença desses seres divinos tendo assim sido investido do poder, instruído sobre a natureza do Todo e a visão suprema. Eu comecei então a

proclamar aos homens a beleza do respeito, do amor e do conhecimento: «Oh povos, filhos da terra, vós que estais abandonados à embriaguez, ao sono e à ignorância de Deus, sede sóbrios e temperados, parai de vos embriagar, enfeitiçados que estais no sono da razão.»

Logo que eles ouviram estas palavras, eles juntaram-se a mim. Dirigindo-me a eles, eu disse-lhes: «Filhos da Terra, porque vos deixais ir para a morte, agora que vós tendes o poder de participar na imortalidade? Rectificai o vosso comportamento, deixando o erro que vós tendes seguido e a ignorância à qual vós estais ligados. Libertai-vos da luz tenebrosa e tomai enfim parte na imortalidade, abandonando definitivamente a dissolução da vossa carne.»

Alguns daqueles que estavam comprometidos com o caminho da morte riram-se de mim se afastaram-se. Mas outros lançando-se a meus pés pressionaram-me para que os instrísse. Eu levantei-os e fiz-me guia do género humano, ensinando-lhes a ciência e os meios que lhe permitiriam viver eternamente. Eu coloquei neles as palavras de sabedoria e eles foram saciados com água de ambrósia. Quando a noite chegou, e a luz do sol tinha começado a desaparecer, eu convidei-os a dar graças a Deus. A acção de graças cumprida, cada um foi dormir para a sua cama.

Quanto a mim, eu gravei em meu coração esses momentos durante os quais eu vinha de ser cumulado pelo conhecimento que eu desejava desde há tanto tempo. Eu fechei os olhos e uma alegria extrema difundiu-se em mim. A minha alma atingiu lentamente a serenidade tanto procurada. Dos meus olhos fechados nasceu a verdadeira visão, enquanto que do silencio começava a ressoar o imutável bem.

Eu acabava de receber do Verbo de Pimandro a plena autoridade, eu estava cheio do sopro divino da verdade. Assim de toda a minha alma e de todas as minhas forças eu ofereço a Deus Pai este louvor:

«Santo é Deus, Pai de todas as coisas,

Santo é Deus do qual a vontade é realizada pelos seus próprios Poderes,

Santo é Deus que quer que nós o conheçamos e que pertence àqueles que o conhecem,

Santo és tu, tu o Verbo que fez tudo o que existe,

Santo és tu, tu cuja natureza é a tua imagem,

Santo és tu, que a natureza não formou,

Santo és tu, tu que és mais forte que todo o poder,

Santo és tu, tu que és maior que tudo,

Santo és tu, tu que estás acima de todo o louvor.

Recebe os puros sacrifícios das palavras que te oferece uma alma pura. Tu o inexprimível, o indizível, tu que só o silêncio nomeia, o meu coração inclina-se em

direcção a ti. Faz que nenhuma queda me prive da parte do conhecimento que vem à minha essência: «Ela concede-me esta prece e enche-me de poder. Então eu iluminarei de graça aqueles que moram na ignorância, meus irmãos, teus filhos. Sim, eu creio e eu testemunho que eu vou em direcção à vida e em direcção à luz. Bendito sejas tu Pai, e que o poder que tu me transmitiste me permita de te assistir na tua obra de santificação.»

## ***A Tábua de Esmeralda***

Eis o texto da célebre *Tábua de Esmeralda* transmitido por Alberto o Grande (século XII).

«É verdade sem mentira, nada é mais verdadeiro.

O que está em baixo, é como o que está no alto e o que está no alto é como o que está em baixo, para fazer o milagre de uma só coisa.

E como todas as coisas foram e são vindas do Um, pela única mediação do Um: assim todas nasceram por adaptação desta origem única.

O sol é o pai, a lua é a sua mãe, o vento levou-a no seu ventre; a terra é o seu receptáculo.

É o pai de todos os milagres do mundo. O seu poder é íntegro se ela é convertida em terra.

Tu separarás a terra do fogo, o subtil do espesso, suavemente, com grande habilidade.

Ela ascende da terra ao céu, e de novo desce à terra, e recebe a força das realidades superiores e inferiores. Terás por este meio a glória do mundo inteiro e toda a obscuridade fugirá de ti.

É a suprema força que vencerá toda a realidade subtil e penetrará toda a coisa sólida.

Assim foi criado o mundo.

As aplicações disso serão maravilhosas.

É por isso que eu, Hermes, detendo as três partes da filosofia do mundo inteiro, sou com razão chamado Trismegisto.

E assim termina o que eu disse quanto à operação do Sol.»


## **CAPÍTULO CINCO**

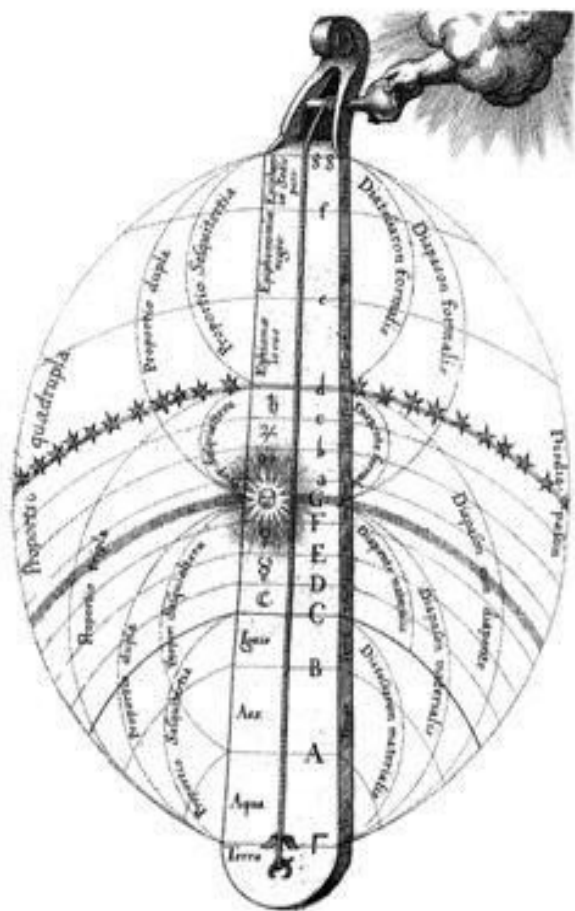
---

### **A INICIAÇÃO HERMETISTA**

## ESTRUTURA OCULTA DO COSMOS

A tradição teúrgica ensina que os sistemas tais como a Qabalah não são senão representações, estruturas, cartas de uma realidade invisível. Eles não representam a verdade em si-mesmos. É por isso que os iniciados teúrgicos os utilizaram somente como ferramentas mágicas. Eles não esqueceram que a doutrina teológica subjacente não era a deles. Existem energias no universo. Os iniciados consideraram que é possível utilizá-las pelo uso de sinais e palavras sagradas. É por essa razão que os qabalistas hebreus têm razão em dizer que a qabalah moderna, ou mágica, não corresponde à sua tradição. Efectivamente, a sua ferramenta é utilizada para atingir outros fins. É pois importante lembrar-se que os princípios da qabalah que nós utilizamos, não são um reconhecimento da verdade absoluta e definitiva desta doutrina. A corrente teúrgica neoplatónica não desejou nunca aderir à doutrina teológica judaica ou cristã. Eles não as rejeitam em quanto que tal, visto que o hermetista aceita as crenças e correntes não prosélicas e tolerantes, mas a sua filosofia e a sua tradição são diferentes. É sempre possível tomar daí as melhores intuições sem por isso aderir cegamente ao seu dogma.

A astrologia é conhecida desde há milénios. Ciência antiga, frequentemente  desacreditada na época contemporânea, ela permanece uma referência omnipresente conhecida no mundo inteiro. Os debates são numerosos sobre as possibilidades preditivas que ela oferece. Segundo as culturas, a astrologia é utilizada quotidianamente para fazer escolhas de vida, de carreira, políticas, etc.



Na época moderna, discutiu-se muito sobre a influência real da astrologia, questionando se os astros poderão ter uma real influência física.

Tentaram-se relacionar os fenómenos psicológicos, as estruturas profundas do inconsciente e os arquétipos com as representações simbólicas astrológicas. Na dúvida da realidade material de um fenómeno, é por vezes interessante interiorizar este último a fim de o salvar. É uma reacção compreensível e por vezes justificada.

No nosso caso, a questão da astrologia coloca-se de uma maneira radicalmente diferente, e enraíza-se na tradição hermetista.

Com efeito, não se trata de se limitar à dimensão preditiva da astrologia, mas de compreender como utilizar esta ciência tradicional para agir sobre a nossa existência. De uma influência sofrida quase passivamente, a teurgia permite-nos tornarmo-nos actores destas influências que compõem o nosso ser e portanto da nossa existência. São estes conhecimentos que a tradição hermética nos transmitiu tanto sobre o plano teórico como prático.

A magia astrológica desenvolvida na Renascença por Marsílio Ficino fundava-se por exemplo sobre a tradição das assinaturas e sobre a célebre afirmação de *A Tábua de Esmeralda* evocando o macrocosmo (alto) e o microcosmo (baixo): «É verdadeiro, sem mentira, certo e muito verdadeiro. O que está em baixo, é como o



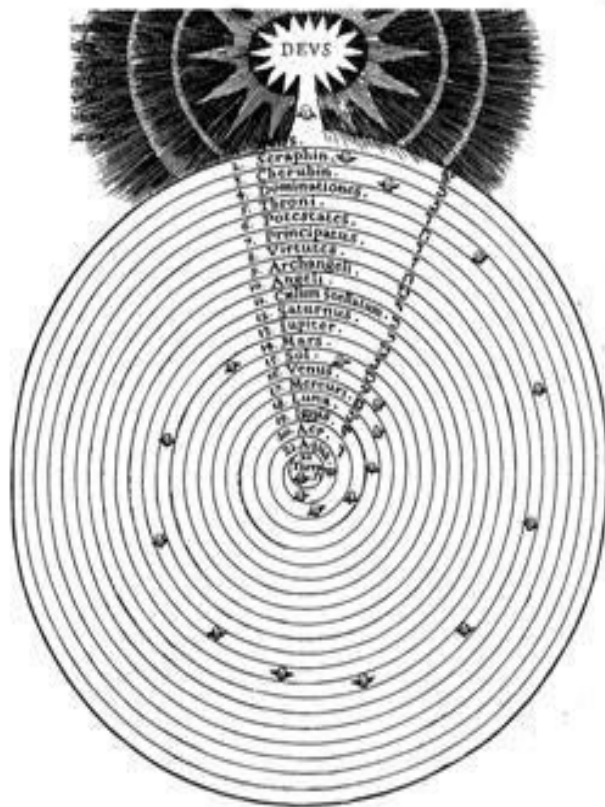
que está no alto e o que está no alto é como o que está em baixo, para fazer milagres de uma só coisa.» (VI século).

Utilizando os ritos, os hinos, a música, as cores e o conjunto das correspondências saídas das leis da simpatia universal, os membros da nova *Academia Platonica* procuravam elevar-se em direcção ao mundo espiritual. Este estado de equilíbrio e de harmonia trás o testemunho na sua vida do regresso em direcção ao mundo de origem. A felicidade aqui em baixo pode tornar-se possível por esta harmonização dos planos interiores. O verdadeiro Cosmos em miniatura que nós somos, é constituído de várias influências e caracteres ao mesmo tempo psicológicos e vibratórios. Certos mais marcianos exprimem a energia, a força, a coragem, a cólera. Outros mais jupiterianos, a justiça e por vezes o orgulho. Assim somos nós ocultamente constituídos por estes astros ou poderes interiores. O seu equilíbrio harmonioso estabelece em nós a saúde, a serenidade e a paz. É fácil de ver que esta felicidade da alma e esta saúde do corpo não são frequentemente uma realidade. O desequilíbrio, a angústia, os males, estão aliás mais frequentemente presentes.

Ora, estes caracteres interiores estão intimamente ligados à ordem de todo o Cosmos. A astrologia torna-se desta maneira o meio de compreender os poderes que compõem a nossa personalidade. A magia celeste permite-nos agir para recriar a harmonia que nós perdemos.

O trabalho teúrgico implicava nesta escola da Renascença três aspectos:

- uma postura moral de pureza interior, de fraternidade e de amor;
- uma formação filosófica, expressão de uma religião do espírito (*Religio Mentis*);
- um trabalho prático, ritual e estético fundado na astrologia. É este terceiro ponto que chamamos a harmonização planetária.



### ***As bases cosmológicas***

A ideia fundamental destas tradições antigas ocidentais repousa sobre uma visão do mundo que marcou o conjunto dos países que encontram a sua origem na Europa, à volta do Mediterrâneo. A astrologia estruturada no Médio Oriente na Caldeia, depois no Egipto definiu um conjunto de 4 elementos (mais o Éter), de 7 planetas e de 12 signos.

Estes poderes arquetípicos são para os antigos ao mesmo tempo internos e externos. Contudo a astrologia clássica não transmite nenhuma ferramenta para agir, uma vez efectuada esta descrição. É necessário procurar mais longe, nos domínios mágicos para se tornar capaz de agir sobre estas energias. Convém entrar em comunicação com elas, interiormente e exteriormente de uma maneira que elas possam reconhecer. Mas não nos desprezemos, nós podemos estudar de uma maneira puramente intelectual a natureza simbólica dos planetas. Nós compreenderemos então qual parece ser o carácter de Marte, Vénus, etc. Contudo isto não é suficiente. O nosso objectivo é mais ambicioso. Nós procuramos sentir interiormente o que o poder divino representa, e a criar uma conexão interior com ele. Esta conexão deve ser feita progressivamente, etapa por etapa. É desta maneira que nós descobriremos a natureza da sua energia, o seu carácter específico, e como a sua intensidade se manifestará.

Para os antigos, o conjunto (elementos, planetas e signos zodiacais) exprime uma ordem que se funda sobre o que é possível observar levantando a cabeça. Nós estamos aqui numa perspectiva geocêntrica. Trata-se de uma dimensão física, mas igualmente cosmológica e mítica.

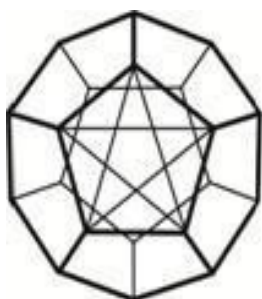
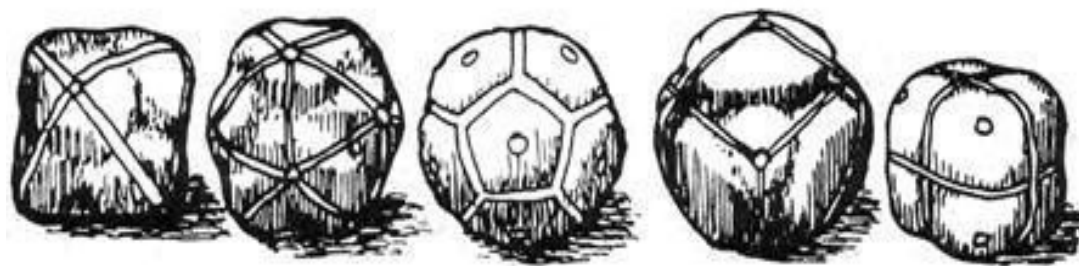
O ser está realmente no centro do mundo, porque a nossa consciência serve de fundamento e de referência. A nossa posição determina o nosso ponto de vista. Podemos assim determinar 6 direcções do espaço (Este - Oeste - Norte - Sul - Zénite - Nadir). Parece natural a todo o mundo que o que é material e visível se encontre sob os nossos pés. O que é invisível, aéreo situa-se acima de nós. Os astros fazem pois parte de uma dimensão mais elevada. Estes são as aparências visíveis do que é invisível. A observação indica-nos igualmente a ordem na qual estes planetas são classificados a partir de nós (segundo a sua dimensão, luminosidade e rapidez de deslocamento). Sendo dado que eles se deslocam sobre o fundo de um céu estrelado, uma esfera das estrelas fixas foi colocada acima dos 7 planetas.

A questão de saber o que é que se encontra para lá deste céu estrelado permanece mais complexa. Para os antigos nós encontramos o Noûs e o Noûs Pater. Segundo os qabalistas cristãos e os iniciados tais como Dante, esta abobada é coroada por o que ele chama a *rosa cândida*, depois os 9 círculos angélicos e, por enfim, Deus.

O que é necessário reter em todos os casos, é que o que se encontra do outro lado deste véu celeste constitui uma outra realidade. Poderíamos quase dizer que é uma questão que deve ser abordada pela experiência, uma vez realizada a ascensão dos 7 Céus. Quanto à sua natureza, a coisa é mais simples. Porque eles foram claramente identificados sob a forma das divindades que nós conhecemos: a Lua-Selene, Mercúrio-Hermes, Vénus-Afrodite, o Sol-Hélios, Marte-Ares, Júpiter-Zeus e Saturno-Cronos. Bem entendido, nós retomamos os nomes que lhes foram associados há mais tempo, portanto os nomes latinos e gregos, mas é bom saber que podemos aí ligar outras divindades tais como sumérias ou egípcias, visto que os hermetistas trabalharam sempre de uma maneira eclética. Esta atitude implica uma tolerância de todas as formas de culto, repousando sobre uma tal base moral de aceitação e de respeito pelo outro.

## **Os 4 elementos**

Por volta dos séculos VI e V antes da nossa era, os filósofos gregos começaram a interrogar-se sobre a estrutura e a dinâmica do vivente. Pitágoras considerava que o mundo resultava da mistura e da combinação de 4 elementos primordiais, a *Terra* (L: estado sólido), o *Fogo* (O: substância imponderável), o *Ar* (M: estado gasoso), a *Água* (N: estado líquido), aos quais foi acrescentado um quinto princípio, o Éter. Conhecemos a extrema importância da *Tetractys* em Pitágoras. A estrutura quaternária organizada em triângulo é um dos elementos centrais e os adeptos desta escola prestaram juramento sobre esta representação:



«Não, eu juro-o por Aquele que revelou à nossa alma a Tetractys (quer dizer o esquema decádico formado pela série dos quatro primeiros números) que tem nela a fonte e a raiz da eterna natureza...» «O carácter místico do Pitagorismo, diz o filósofo contemporâneo Robin, revela-se ainda por outros indícios. Está escondido por um véu, que o Mestre fala aos noviços, e o famoso, “Ele disse” não significa somente que a sua palavra deve ser cegamente acreditada, mas também que o seu nome sagrado não deve ser profanado.»

Um extracto de *Philolaus* (Iniciado pitagórico) resume muito claramente esta estruturação dos quatro elementos: «Há 5 corpos na esfera: o fogo, a água, a terra, o ar e o círculo da esfera que faz o quinto.» Nós sabemos que a estrela de 5 pontas, chamada também *pentagrama* ou *pentalpha* era um sinal de reconhecimento entre os pitagóricos. É fácil combinar estas representações simbólicas para compreender como o pentagrama, utilizado nas práticas teúrgicas, se encontrou associado aos 5 princípios que nós acabámos de citar. Nós analisá-lo-emos em detalhe na parte seguinte desta obra.

Empédocles aceitará esta teoria considerando que os corpos dos animais resultam de uma mistura destes quatro elementos.

Encontramos já representações geométricas espaciais desde o neolítico. Platão

retomará estas antigas representações e afectará símbolos geométricos aos quatro elementos. A Terra era associada com o cubo (*Timeu*, 55d), o Ar com o octaedro, a Água com o icosaedro e o Fogo com o tetraedro. Platão colocou em correspondência o dodecaedro com o Todo, o universo (*Fedon*, 110b; *Timeu* 55c), porque é o sólido que se parece mais com a esfera. Numa outra passagem do *Timeu*, Platão define quatro ordens de importância na natureza: os Deuses e a Ordem celeste (o Fogo), a ordem dos animais alados (o Ar), a ordem dos animais terrestres (a Terra), a ordem dos animais aquáticos (a Água). Aristóteles juntou um quinto elemento, o Éter, considerado como a parte mais pura do Ar. Ele postula que os céus eram feitos desde elemento, mas não o fez coincidir com o quinto sólido de Platão.

Encontramos numa parte do *Corpus Hermeticum*, o tema dos cinco elementos tratado sob o ângulo alquímico:

«Ísis dirigiu-se ao seu filho Hórus e disse:

### ***Equilíbrio dos Elementos***

De todas as coisas produzidas neste mundo, pela palavra ou a acção, as fontes encontram-se no mundo das ideias e espalham sobre nós com Ordem e Medida a substância do real. Nada existe que não seja descido do alto e que não aí volte para daí voltar a descer.

Deste movimento, a Natureza muito santa, colocou nos seres vivos um signo manifesto que aqui está: o sopro que tiramos do alto, comunicando-o ao ar, de novo nós enviamo-lo para o alto para o voltar a tomar mais uma vez. Ora, para operar este trabalho, há em nós dois foles: quando estes fecharam as suas bocas destinadas a receber o sopro, então nós não estamos mais aqui em baixo, nós voltamos a subir para o alto. Outras qualidades se juntam ainda a nós, por seguimento da dosagem relativa aos elementos na mistura corporal.

Ela é uma montagem e mistura dos 4 Elementos, dos quais se exala um certo vapor que, de uma parte envolve a alma e de outra parte, se espalha através do corpo comunicando a uma e a outra alguma coisa da sua qualidade particular. É assim que se produzem as diferenças nas modificações psíquicas e corporais.

### ***Fogo***

Se na estrutura corporal, há superabundância de Fogo, então a alma já naturalmente quente, e que é tornada mais quente ainda por acréscimo de calor que ela adquiriu, torna o ser vivo mais activo e fogoso e o corpo vivo e alerta.

### ***Ar***

Se há uma superabundância de Ar, o ser vivo torna-se ligeiro, saltitante, instável de corpo e alma.

### ***Água***

Se há uma superabundância de Água então o ser vivo, quanto à alma, torna-se ondulante, pronto a crescer e a se expandir ao redor, com uma ampla capacidade

de se deitar adiante dos outros e a se aí manter ligado, por causa da faculdade que a água tem de se unir e de associar às outras coisas: porque ela estende a sua cobertura sobre todas as coisas, e quando ela é abundante, ela dissolve-os nela mesma envolvendo-os. Quando ela está em pequena quantidade e se introduz no objecto, ela torna-se naquilo a que ela se misturou. Quanto aos corpos, por causa da sua aquosidade e flacidez, não os podemos levar a manterem-se compactos, mas à mínima ocasião de doença, eles se dissolvem e libertarão pouco a pouco do seu princípio interno de coesão.

## **Terra**

Se há uma superabundância do elemento Terra, então a alma do ser vivo torna-se obtusa, porque os órgãos dos sentidos ficam espessos, ele não encontra os poros do corpo bem libertos, e ele não tem espaço através do qual se lançar, mas ela permanece dentro do corpo, isolada nela mesma, travada pelo peso e a densidade da massa. Quanto ao corpo, ele está fechado sem dúvida, mas inerte e pesando, e não se desloca senão contra a sua vontade sob a impulsão do querer.

## **Quintessência - Éter**

Se enfim a condição de todos os elementos no copo foi bem proporcionada, então o ser vivo está equipado de maneira a ser quente quanto à acção, ligeiro quanto ao movimento, bem temperado quanto à juntura dos membros, fechado quanto à coesão.

Que toda a natureza no mundo preste agora ouvido, pois eis o que clama o homem que atrai♦ hoavessou com a Ordem e Medida o Fogo, o Ar, a Água e a Terra e se mantém no seio do poder do Enxofre e do Éter:

«Poderes que estais em mim, cantai o Um e o Todo; cantai ao uníssono da minha vontade.

Santa Gnose, iluminadora da minha alma, é por ti que eu celebro a luz inteligível, e me alegro na alegria do espírito.

Vós todos, Poderes, cantai o hino comigo!»

A divisão quaternária é amplamente desenvolvida por Agrippa no seu livro da magia celeste. Nós podemos aumentar as correspondências que serão utilizadas por todos os ocultistas que lhe sucederão:

- as quatro letras do nome de Deus dos Hebreus, o Tetragramma: Iod, Hé, Vau, Hé;
- os quatro humores do homem: o sangue, a fleuma, a bílis vermelha, a melancolia;
- as quatro partes do ano;


- as quatro fases da lua;
- os quatro ventos: o Eurus, o Zéfiro, o vento do Sul, Bóreas;
- os quatro rios do paraíso;
- os quatro termos da matemática: o ponto, a linha, a superfície, o volume;
- os quatro termos da natureza: a substância, a qualidade, a quantidade, o movimento;
- os quatro termos da física; a força germinativa, a multiplicação natural, a aparição da forma, a diferenciação;
- os quatro termos da metafísica: o ser, a essência, a potencialidade, a acção;
- as quatro virtudes morais dos filósofos: a sabedoria, a equidade, a coragem (força da alma), a temperança;
- etc.

Entre os ocultistas do século XIX tal como Éliphas Levi, os 4 elementos são explicados da maneira seguinte: «O subtil e o espesso, o dissolvente rápido e o dissolvente lento ou os instrumentos do calor e do frio formam em física oculta os dois princípios positivos e os dois princípios negativos do quaternário. O ar e a terra representam assim o princípio macho, o fogo e a água relacionam-se com o princípio fêmea, pois que a Cruz filosófica dos pentáculos é, como nós já dissemos, um hieróglifo primitivo e elementar do lingam dos gimnosofistas.


A estas quatro formas elementares correspondem as quatro ideias filosóficas seguintes: o espírito, a matéria, o movimento, o repouso.»

Em resumo, todas as representações tradicionais (hermetistas, astrológicas, alquímicas, etc.) nos indicam que a base desta hierarquia pode ser representada pelo pentagrama. Trata-se pois, como nós acabámos de dizer, do conjunto dos 4 elementos tradicionais (Terra, Água, Ar e Fogo) e do Éter (ou Espírito) que se lhes sobrepõe.


O texto fundador de Hesíodo, a *Teogonia* desenvolve o mito criador no seio do qual 5 princípios divinos e activos vão dar nascimento ao Cosmos. Nós reencontramo-los representados sob as 5 formas divinas que são Úrano, Gaia, Pontos, Eros e Éter. 5 letras gregas são colocadas em relação com estes Deuses (ver a tabela a seguir). No que concerne à qabalah hebraica, nós constatamos com surpresa que ela se desliga dos sistemas tradicionais para fazer desaparecer

2 princípios: o Espírito e a Terra. Isto pode parecer surpreendente à primeira vista, mas poderia explicar-se pela limitação a 22 letras deste alfabeto. Certamente, . Coutros princípios poderiam ser suprimidos mais que estes dois, mas esta escolha não é sem dúvida aleatória.

É por esta razão que na tabela que segue, os sistema hebraico está incompleto,

Elementos	Terra	Água	Ar	Fogo	Éter
					(O universo em Platão)
<i>Símbolos</i>	L	N	M	M	
<i>Sólidos platónicos</i>	<i>O Cubo</i> É composto por 6 faces que são quadrados. Têm 8 vértices e 12 arestas.  Ele tem 3 arestas em cada um dos vértices.	<i>O Icosaedro</i> É composto por 20 faces que são triângulos equiláteros. Têm 12 vértices e 30 arestas.  Ele tem 5 arestas em cada um dos vértices.	<i>O Octaedro</i> É composto por 8 faces que são triângulos equiláteros. Têm 6 vértices e 12 arestas.  Ele tem 4 arestas em cada um dos vértices.	<i>O Tetraedro</i> É composto por 4 faces que são triângulos equiláteros. Têm 4 vértices e 6 arestas.  Ele tem 3 arestas em cada um dos vértices. Ele é o seu próprio dual	<i>O Dodecaedro</i> É composto por 12 faces que são pentágonos. Têm 20 vértices e 30 arestas.  Ele tem 3 arestas em cada um dos vértices.
<i>Divindades</i>	Gaia	Pontos	Úrano	Eros	Éter
<i>Letras gregas</i>	Gama	Delta	Rô	Pi	Thêta
<i>Letras hebraicas</i>		Mém	Áleph	Shin	

## As 7 esferas divinas

Sobre o fundo zodiacal do Cosmos e mais próximas de nós, deslocam-se 7 esferas celestes. Só são consideradas aquelas que são perceptíveis aos nossos sentidos sem o artifício de algum telescópio. Foi o que se passou na Antiguidade e isto permanece válido sobre o plano simbólico e teúrgico. Estes 7 planetas tradicionais eram a aparência visível das 7 principais divindades. A relação é simples e conhecida de todos, mesmo se a sua sucessão é o objecto de várias hipóteses se gundo as épocas. A tradição neoplatónica e teúrgica reteve a sucessão dita «caldaica» situando o sol no seu centro. É esta que nós podemos observar sobre a maioria das árvores sefiróticas mágicas modernas, quando os planetas são atribuídos às Sefiroth.

Desde da época caldaica nós sabemos que o mês lunar está dividido em 4 partes, cada um composto de 7 dias. Estes 7 dias foram desde cedo atribuídos a 7 divindades. No sistema grego, tratam-se de: Hélios, Selene, Ares, Hermes, Zeus, Afrodite e Cronos. As vogais foram associadas a estas divindades (I, A, O, E, U, H, A). Os qabalistas hebreus fizeram o mesmo. A tabela abaixo mostra as correspondências.



<b>Planetas</b>	<b>Lua</b>	<b>Mercúrio</b>	<b>Vénus</b>	<b>Sol</b>	<b>Marte</b>	<b>Júpiter</b>	<b>Saturno</b>
<i>Símbolos</i>	R	S	T	Q	U	V	W
<i>Divindades</i>	Selene	Hermes	Afrodite	Hélios	Ares	Zeus	Cronos
<i>Letras gregas</i>	Alfa	Épsilon	Êta	Iôta	Ómicron	Upsilon	Ómega
<i>Letras hebraicas</i>	Béth	Pê	Kaph	Dáleth	Guímel	Tāv	Résh

Entre estas divindades planetárias, certas têm estado particularmente associadas à tradição teúrgica. Podemos citar Hermes (do qual falámos na primeira parte), mas igualmente a Lua, sob a forma de Hécate. Platão fará de Afrodite uma Deusa importante na manifestação do desejo do iniciado. Iremos pois precisar os elementos consequentes que convém reter para compreender as suas origens e funções.

## UMA DEUSA LUNAR DA MAGIA: HECATE

«Tu, Hécate, que nas suas três formas das três Cáritas danças e voltejas com as estrelas, tu que armas as tuas mãos de negras e terríveis chamas, tu que agitas sobre a tua fronte uma cabeleira de terrificantes serpentes, tu vais e vens no Olimpo e visitas o vasto e imenso Abismo. Tu és o começo e o fim. Tu só comandas todas as coisas. É de ti que tudo provém e em ti eterna, tudo se cumpre.» (*Antigo hino a Hécate*)

Hécate ocupa um lugar muito particular na tradição mágica do Ocidente. Com efeito, ela é considerada como a mestra da magia. É ela que desvela os segredos mais avançados àqueles que se tornaram dignos desta honra ao ter podido afrontar a sua presença. Detentora dos poderes e dos conhecimentos ocultos, ela é também a Deusa temível que guarda estes mundos interditos. Infelicidade ao pretensioso que não tenha aprendido as bases da arte mágica! Mas ela saberá acolher e transmitir àquele que soube tornar-se digno da sua presença, as iniciações das quais ela tem o segredo. É pois ainda interessante estudar o simbolismo desta Deusa, tal como ele se pôde desenvolver na tradição, por intermédio das representações artísticas.

### **As fontes**

Não encontramos menção a Hécate em Homero. É na teogonia de Hesíodo que descobrimos esta Deusa, mas os críticos vêm nos versos que lhe são consagrados, uma interpolação órfica. É pois lentamente que se formou o tipo desta divindade. Não foi senão numa época relativamente recente que ela foi admitida às honras de culto. A personalidade desta Deusa é muito complexa. Ela contém na sua essência elementos muito variados, frequentemente em aparência contraditórios, por vezes difíceis de explicar e conciliar.

Por uma vez, as genealogias e mitos não nos são de grande socorro porque elas são muito numerosas, imprecisas e pouco instrutivas.

O mais frequentemente, Hécate passa pela filha única do Titã Perseu e de Astéria, irmã de Leto. Outras vezes, Perseu é substituído por Zeus. Enfim, atribuem-se-lhe pais múltiplos dos quais Zeus e Hera (filha de Cronos e de Reia, irmã de Zeus, é a protectora da mulher casada), Zeus e Deméter (filha de Cronos e de Reia, Deusa do trigo e da terra cultivada), Zeus e Féraia (sobrenome de Hécate ou filha de Éolo) ou Admeto e Noite. Damo-nos conta que estas genealogias sublinham vários pontos que não são contraditórios. Com efeito, o carácter de mulher madura dando nascimento ao germe enterrado na terra, forma os atributos de uma divindade ctónica. Ela está profundamente unida ao seu carácter lunar, sob o aspecto da divindade da luz nocturna.

### **As duas Hécates**



Existem na verdade duas Hécates distintas que os monumentos figurados nos permitem distinguir. Uma, a *Monoprosopus*, está em estreita relação com Ártemis e identifica-se muito frequentemente com ela.

Vemos frequentemente em vasos, estas duas Deusas lado a lado, no mesmo fato e com os mesmos atributos, se bem que os comentadores hesitam frequentemente em as designar nominalmente tão grande é a semelhança. Mas é necessário notar que esta Ártemis confundida com Hécate não é a Ártemis em geral.

É exclusivamente a Ártemis lunar (*Dadophoros*), a portadora das tochas, ou a portadora da luz (*Phosphoros*). Da mesma maneira Hécate não é senão o feminino de Hécatos, epíteto ordinário do Deus sol. Isto indica que Hécate, como Ártemis, é uma deificação da Lua. Por uma imagem de poesia popular, a doce e pálida luz da lua opõe-se ao ardor brilhante do sol. Nada de espantoso visto que ela se confunde com ela e que os seus atributos são idênticos.

Assim, uma ou a outra seguram quer duas tochas, quer uma só. Quer isto seja na *Teogonia* ou no hino órfico que lhe é consagrado, revela numerosas expressões que marcam o seu carácter benevolente. Hécate protege os marinheiros e dá-lhe boas travessias em mar perigoso. Ela protege também as cidades e permite aceder à vitória, à glória. Ela ama a solidão, as montanhas e gosta de perseguir os cervos. Representamo-la pois frequentemente com a mesma roupa que Ártemis.

Em quanto Deusa lunar, é ela que, ajudada por Hermes, favorece o nascimento e o crescimento das manadas, bois, carneiros e cabras. Bem mais, Zeus fez dela a nutridora e a protectora das crianças, papel caro a Ártemis. Enfim, ela oferece o

seu apoio caridoso e serve de guia a quem viaja na noite, o que lhe vale o sobrenome de guardiã.

Hécate foi frequentemente confundida com Selene, que era para os Gregos a Lua sob a forma mais simples e a mais pura. Ártemis, Hécate e Selene às quais juntamos por vezes Mene, chegaram a formar uma só Divindade em três ou quatro pessoas estreitamente unidas. Estas Deusas serão por vezes distinguidas nas diferentes fases lunares.

## ***Hécate tripla***

A noite foi para os antigos o momento privilegiado durante o qual as divindades infernais percorriam livremente o mundo dos homens. Muito naturalmente, a Lua, da qual as sombras negras são tão terríveis como os raios frios que ela projecta, devia ser classificada entre os Deuses de baixo. A Hécate infernal tornou-se então a Hécate *trimorphos*. *Para os Gregos antigos, esta não é benevolente. Ela identifica-se com as bravas divindades vindas dos países do Norte. Erguia-se a sua imagem tripla nas encruzilhadas, e ofereciam-se-lhe alimentos e sacrifícios para apaziguar e a tornar favorável. Estas cerimónias tinham lugar no momento da lua nova. As refeições eram compostas por pães, bolos de mel, de peixes, de ovos e vinho. As vítimas sacrificadas eram cães, animal preferido da Deusa. Aproveitavam destas cerimónias populares para purificar as casas, varrê-las e queimar resíduos diante do ídolo da rua. O culto das Hecataia aparecia pois popular e doméstico, porque a representação da portadora das chaves se encontra à entrada das casas.*

Algumas vezes, Hécate aparecia sob o nome de *Empusa*, tomando diversas formas, umas mais assustadoras que as outras: cadela verdadeira, mulher com cabeça de cão, leoa, velha mulher gigante e com serpentes nos cabelos, as pernas terminadas em cauda de dragão brandindo uma grande espada ou tochas. O trovão acompanha-a enquanto que a sua voz se mistura aos uivos dos cães, por exemplo de Cérbero que a segue. Felizes daqueles que com tais visões não ficavam loucos!

Ela é a mágica por excelência. Não podíamos senão acalmar uma tal deusa e fazer aliança com ela pelos encantamentos. Acreditava-se que ela habitava num ângulo dos lares dos mágicos. Para a fazer aparecer, era necessário chamar 7 vezes, enquanto tochas, plantas e ingredientes místicos serviam de instrumento a este encantamento. É pois Hécate que serve de iniciadora aos feiticeiros e mágicos. Não esqueçamos que a tradição faz dela a mãe de Circe e de Medeia. É ela que conhece todas as conjurações, todos os filtros e todas as metamorfoses.

É nesta ordem de ideias que se ligam as representações gravadas na pedra onde aparecia a triple Hécate mágica, frequentemente acompanhada de uma inscrição gnóstica. Hécate é figurada com três cabeças e seis braços, duas das suas mãos seguram curtas tochas, duas com chicotes e duas com pontas de lança, as cabeças são toucadas de pólos. Além disso os ferros da lança são substituídos por serpentes.

Resta saber porque é que a Hécate infernal e lunar é chamada a *triple Hécate*, e possui três cabeças e três corpos.

A maior parte dos autores procuram uma explicação mística.


1) As três faces de Hécate significariam as principais faces da Lua, a lua nascente, a lua cheia e a lua decrescente. Assim que ela tem três dias, diz o Comentador de Eurípides, a Lua chama-se Selene, aos seis dias, Ártemis, aos quinze Hécate.

2) A tripla Hécate poderia também ser a reunião das três principais divindades lunares: Ártemis, Selene, Hécate.

3) A sua forma tripla pode também indicar o poder da Deusa sobre o Céu, a Terra e o Mar, à qual substituíram os infernos.

4) Enfim, é necessário lembrar que Hécate é a Deusa das encruzilhadas. Ela deve pois presidir ao mesmo tempo às três estradas a fim de que os olhares possam se levar pelos três lados de maneira simultânea. Para que ela proteja ou assuste realmente aos viajantes atrasados na noite, estes deviam percebê-la diante deles e de face, de não importa onde que eles chegassem. Assim a própria forma da Deusa, pela sua estranheza, deve juntar à hesitação, o medo do homem.

## **A arte**

Escolhamos duas representações da Deusa tripla de origem ática. Na maior parte dos casos, as Deusas  são colocadas costas com costas, segurando tochas, a cabeça ornamentada com pólos ou calathos, e de calçado nos pés. Quanto à roupa, ela compõe-se quase sempre de uma túnica talar que cobre uma mais curta. Um cinto é atado sob os seios e elevado mais alto a meio do corpo, sobre os lados. Tanto as figuras são idênticas, com um pouco diferentes. Por exemplo, quando uma mão segura uma tocha, a outra agarra um tecido do vestido como para elevar, ou bem dobrado contra o peito leva um fruto. Os atributos mudam muito frequentemente.

Ao lado das tochas, phiales, vasos de verter, flores, frutos distinguimos punhais, chicotes. Podemos também ver entre as figuras principais cães, e serpentes. Entre estes detalhes alguns explicam-se por eles mesmos, como os da tocha e do chicote. Os punhais simbolizam o carácter feroz da Deusa infernal que a serpente acompanha naturalmente como o cão. O vaso de verter e o phiale no qual o cão parece frequentemente beber, fazem alusão sem dúvida ao orvalho nocturno ou à frescura nutritiva das plantas. As flores e os frutos exprimem as mesmas ideias de fecundidade.

Hécate é sempre uma em três pessoas, mas estas parecem muito independentes umas das outras, as suas atitudes muito variadas e os seus atributos também.

Encontramos por exemplo a chave e a corda, os penteados variam, substituindo o pólo pelo boné frígio ou bem coroas de folhagem, florões e raios.

Longe de ser limitada à antiga Grécia, encontramos Hécate no mundo romano também marcada pela magia e feitiçaria. Entre os gnósticos cristãos, Hécate representa um dos cinco arcontes propostos por Iéou para comandar aos 360 demónios do «Meio», lugar aéreo situado acima da esfera do zodíaco. Ela tem três rostos e possui 27 demónios sob as suas ordens.

Mestra da magia, ela permanece para nós como o exemplo e a experiência da iniciadora tenebrosa, misteriosa e temível que todo o ser deve afrontar na sua progressão. Ninguém dúvida que este encontro será diferente segundo o sexo do adepto, mas ela revela uma etapa fundamental do percurso mágico.

## AFRODITE - VENUS\_

«Afrodite, Deusa do amor!...

Afrodite, mulher nascida do esperma de Deus!...

Afrodite, célebre pelo seu rosto, os seus olhos, a sua boca e a pureza dos seus seios!...» (*Antigo hino a Afrodite*)

Podemos nós imaginar hoje em dia uma tal Deusa personificando nela tudo o que o cristianismo procurou perverter e degradar? Lembremo-nos das palavras de Nietzsche: «Declarando a imaculada concepção, os cristãos macularam a concepção.» Afrodite, pelo seu mito, a sua natureza e os valores que ela encarna vai permitir-nos lançar um olhar novo sobre o que se encontra no centro da nossa existência: a beleza, o amor e a atracção mútua.

Comecemos pois por lembrar as grandes linhas da sua história, antes de esboçar algumas notas que nos permitirão lançar um olhar sobre aquilo que somos hoje em dia.

### **O mito**

Duas tradições diferentes estão relacionadas com o seu nascimento:

Na primeira, ela é filha de Úrano. Primitivamente, Úrano (personificação do Céu em quanto elemento fecundo), é o esposo de Gaia (a terra) e cobre-a completamente. Ele tem, com ela, um grande número de filhos: os hecatonquiros, os ciclopes, os titãs e as titânides. Gaia descontente com esta fecundidade, e querendo subtraí-la-se ao abraço brutal do seu esposo, pede aos seus filhos que a protejam contra ele. Todos se recusaram, salvo o mais novo, Cronos, que se emboscou, armado com uma foice de diamante com o objectivo de proteger a sua mãe. Ele cortou os testículos de Úrano e deitou-os ao mar. Das gotas de sangue destes nasceram as Erínias. Estas divindades são forças primitivas que não reconhecem a autoridade dos Deuses da mais nova geração. Elas são análogas às Parcas (Deusas do destino).

Do esperma que se misturou com água do mar nasceu Afrodite, tornando-se a «Mulher nascidas das vagas» ou do «Esperma de Deus».

Na segunda tradição, Afrodite é a filha de Zeus e de Dione (lembremos que Dione era uma das Titânides filha de Úrano e Gaia).

Tão logo saiu da água, ela foi transportada pelos Zéfiros, até Cítera depois sobre

a costa do Chipre. Ela foi acolhida pelas estações (as horas), coberta de jóias, envolvida em perfumes e conduzida aos diante dos Imortais.



Depois Afrodite casa com Hefesto, o Deus coxo, mágico e ferreiro. Contudo ela enganou-o com Ares, o Deus da guerra. Homero conta-nos no Livro VII da *Odisseia*, como Hefesto se encarregou de provar a culpabilidade da sua esposa. Ele fabricou uma rede mágica com malhas invisíveis que só ele podia manobrar. Uma noite, enquanto os dois amantes repousavam no mesmo leito, ele fechou a rede sobre eles e convidou todos os Deuses do Olimpo a vir constatar o seu infortúnio. A pedido de Posídon, Hefesto liberta a Deusa que foge toda envergonhada em direcção ao Chipre, e Ares em direcção à Trácia. Dos seus amores nasceram Eros, Anteros, Deímo, Fobos e Harmonia. As suas aventuras não se ficam por aí no entanto.

A sua paixão por Adónis nascido de Mirra e tornado uma árvore. Ela ama também o pastor Anquises, encontrado sobre o monte Ida e teve dele dois filhos: Eneias e Lirio. Igualmente uma ligação com Hermes, depois Dionísio do qual nasce Príapo, o Deus de Lampsaque, protector dos jardins.

Afrodite é célebre pelo seu ciúme, as suas cóleras e as suas maldições. Ela castiga as mulheres que não a honram, assim como aqueles que não lhe querem sucumbir. Ela conduz os filhos de Cíniras à prostituição e inflige um odor pestilento aos Lemnienos que tinham negligenciado o seu culto.

### ***Caracteres de Afrodite***

Afrodite era venerada em Cnido sob aos seus três principais aspectos de Deusa celeste, marinha e terrestre. O seu poder estende-se a toda a natureza, sem aí exceptuar o homem do qual ela perpetua a raça por intermédio do amor. Eros e Afrodite apareciam como os complementos deste sentimento. Ele é o símbolo do



instinto. Ela, marca a distinção entre os sexos, a subtil atracção.

Segundo os versos de Hipólito: «Tudo nasce dela. É ela que faz germinar tudo e que faz nascer o amor ao qual, todos sobre a terra, nós devemos a vida.»

### **a) Afrodite astral e celeste**

A Afrodite grega não está tão ligada como outras Deusas com a Lua. Contudo as suas apelações de Astéria e de Urânia são significativas. Urânia é idêntica à Astarte lunar dos Semitas. As relações de Afrodite com o astro nocturno estão implicadas no mito de Fáeton (Filho do Sol) que a Deusa a arrebatou para fazer dele o guarda do seu templo. Fáeton é com efeito a estrela da manhã e da noite, astro que o brilho faz associar à Lua. Ela é aliás chamada «Estrela de Vénus». De uma maneira mais geral, ela é a Deusa dos espaços celestes e reside nos lugares etéreos.

Protectora das acrópoles, ela pode ser igualmente uma Deusa armada. Isto é provavelmente devido à analogia entre os raios siderais e as flechas ou lanças.

### **b) Afrodite marinha**

Os Gregos reconheciam nela uma Deusa do mar, sem dúvida devido à relação existente entre a influência da Lua e o fluxo e refluxo. Por vezes diziam-na filha de Zeus e do mar. Várias lendas fizeram-na amante de Posídon. Podemos notar os seus atributos marinhos: as conchas, o golfinho, o alcione, o cisne, todos demónios do mar, tranquilos, anunciadores do bom tempo. Ela assegura e protege contra o perigo do mar, e foi a este título que a ela oravam os navegadores.

### **c) Afrodite doritis e ctoniana**

Deusa do astro que produz o orvalho, soberana do mar, parece evidente que ela é também o princípio da fertilidade terrestre. É graças a ela que as forças vegetativas são acordadas a cada primavera, e é em sua honra que fazemos a «árvore de Maio». Ela faz nascer a erva e as flores sobre os seus passos. Ela é Anteia: «a florida». É esta união com a vegetação primaveril aparece igualmente naquela com Adónis. Ao chegar o Outono ela aflige-se, vela-se, e desce aos mortos. Ela toma então um carácter sombrio e fúnebre.

### **d) Deusa da fecundidade, do casamento e da família**

Afrodite inspira o desejo às criaturas. Dos animais aos humanos, a sua simples presença acorda neles este sentimento que dormia.

Ela está em relação com o casamento. É a ela que oraremos, e é a ela que oferecemos sacrifícios para que o amor conjugal perdure e que a harmonia reine no lar. É assim que ela velará sobre o nascimento e educação das crianças.

### **e) Deusa do amor e da beleza**

Acima de tudo, ela é a Deusa do amor e do prazer. Os poetas de todo o tempo glorificaram o seu corpo: o brilho dos seus olhos, o sorriso da sua boca, a pureza

do seu seio, a brancura ofuscante dos seus pés. Os seus véus são impregnados da cor e do perfume das flores que compõem o seu cabelo. São o açafraão, jacintos, violetas, rosas, narcisos e lis.

Deusa do prazer, ela é rodeada na Grécia como na Ásia por prostitutas sagradas (as hiérodulas). Em certas regiões as jovens raparigas, antes do seu casamento, ou mesmo as mulheres ao menos uma vez na vida, deviam sacrificar o seu corpo à Deusa fazendo comércio dos seus encantos no santuário. Primitivamente associada à perda da virgindade, acabámos de considerar este acto como uma oferenda agradável à Deusa e fazer disso uma instituição permanente. No início as jovens raparigas, depois as mulheres, e enfim os escravos tornavam-se verdadeiras profissionais do amor.

Estas servas conservavam contudo um poder de invocação que elas utilizavam em certas grandes ocasiões. Notemos todavia que estes costumes, podiam parecer estranhos hoje em dia, - imaginemos o que isso daria nos santuários marianos!... - não estando em contradição com nenhum dos preceitos morais o prazer não é aqui senão uma das expressões das mais importante da vida e este deve ser, por isso, honrado.

## **f) Representações**

Tracemos rapidamente alguns pontos-chave destas diversas representações.

Primitivamente, ela é caracterizada pela sua completa nudez. Estas estão na origem das representações de Ishtar que se transmitiram no mundo grego. O tipo correspondente é o de uma Deusa representada de pé, as ancas poderosas e o sexo visível. A maior parte das vezes, as suas mãos estão quer posadas sobre o seu peito, quer uma delas estendida em direcção ao seu baixo-ventre indicando assim a sua vulva.

A Afrodite grega, quanto a ela, está muito frequentemente vestida. As suas mãos ocupam sensivelmente o mesmo lugar, mas parece reter os vincos dos seus fatos.

Ela tende contudo pouco a pouco, por artifícios artísticos, a mostrar o seu peito, para encontrar quase, pelo século IV antes da nossa era, uma nudez quase completa.

Os artistas aproveitam então este tema para exaltar a beleza feminina em todas as graças dos corpos jovens. Está aí um assunto que, aliás, perdurará.

Em conclusão, as relações entre Ártemis e Afrodite vão permitir-nos esclarecer de maneira interessante sobre esta noção de beleza e de prazer.

Com efeito, a primeira é uma Deusa casta preferindo a caça à sedução. Ela foi pois associada à «jovem rapariga» como guardiã da castidade. Contudo Ártemis, virgem eternamente jovem, é o próprio tipo da jovem selvagem. Ela é vingativa e leva à morte numerosos humanos que quiserem aproximar-se de perto ou de


longe. Deusa da Lua e da Fecundidade, ela manifesta nela uma ambiguidade flagrante. O desejo sexual reprimido revela-se na sensualidade e a violência, enquanto que o ideal da virgindade exalta o que faz a sua pureza e a sua força. É desta tensão que não se pode resolver sem crime, que Libanios diz: «As raparigas vão de Ártemis a Afrodite.» O reino de Afrodite é, nós vimo-lo, o do desejo, e nisso ela inspira-se directamente de Ártemis. Ela está contudo aqui consciente deste sentimento e desta pulsão podendo manifestar-se com uma certa desmesura. O desejo violento e indomável engendra por vezes um delírio da carne.

Não podemos ser senão surpreendidos pela permanência de valores que têm estas Deusas. A natureza humana não é ela idêntica ontem como hoje em dia?

É assim interessante relacionar o que acaba de ser dito com a interpretação filosófica dada por Platão.

«Nós sabemos todos que não há Afrodite sem Eros; mas, visto que há duas Afrodites, é de toda a necessidade que haja também dois Eros. Podemos nós com efeito negar a existência de duas Deusas, uma antiga e sem mãe, filha de Úrano, que nós chamamos celeste (Urânia), a outra mais jovem, filha de Zeus e Dione, que nós chamamos popular (Pandemos). (...)

O Eros da Afrodite popular é verdadeiramente popular e não conhece regras; é o amor com que amam os homens vulgares. (...) Eles não têm em vista senão o gozo e não se inquietam com a honestidade. Também lhes acontece fazerem sem discernimento seja o bem, seja o mal; porque um tal amor vem da Deusa que é de longe a mais nova dos dois e que tem por sua origem da fêmea como do macho. O outro ao contrário vem da Afrodite celeste.»<sup>33</sup>

A filosofia, em busca de símbolos, fez pois desencadear uma antítese moral desta dupla origem. Distinguimos de passagem o génio de um tal pensamento que pode, a partir de uma ambiguidade dos relatos, dar nascimento a uma interpretação carregada de sentido. É necessário contudo assinalar que esta explicação filosófica é tardia, e se quer estranha aos  mais antigos mitos da Deusa. Nós voltaremos todavia a falar disso mais à frente.

Apercebemo-nos então que os caracteres atribuídos às duas Afrodites aproximam-se daqueles que nós acabámos de mencionar a propósito de Ártemis e de Afrodite.

Nós poderíamos pois daí concluir que o desejo se manifesta de duas maneiras:

Na juventude, ele é uma tensão impressa de beleza, de graça e de sensualidade. Ele não pode revelar-se a si mesmo sob a sua verdadeira forma. Ele utiliza então as vias indirectas como a do charme, da violência ou dos ideais ascéticos.

Não podendo em seguida manter nele esta tensão extrema, o desejo deve reconhecer a sua verdadeira natureza. É Afrodite, na expressão do seu corpo nu e do prazer que daí decorre. Aceitar a sua natureza, é reconhecer que a vida pode ser cantada naquilo que ela tem de mais original. É então a Deusa nobre do amor puro que se revela, aquela que descobriu que a verdadeira virgindade não se situa na castidade física, mas sobretudo no reconhecimento do verdadeiro lugar dado ao corpo. Desta maneira, a medida e a harmonia revelam-se no

encanto de um corpo resplandecente do brilho do desejo e da beleza interior. Recusar a vida torna-se então um meio de desfear o que nós somos, inventando uma ou mais faltas das quais nós seríamos culpáveis desde o começo dos tempos. Ponto de condenação moral nos mitos destas Deusas, mas um justo equilíbrio pelo qual a nossa existência toma um valor que nós tínhamos esquecido.

## OS 12 OLÍMPICOS

### ***Os poderes divinos***

As correspondências devem ser procuradas nos símbolos originais e universais. A astrologia é uma ajuda preciosa, porque ela conseguiu preservar os símbolos sagrados originais. São eles que ligam a astrologia às tradições espirituais e esotéricas da Caldeia, do Egito e da Grécia.

O zodíaco levou vários séculos a assemelhar-se ao que nós conhecemos, mas é sob esta forma dos doze meses que ele foi utilizado pelos teurgos da Antiguidade. Os *12 signos* representam as *12 energias* específicas que importa conhecer a fim de as utilizar nos nossos ritos e práticas.

A história mostra-nos que os doze signos astrológicos foram definidos depois da determinação dos *12 meses* fundados sobre um ritmo luni-solar. Cada um dos meses encontrava-se sob a protecção e o domínio de uma divindade. Os Deuses correspondendo aos meses apareceram provavelmente no Egito, 1600 anos antes da nossa era. Cada mês, o Deus que presidia era honrado com uma festa particular. Os Babilónios utilizaram o mesmo princípio dos *12 Deuses* correspondendo aos *12 meses* e aos *12 signos* do zodíaco. Tudo isso é explicado num escrito do século I antes da nossa era, *Bibliotheca Historica* do historiador grego Diodoro de Sicília.

A Grécia conheceu igualmente os *12 Deuses do Olimpo* que os Romanos adaptaram ao seu próprio panteão e divisão do ano. Nós encontramos numerosas referências na literatura clássica a estas *12 divindades*. Elas eram o objecto de preces e sacrifícios. No seu livro *As leis*, Platão faz igualmente referência aos *12 Deuses* que ele associa aos *12 meses* do ano e às *12 categorias* da sociedade. Na obra *Fedro*, ele mostra claramente que os *12 Deuses* são divindades astrais (poderes) que se avançam no espaço etérico para ordenar o Cosmos. Nós não podemos saber antes de Platão se os *12 Olímpicos* estavam atribuídos aos *12 meses* do ano. Nós sabemos que isso acontecia depois. É Eudoxos de Cnidos, fundador da astrologia, que associa os *12 Deuses* aos *12 signos* do zodíaco. Este conjunto de *12 Deuses* foi chamado em Roma *Di Consentes*. Se a correspondência das divindades com os meses é clara, aquela com os *12 signos* posteriores é um pouco menos. Contudo a arqueologia fornece a sua ajuda e nós possuímos numerosos elementos todavia concretos permitindo-nos estabelecer esta correspondência. O mais belo objecto é sem dúvida, um altar circular encontrado em Gabii (Itália) em 1793 e que figura hoje em dia no museu do Louvre. Ele data do século I antes da nossa era, e apresenta um círculo composto pelos bustos de *12 divindades*. Cada um é identificado pelos símbolos

característicos. Sobre o lado do altar, e em relação com estas divindades, são representados os signos zodiacais. Este objecto assim como outros confirmam-nos a relação simbólica fundamental.

Certas letras do alfabeto grego foram igualmente colocadas em relação com os *12 signos*. Tratam-se exclusivamente de consoantes. Os hebreus fizeram o mesmo, em seguida como nós lemos no texto qabalístico *Sepher Yetzirah*. Foi ele que serviu de fundamento aos qabalistas cristãos da Renascença, assim como aos textos dos séculos seguintes, e é pois natural utilizá-los aqui.

*Nós resumimos estas correspondências na tabela da página seguinte.*

Signos	Carneiro	Touro	Gêmeos	Câncer	Leão	Virgem
<i>Símbolos</i>	A	B	C	D	E	F
<i>Divindades</i>	Atena	Afrodite	Apolo	Hermes	Zeus	Deméter
<i>F a s e s alquímicas da</i>	<i>Calcinacão</i> (putrefacção, matéria negro)	<i>Congelação</i> ao (coagulação)	<i>Fixação</i> (cozedura da matéria putrefeita)	<i>Dissolução</i> (redução do corpo à matéria prima)	<i>Digestão</i> dum (preparação para a dissolução)	<i>Destilação</i> da (circulação da matéria chamada Rebis)
<i>Grande Obra</i>						
<i>Letras gregas</i>	Beta	Dzêta	Capa	Lambda	Mü	Nü
<i>Letras hebraicas</i>	Hê	Vav	Záin	Hêth	Téth	Yod

Signos	Balança	Escorpião	Sagitário	Capricórnio	Aquário	Peixes
<i>Símbolos</i>	G	H	I	J	K	L
<i>Divindades</i>	Hefesto	Ares	Ártemis	Héstia	Hera	Posídon
<i>F a s e s alquímicas da</i>	<i>Sublimação</i> da (purificação matéria)	<i>Separação</i> da (efeito dissolução do corpo pelo dissolvente)	<i>Incineração</i> de (operação dum preparatória seu Multiplicação)	<i>Fermentação</i> (separação à enxofre com sal)	<i>Multiplicação</i> do (renov. das operações mat. exaltados)	<i>Projeção</i> das (transmutação)
<i>Grande Obra</i>						
<i>Letras gregas</i>	Csi	Sigma	Tau	Fi	Khi	Psi
<i>Letras hebraicas</i>	Lámed	Nun	Sámekkh	Ayin	Tsádé	Qôph

## Atributos dos signos

### Carneiro

*Carácter:* cardinal, masculino, colérico, fogoso, irritável, enérgico e vital.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Carneiro rege o crânio e os ossos da cara.

*Domínio no interior:* ele rege o cérebro e os centros nervosos cervicais.

*Domínio no exterior:* rege a cabeça, a face, o nariz, as orelhas, os olhos e a boca (na anatomia astrológica detalhada, as diferentes partes da cabeça são regidas por diferentes planetas).

### Touro

*Carácter:* fixo, feminino, animal, obstinado, tendência à gula, boa saúde mas facilmente deprimido pela doença.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Touro rege na estrutura as vértebras cervicais, a região occipital, os tendões e a musculatura do pescoço.

*Domínio no interior:* ele rege o cerebelo, a faringe, e o esófago, a artéria carótida, a veia jugular, as glândulas salivares, a laringe, as cordas vocais e a artéria traqueal.

*Domínio no exterior:* ele rege a maxila inferior, o queixo, o pescoço e a garganta.

Este signo possui relações estreitas com os órgãos geradores.

## **Gêmeos**

*Carácter:* mutável, masculino-feminino, mental, nervoso, cambiante.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o signo dos Gêmeos rege as clavículas, as omoplatas, o úmero e em geral os ossos dos braços (se bem que uma subdivisão mais detalhada atribuirá ao Câncer a regência dos cotovelos, ao Leão o antebraço e à Virgem as mãos e os dedos).

*Domínio no interior:* ele rege os órgãos da respiração, a parte inferior da traqueia, os brônquios, os bronquíolos, o tórax e a parte superior dos pulmões (num sentido geral, todo o pulmão está sob o domínio de Gêmeos, mas numa classificação mais detalhada, a pleura e os lobos inferiores dos pulmões são associados ao signo de Câncer).

*Domínio no exterior:* ele rege os ombros, o peito e os braços.

## **Câncer**

*Carácter:* cardinal, feminino, frio, húmido, sensível, receptivo, passivo, fraco mas resistente.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Câncer rege a caixa torácica, as costelas e o esterno.

*Domínio no interior:* ele rege as glândulas mamárias, os fluidos do corpo em geral, o soro do sangue, o estômago, a vesícula, e a matriz.

*Domínio no exterior:* ele rege o peito e a região epigástrica.

## **Leão**

*Carácter:* fixo, masculino, quente, eléctrico, seco, activo, construtivo, vital.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Leão rege a espinha dorsal, e sobretudo as vértebras dorsais.

*Domínio no interior:* ele rege o coração, a circulação nas artérias e o fígado (este órgão é regido por Júpiter, mais que pelo Sol, mas o seu signo zodiacal é o Leão). A bÍlis está sob o domínio do Leão e do Escorpião.

*Domínio no exterior:* ele rege as costas e a região do coração.

## **Virgem**

*Carácter:* mutável, feminino, frio, seco, melancólico, irritável, petulante.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, a Virgem rege as vértebras dorsais inferiores, mas mais exactamente a grande conformação muscular que forma o peritoneu ou a cavidade que contém os órgãos intestinais.



*Domínio no interior:* a Virgem rege o intestino delgado, o piloro, o duodeno, o jejuno, o cólon, o mesentério, o baço e o intestino grosso.

*Domínio no exterior:* a região abdominal e o ventre.

## **Balança**

*Carácter:* cardial, masculino-feminino, quente, húmido, sem muita resistência, letárgico.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, a Balança rege as vértebras lombares.

*Domínio no interior:* a Balança rege os rins, sobretudo as partes superiores e as superfícies corticais e medulares, tendo o trabalho de destilação e filtração da urina mas não de eliminação; as papilas e os plexos renais estão também sob o domínio da Balança, os ovários e os testículos são em parte sob este signo, no sentido da acumulação da força vital mas não da sua distribuição.

*Domínio no exterior:* a Balança rege as lombares, o ânus, a parte inferior do tronco, as costas à volta das vértebras lombares, as fezes, e a região à volta do ânus.

## **Escorpião**

*Carácter:* fixo, feminino-masculino, frio-quente, irregular, apaixonado, ardente. É o signo da vida e da morte.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico o Escorpião rege os ossos pélvicos.

*Domínio no interior:* o Escorpião rege a parte inferior dos rins, eliminação da urina dos rins e da vesícula, a uretra, a uréter, eliminação da matéria fecal, o recto, o ânus, o sistema genito-urinário feminino e masculino. Forte influência sobre o sistema glandular.

*Domínio no exterior:* o Escorpião rege as regiões ilíacas e inguinais, o aparelho genito-urinário feminino e masculino

## **Sagitário**

*Carácter:* mutável, masculino, quente, seco, colérico, rápido, aventureiro, franco, indisciplinado, mas pronto a escutar os bons conselhos; tendo um poder de cura graças à vontade e ao optimismo.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Sagitário rege o sacro, o cóccix e a pélvis, o ísquio, os ossos das ancas e a articulação com os músculos da locomoção e o sistema muscular em geral.

*Domínio no interior:* o Sagitário rege as artérias e as veias ilíacas, o nervo ciático, exerce uma acção sobre o sistema nervoso em geral e o fígado, devido à influência de Júpiter.

*Domínio no exterior:* o Sagitário rege a região das ancas e das coxas.

## **Capricórnio**

*Carácter:* mutável, feminino-masculino, frio, cuidadoso e resistente.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Capricórnio rege directamente as pernas e os joelhos, contudo todo o sistema ósseo do corpo é regido por este signo, assim como as juntas e as articulações mas o movimento das articulações pertence a Saturno.

*Domínio no interior:* o Capricórnio não tem um grande campo de acção, salvo sobre os ossos e o perióstio

*Domínio no exterior:* ele rege todo o sistema de tegumentos da pele, os cabelos e os dentes.

## **Aquário**

*Carácter:* fixo, masculino, quente, húmido, forte, racional, activo com uma boa vitalidade.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o Aquário rege directamente os ossos das pernas, sobretudo a tíbia e o perónio, o astrágalo e os ossos dos tornozelos.

*Domínio no interior:* o signo de Aquário rege sobretudo o sangue e o sistema circulatório, assim como a respiração no que concerne à oxigenação do sangue.

*Domínio no exterior:* este signo rege as barrigas das pernas, as pernas e os tornozelos.

## **Peixes**

*Carácter:* mutável, feminino, frio, húmido, linfático, prestável, sensível, compassivo, generoso, dependente, espiritual, e de fraca vitalidade.

*Domínio na estrutura:* no corpo físico, o signo de Peixes rege directamente os ossos dos pés, o tarso, o metatarso e as falanges.

*Domínio no interior:* o signo de Peixes rege sobretudo o sistema linfático, o sistema glandular, e os fluidos sinoviais; a sua influência sobre a saúde é muito marcada, mas quase sempre de uma maneira obscura.

*Domínio no exterior:* o signo de Peixes rege os pés e os dedos dos pés. A influência deste signo é visível exteriormente em todo o relaxamento dos tecidos.

## **O DESTINO DA ALMA**

### ***Nascimento e Encarnação***

Nós compreendemos agora a natureza desta cosmologia, é aí necessário assinalar que é provavelmente desta observação que derivaram para os antigos as teorias da dualidade: matéria/espírito, corpo/alma. Nós temos um corpo perceptível por intermédio dos sentidos, mas ao mesmo tempo nós pensamos, nós lembramo-nos, nós imaginamos, e estes actos de pensamento são absolutamente imateriais. Dizer-nos que tudo isto poderia decorrer da acção do cérebro, não enleva nada ao facto de que o processo mental é imaterial em essência. É pois natural pensar que nós temos um corpo e uma alma. A consequência lógica consiste em dizer que o facto do que o corpo desaparece com morte não implica que se passe do mesmo modo para a alma. Ao contrário, ela pode juntar-se livremente ao mundo ao qual ela se assemelha. Imaginemos uma criança segurando um balão planando em cima dela. É a imagem da alma ligada ao corpo. Se a criança solta este balão, a ilustração da subida da alma será muito explícita. Não se tratam aqui de princípios qabalísticos complicados. Há um alto e um baixo, um visível e um invisível.

A nossa alma espiritual desceu da dimensão celeste para entrar na matéria e encarnar no corpo físico. Para isso, ela atravessou os diferentes véus celestes das esferas planetárias. Em cada um, ela vestiu-se simbolicamente de uma veste correspondendo a cada planeta. Cada um destes invólucros tem as suas próprias características. Evidentemente, quanto mais a alma desce, mais estes envelopes criam uma espessura susceptível de obscurecer as suas faculdades e a sua expressão. Imaginemos uma vela representando a alma, e vidros de cor que nós colocaríamos à volta dela. O primeiro envelope de cor azul deixaria passar a luz. Depois nós colocaríamos à volta um vidro azul claro, depois um vidro vermelho e assim em diante. A luz acabaria quase por desaparecer. É a situação da alma encarnada. Se nós acreditarmos nos antigos, assim como na astrologia que decorre das suas doutrinas, cada vestimenta influencia-nos, determinando uma parte do que nós somos e da nossa existência. Platão explica que a nossa alma é como uma estátua divina caída no mar, que as conchas e outros corais teriam recoberto pouco a pouco. É óbvio que a natureza destes corpos que nos rodeiam, a sua espessura, a sua opacidade e logo a sua influência, variam para cada um de nós. Isso depende do que nós fizemos antes de nos encarnar neste corpo.

### ***A via de retorno***

Para os antigos iniciados a coisa é simples: nós descemos e é necessário voltar a

subir em direcção à nossa origem. É a primeira etapa que permanece fundamental na iniciação das tradições ocidentais.

Como acabámos de ver, uma divindade corresponde a cada planeta. Desenvolvida progressivamente pelos iniciados de todas as origens, esta astrologia teúrgica tornou-se a fonte de um conjunto importante de correspondências ligando tudo o que existe no universo (som, cor, perfume, gesto, palavras sagradas, etc.). Caracteres psicológicos são-lhes igualmente associados. Assim, o universo do qual nós fazemos parte não é constituído de astros frios e mortos, mas por poderosos arquétipos divinos agindo sobre nós pelas suas posições e os seus deslocamentos. É importante reter que estes arquétipos não são elementos materiais, mas poderes divinos ou mesmo divindades. É necessário pois começar pela esfera onde a divindade está mais próxima de nós, a Lua. Em seguida nós progrediremos de esfera em esfera até atingir o limite das estrelas fixas.

Para progredir desta maneira, vamos utilizar ritos e práticas utilizando as correspondências ligadas a cada um dos planetas. Vamos estabelecer um contacto com o poder divino regendo esta esfera, fazer-se reconhecer a ele por palavras de passe (as palavras de poder e as palavras sagradas), pelos sinais e símbolos. O conjunto destes elementos estrutura um rito que vós descobrireis mais à frente. É exactamente o processo que nós seguimos assim que nós nos conectamos pela Internet ao site privado de uma administração ou de um banco. Nós devemos responder correctamente às palavras de passe escolhidas ou atribuídas, etc. Os franco-maçons reconhecerão a origem e a função reais do que é chamado nesta tradição as palavras de passe e palavras sagradas. Após termos sido reconhecidos e aceites pelo poder divino da esfera, nós poderemos comunicarmo-nos com esta. Desta troca nascerão uma maior compreensão recíproca e um conjunto de acordos. Será isso que nos permitirá estabelecer uma relação harmoniosa com ela, e por consequência reequilibrar este aspecto da nossa personalidade e do nosso psiquismo. Nós estamos aqui numa dimensão eminentemente prática. Uma vez feito este trabalho com os planetas, nós conservamos uma relação privilegiada com cada um deles. Cabe-nos conservar esta ligação mantendo-a de maneira tradicional. Isto não é um simples jogo intelectual, é um laço de amizade e mesmo de amor. Esta relação permitirá reconectarmo-nos facilmente com estes poderes. Assim, se alguém afirma quando da leitura do vosso tema astral, que Marte recebe um mau aspecto de um outro planeta, vós podereis dizer que isso não é muito grave pois conheceis a divindade que se ocupa disso. Vós podeis conectar-vos com ela para que tudo se arranje. Uma vez este contacto estabelecido, exercícios simples permitir-vos-ão rectificar estas influências contrárias.

## **A ascensão**

Mas antes de poder agir assim, nós devemos seguir um processo prévio, uma verdadeira progressão iniciática. É-nos necessário sair da caverna (ver a análise precisa desta alegoria platónica em anexo). Esta ascensão, esta progressão em direcção à luz exterior é o processo iniciático do qual nós falamos. Platão disse-nos que convinha fazer isso com alguém que já tivesse efectuado o trajecto.

Nesta obra, este papel será tido pelos capítulos teóricos e práticos que vos guiarão. Mas ninguém pode fazer esse trajecto em vosso lugar. Isso será certamente possível, mas muito mais complicado do que nós imaginamos. Se vós estais numa caverna que não conheceis, sem luz, e que vós procurais a saída, isso arrisca-se a ser difícil, solicitar tempo, energia, sorte e uma boa intuição. Se há alguém que conhece o trajecto, tudo é muito mais simples. Os ritos podem representar este iniciador porque eles são um método progressivamente elaborado.

Mas tudo isto não se realiza espontaneamente, como por milagre. A prática destes ritos que se seguem agirá como o efeito de gotas de água caindo regularmente sobre uma rocha dura, e acabará por a partir. Assim, cada prática se juntará à outra para deixar a sua marca e vos levar ao centro do Cosmos, ao coração do vosso ser.

Realizar estas práticas regularmente vos ajudará a adquirir uma melhor compreensão dos poderes que vos influenciam inconscientemente. Vós sentireis progressivamente um maior equilíbrio na vossa vida, e uma atenuação das vossas angústias face à existência.

### ***A atitude moral***

As práticas que permitem esta ascensão não são simples receitas mágicas. A via hermetista implica que este trabalho e estes rituais sejam acompanhados por uma atitude moral de pureza interior, de fraternidade e de amor. A filosofia platónica explica que uma acção não integrando um real trabalho sobre si será perigosa para o indivíduo e não o orientaria numa boa direcção. Platão explica que é o desejo que nos leva a reencontrar o nosso lugar de origem. Este desejo ou Eros é motivado pela lembrança deste lugar ideal no qual nós nos encontrámos, mas igualmente pela procura do Belo sob todas as suas formas, a começar pela procura da beleza no corpo físico. Nós vemos que esta via é ao mesmo tempo extremamente espiritual e humana. Nós vimos que o corpo não é rejeitado, nem esquecido. Mas Platão diz que é necessário procurar-se unir-se à Beleza, à Afrodite celeste e não à Afrodite terrestre. É necessário pois procurar o esplendor das formas puras e não o desejo vil e desprezável daquele que se deixa encadear por paixões desenfreadas. Além disso esta ascensão para a qual nós utilizamos o belo deve-nos conduzir aos belos corpos, às belas acções e às belas ideias. Assim a procura do Bem é uma busca moral na qual as nossas acções e os nossos pensamentos devem igualmente ser belos e admiráveis. Será assim desde o início no segredo da nossa alma, mas igualmente em seguida na adequação entre o que é dito e o que é feito.

### ***Após a ascensão***

A questão a nos colocarmos, é a de saber o que é que se passará uma vez

chegado além desta abobada celeste. Que virá depois de termos sido reconectados às diferentes energias que nos rodeiam, uma vez que nós as tivermos posto em ordem e que nós estivermos harmonizados com elas? A Tradição ensina-nos que nós nos tornaremos capazes então de experimentar o que Platão e Plotino chamaram a *contemplação*. Trata-se de um conhecimento interior que não passa mais pelo intelecto, nem mesmo por uma representação mental. Isto implica que nós não podemos nem devemos exprimir grande coisa a este respeito. Mas não penseis que esta contemplação é similar a um desaparecimento ou uma aniquilação da vossa personalidade. Nós não vivemos num mundo oriental no seio do qual a nossa alma tenderia a dissolver-se num absoluto. Nós comungamos com o absoluto, o que é diferente.

Contudo, e depois disso, os iniciados dizem que nós deveríamos voltar a descer. Esta nova descida no corpo e no mundo é o que nós chamamos hoje em dia *Reencarnação* ou *metempsicose*. Uma vez este estado atingido, nós temos o dever de retornar no mundo, ajudar os nossos irmãos e irmãs humanos que não conhecem nem a sua natureza, nem este caminho sagrado de retorno.

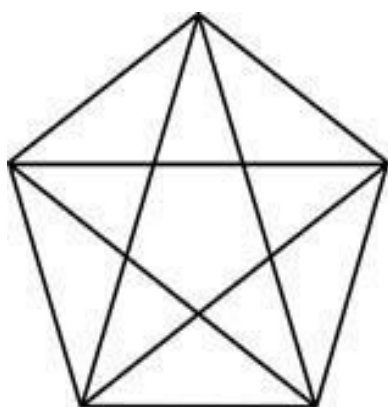
## **CAPÍTULO SEIS**

---

### **A ESCADA CELESTE**

## RITO DO PENTALFA

### ***As origens***



O pentagrama é uma estrela de cinco pontas (*penta*: 5 e *gramma*: letra) traçado a partir dos pontos de intersecção de um pentágono. A palavra *Pentalfa*, quanto a ela, provém da associação das palavras gregas significando *cinco* e *alfa* (a letra A latina).

A origem e o significado esotérico do pentagrama (chamado também pentáculo, pentalfa ou pentângulo) para certos ocultistas devem ser investigados na observação astronómica do desenho das conjunções de Vénus com o Sol. Esta representação conhecida em muitas culturas adquiriu numerosos significados no decurso das idades.

Se bem que o uso comum associa frequentemente a estrela de cinco pontas ao pentagrama, uma distinção deve contudo ser feita. O contorno do pentagrama ou «nó sem fim», é uma estrela constituída por cinco pontas. Mas esta última não representa necessariamente o pentagrama. Os fundamentalistas religiosos raramente fazem esta distinção, enquanto que os ocultistas modernos a fazem e definem o pentáculo como o pentagrama no interior de um pentágono ou de um círculo.





Historicamente, a palavra pentáculo relaciona-se a um amuleto, não importando de qual tipo, incorporando frequentemente um hexagrama. As denominações pentagrama e pentáculo (ou pantáculo) não estão necessariamente associadas ao número 5. A palavra Pentáculo vem provavelmente de um velho termo francês, e que define *suspende* ou *pender*, e significa um talismã ou, por extensão, não importando qual símbolo utilizado nas operações mágicas.

Na heráldica europeia, as estrelas são geralmente chamadas *estoiles* ou *mullets*. Em Inglaterra, estas *Estoiles*, têm frequentemente 6 raios ondulados. A menos que isto não seja indicado com precisão, mas se os raios são direitos, a estrela é chamada uma *mollet* e possui 5 pontas. Se este símbolo comporta um buraco no seu centro, a sua origem é provavelmente a da moleta de uma espora. Não há neste caso nenhuma conexão com as estrelas celestes ou o pentagrama.

Sem justificação, nem fundamento histórico, Éliphas Levi afirmou que o pentagrama com uma ponta para o alto representava o princípio do Bem, e a ponta em direcção a baixo, o do Mal. É claro que se trata de uma interpretação pessoal fundada sobre a representação simbólica de uma cabeça de bode. Numerosos ritos e símbolos mostram que até ele, esta orientação não tinha nenhuma importância. É o caso de certos ritos maçónicos que mantiveram o símbolo na posição que ele tinha na origem.

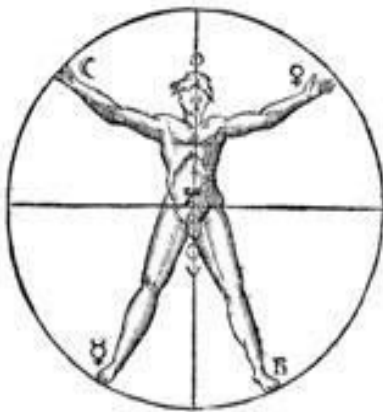
### **O que significa o pentagrama?**

De Vogel, Goff e Van Buren explicam que a utilização do pentagrama data de Uruk IV (-3500) na antiga Mesopotâmia, e parece significar «o corpo celeste». No período cuneiforme (-2600), o pentagrama (símbolo UB) significa «a região», «o quarto celeste» ou «a direcção». Mas ele conserva um sentido ambíguo.



Historicamente, não parece que este símbolo seja associado a Vénus. Com efeito, esta última corresponde à Deusa suméria Ishtar (Ishhara, Irnini, Inanna), donde o símbolo é uma estrela de 8 ou 16 pontas. Entre os Hebreus, a estrela de 5 pontas foi atribuída à Verdade e aos 5 livros do Pentateuco. Na Grécia Antiga, chamaram-na *Pentalpha*. Os pitagóricos consideraram-na como um emblema da perfeição representando o ser humano. O pentagrama é igualmente associado ao número de ouro - que ele inclui - e ao dodecaedro, quinto sólido platónico possuindo 12 faces pentagonais. Lembremo-nos que ele foi considerado por Platão como o símbolo dos céus. Nós dissemos anteriormente que o pentagrama tinha um significado e um poder secretos para os pitagóricos. Estes utilizavam-no como palavra de passe e símbolo de reconhecimento.

O pentagrama foi igualmente encontrado sobre estátuas egípcias e peças gaulesas.



Nós podemos notar a sua presença sobre uma taça vermelha Ática do século V antes da [◆◆] nossa era. Este sinal encontra-se ao mesmo tempo entre os Gregos e os Etruscos. Uma peça tendo um pentagrama e os caracteres «Pensu» (o nome etrusco para cinco) foi encontrada numa urna em Volterra (Itália). Durante a república romana, o pentagrama representava as mestranças.

Os grimórios medievais atribuídos a Salomão deram uma grande importância ao pentagrama sob o nome de *Selo de Salomão*. Gershom Scholem escreveu que «na magia árabe, o selo de Salomão foi largamente utilizado, mas a sua utilização nos círculos judaicos foi restrita a casos rel ativamente raros. Aquando desta utilização, o hexagrama e o pentagrama eram facilmente intercambiáveis e o nome foi aplicado às duas figuras.» As versões latinas destes grimórios utilizam a

palavra «pentaculum» para falar de todas as figuras circulares associadas ao selo de Salomão, quer estas contenham a figura exacta do pentagrama ou não.

A primeira menção inglesa de um pentagrama aparece na lenda de *Sir Gauvin* e do *Cavaleiro Verde* (Estrofes 27-28). No texto, o herói solar céltico leva um escudo «brilhante, com um Pentângulo de oro puro representado na parte superior».

O pentagrama, com a ponta para o alto, representa simbolicamente um ser humano com as pernas e os braços afastados. Tycho Brahe, no seu *Calendarium Naturale Magicum Perpetuum* (1582), associa-o pois ao corpo humano e sobrepõe-lhe as cinco letras hebraicas *Iod, Hê, Shin, Vav, Hê* associadas aos elementos. Numa ilustração atribuída a um contemporâneo de Brahe, Henry Cornelius Agrippa von Nettesheim, podemos ver os cinco planetas e a Lua no seu centro. Noutras ilustrações, do mesmo período, de Robert Fludd e Leonardo da Vinci mostram tais relações geométricas relacionando o homem com o universo.

Convém agora dizer algumas palavras sobre a assimilação do símbolo do pentagrama pelo cristianismo.



A confusão vem do facto de que o símbolo do pentáculo se encontra no Selo da cidade de Jerusalém, diferente pois da estrela de David que se encontrava em antigos escudos. Os paleocristãos atribuíram o pentagrama aos Cinco Estigmas de Cristo. Mas desta época até ao período medieval, o pentagrama permaneceu um símbolo cristão pouco utilizado. O Imperador romano Constantino I, após a sua defesa de Maxentius e a emissão do Édito de Milão em 312, atribuiu o seu sucesso à sua conversão ao Cristianismo e incorporou o pentagrama de ponta para baixo, no seu selo e amuleto.

Se bem que diferentes autores tenham tentado cristianizar o pentagrama descrevendo-o como a estrela de «Jesus» ou a «Estrela do Este», a arte cristã revela poucos exemplos. A estrela de 5 pontas, ponta para cima, é por vezes definida como o símbolo de Cristo, «a estrela brilhante e da manhã»; e, inversamente, a de ponta para baixo, como a sua encarnação.

Lembremos que a assimilação do pentagrama de ponta para baixo a Satã é totalmente inexistente antes da criação simbólica de Éliphas Levi, assimilando-a ao Baphomet.

A partir deste período (século XIX), os elementos simbólicos vão-se codificar no mundo mágico e esotérico ocidental. Esta dualidade negativo e positivo – segundo a orientação do pentagrama – vai-se afirmar, assim como as dimensões pagãs, mágicas e rituais.

### ***O rito do pentagrama: origem e natureza***

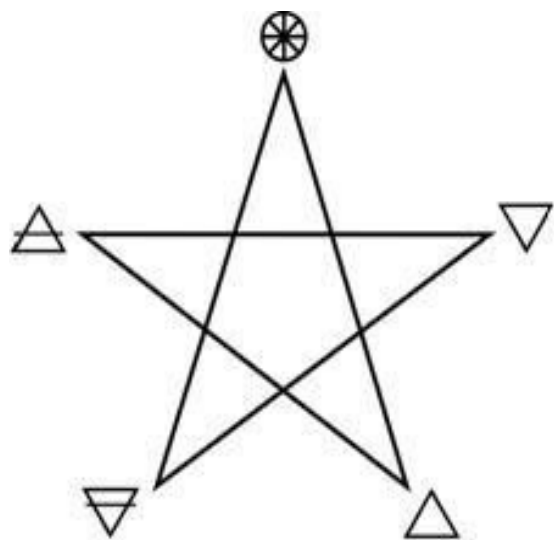
Éliphas Levi, Mac Gregor Mathers, a Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix e a Golden Dawn foram os criadores deste ritual que chamamos hoje em dia correntemente *o ritual do pentagrama* quer ele seja «menor» ou «maior» (nomeado segundo o maior ou menor desenvolvimento do rito).

Os elementos deste rito são múltiplos mas decorrem essencialmente de dois pontos:

- 1) as atribuições simbólicas do pentagrama,
- 2) as invocações das palavras sagradas (hebraicas ou gregas) que são associadas às diferentes etapas do ritual.

A nossa intenção não é aqui fazer uma análise do ritual do pentagrama tal como a Golden Dawn o popularizou, mas de dar os elementos essenciais de compreensão desta técnica mágica. Nós desenvolvemos num outro livro os símbolos e a utilização do pentagrama entre os qabalistas cristãos da Renascença, depois na Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix (ver *A Cabala Teúrgica*, Madras Editora). Nós não retornaremos portanto a este ponto aqui.

Eis aqui em baixo a recordação das principais atribuições dos 5 pontos do pentagrama:



A utilização mágica considera que o traçado ritual de um tal símbolo com a ajuda de um dedo da mão, de uma vara, de uma

espada ou de qualquer outro objecto ritual, permite desencadear um efeito particular. Trata-se de uma espécie de animação da energia presente na vossa aura e no vosso ambiente vibratório próximo. A partir do texto original do *Corpus de Hermes* já citado, nós sabemos que esta qualidade de energia equilibra o nosso ser a o mesmo tempo sobre o plano vibratório e físico. Nós vimos também que estes elementos estruturam as cinco primeiras etapas de ascensão em direcção às esferas divinas, na sequência seguinte: Terra, Água, Ar, Fogo, Éter.

É importante considerar estes diferentes aspectos para não ficar encerrado no quadro rígido e limitado de certos grupos iniciáticos citados mais acima. Nós devemos pois partir do princípio de que o objectivo desta prática ritual se pode revelar duplo pois que esta utilização enquanto que elevação espiritual deve ser um dos elementos essenciais do Teurgo. Nós voltaremos aí depois, indicando o processo que vos permitirá ir um pouco mais longe que as indicações habituais.

Uma vez que o princípio das atribuições «elementais» (correspondendo aos pontos) é fixado, nós devemos perguntar-nos como os activar e utilizar. Há duas «escolas» diferentes desenvolvendo duas teorias: uma é a Ordem da Golden Dawn, a outra a Ordem da Aurum Solis.

Na primeira, activamos um elemento partindo do ponto que precede o elemento e prosseguindo o traçado no sentido horário. Nós indicamos estas sequências sobre os esquemas seguintes.

É necessário reconhecer que a lógica deste processo não é muito evidente. Não vemos muito como será possível animar um elemento se não começamos por agir com ele.

No segundo, o da Aurum Solis, colocamos logicamente a ponta do instrumento que nos serve para invocar (dedo, vara, etc.) sobre o elemento em questão, e traçamos o pentagrama a partir desse ponto no sentido horário (ver o esquemas da página seguinte).

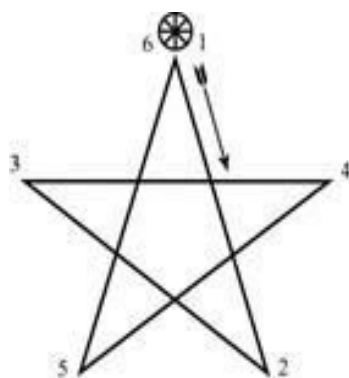


Figura 38: O pentagrama de invocação do Espírito.

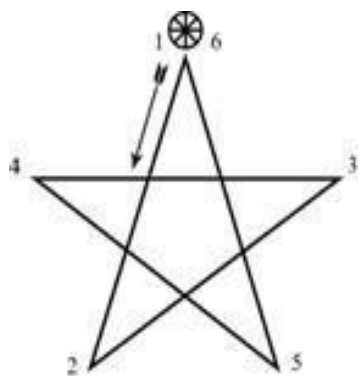


Figura 39: O pentagrama de banimento do Espírito.

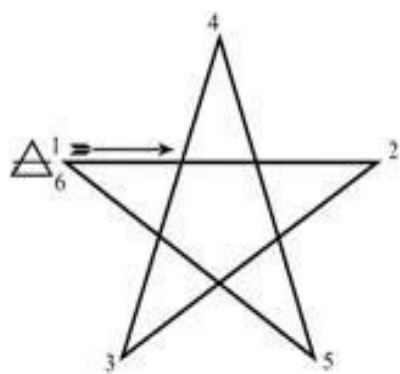


Figura 40: O pentagrama de invocação do Ar.

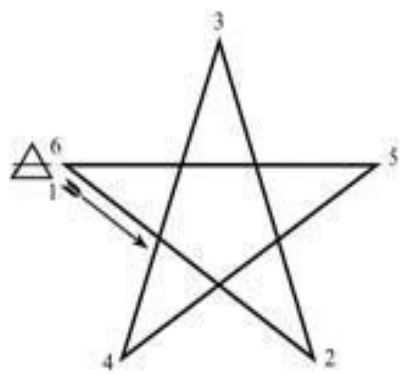


Figura 41: O pentagrama de banimento do Ar.

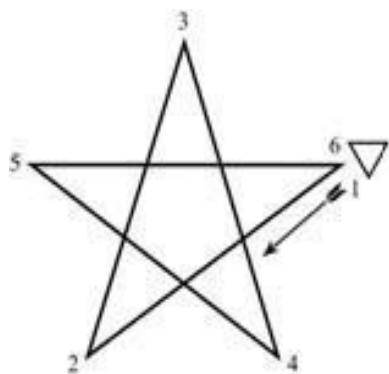


Figura 42: O pentagrama de invocação da Água.

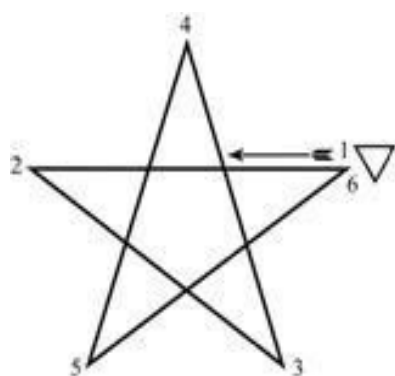


Figura 43: O pentagrama de banimento da Água.

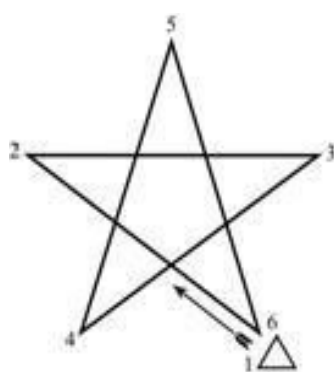


Figura 44: O pentagrama de invocação do Fogo.

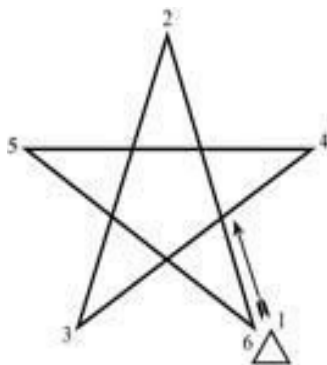


Figura 45: O pentagrama de banimento do Fogo.

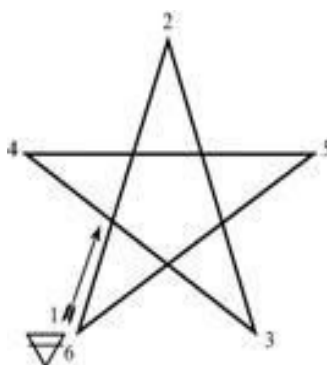


Figura 46: O pentagrama de invocação da Terra.

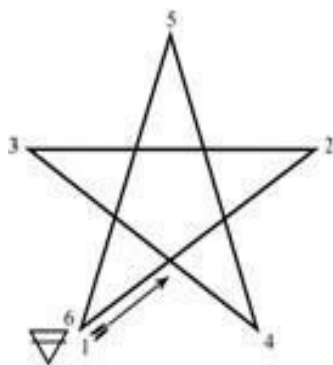


Figura 47: O pentagrama de banimento da Terra.

O princípio é aqui muito simples: nós tomamos a energia do elemento e nós expandimo-la activando-a da mesma maneira que nós mergulharíamos a nossa mão num pote de terra para o espalhar à volta da representação. Imaginamos dificilmente qual é o elemento que será activado na primeira parte do traçado com o primeiro sistema...Nós tivemos a ocasião de dizer que a lógica existia também na arte mágica e isto é uma boa ilustração.



O sentido de rotação do traçado é em seguida importante, e dá nascimento ao que é chamado a *invocação* e o *banimento*. Este funda-se sobre a ideia muito antiga de que todo o movimento no sentido horário (sentido dos ponteiros dum relógio) é uma activação, uma *invocação*. Todo o movimento no sentido contrário (sentido oposto ao dos ponteiros dum relógio) é um *banimento*. Esta formulação típica da Golden Dawn foi a fonte de uma incompreensão fundamental do objectivo tradicional do ritual do pentagrama. Nós lembrar-nos-emos do que foi escrito numa parte precedente desta obra: a natureza e o corpo não são maus. Os cinco componentes que nos estruturam não são a rejeitar. Será pois absurdo aplicar um princípio maniqueu ou gnóstico visando banir ou exorcizar um destes elementos. Isso não teria nenhum sentido a nível teúrgico. A intenção do teurgo é por um lado equilibrar sãmente os corpos físicos, psíquicos, e por outra parte elevar-nos espiritualmente. Falando deste princípio, e considerando aquilo que nós acabámos de dizer, retenhamos que o sentido horário activa e o sentido anti-horário abranda ou trava. Nós podemos dizer que o pentagrama vai-nos permitir que nos reequilibremos. Se nós temos uma quantidade de Ar demasiado grande, traduzindo-se por exemplo por uma perda do sentido das realidades, quer nós intensifiquemos a Terra pelo pentagrama dito de invocação da Terra, quer nós refreemos o Ar pela utilização do pentagrama dito de banimento do Ar. Por consequência, não ❖❖❖❖ esqueçamos jamais em qual sentido estes termos devem ser compreendidos.

É interessante perguntarmo-nos como podemos saber se convém intensificar ou reduzir os elementos e quais. Vários métodos são possíveis.

O primeiro, e o mais espontâneo, consiste em se fundar sobre uma apreciação psicológica e comportamental, aquele que nós evocávamos mais acima. Para tomar um outro exemplo, alguém será considerado como tendo um temperamento de fogo se ele é muito impaciente, colérico, etc.

Uma segunda possibilidade consiste em conhecer o vosso tema astrológico natal – ou o do ano em curso – e de conhecer os elementos mais importantes ou aqueles que estão em défice. Será então para vós fácil saber o que convém reforçar ou temperar. Vós podereis em seguida conhecer facilmente os períodos durante os quais é necessário agir. Na tabela ao lado, nós indicamos os períodos correspondentes aos elementos. Quer se trate de intensificar ou de reduzir um, vós escolhereis o período do ano correspondente ao elemento.

O número de ritos a realizar para intervir sobre o elemento dependerá evidentemente da intensidade necessária. Os ciclos de trabalho clássico, para um rito quotidiano, são de 7, 14 ou 28 dias.

Se vós ignorais sobre qual elemento agir ou se vós desejais, como o *Corpus Hermeticum* propõe, equilibrar saudavelmente, convém encadear 4 períodos de intensificação (invocação) de cada um dos elementos. Poderemos, se o desejamos, associar as fases lunares ascendentes e descendentes a estes ciclos. Neste caso, o trabalho de abrandamento (banimento) será efectuado em lua decrescente (entre a Lua cheia e a Lua nova).

Notareis, bem entendido, que o que nós vimos de indicar não toma em conta o ponto superior do pentagrama correspondendo ao Espírito ou Éter.

No texto que nós vos indicávamos, o Espírito corresponde à última etapa, a da invocação dos Poderes divinos (interiores ou exteriores à nossa psique). Será então delicado imaginar que possamos «banir» em lugar de os invocar e os convidarmos a se juntarem a nós. Neste caso, o sentido horário a partir do ponto superior é um chamamento, uma invocação, uma abertura, enquanto que o sentido anti-horário é um agradecimento, um reenvio, um fecho.

Este pentagrama pode ser utilizado não importando qual o momento do ano, o Espírito/Éter situando-se além e acima dos 4 níveis elementais que correspondem aos signos do zodíaco.

Ele será além do mais, utilizado para chamar os poderes superiores na esfera do candidato a fim de nos ajudar a nos estabilizarmos sobre o plano físico. Em certas situações, é possível utilizar unicamente o pentagrama de invocação sem o fazer seguir pelo de banimento. É o caso para um ciclo de intensificação das energias positivas e superiores na esfera da aura.

Alguns escritos mencionam a utilização do pentagrama como meio de neutralizar os ataques psíquicos, dissolver obsessões ou rejeitar amálgamas negativas presentes na nossa aura. Nós pensamos que é preferível utilizar o poder das divindades (por exemplo Marte) com esse objectivo. Todavia, certos praticantes conhecendo particularmente o rito do pentagrama poderão desejar utilizar igualmente com este objectivo. Os princípios são os seguintes:

- Definir a natureza elemental do que nós desejamos banir (carácter aéreo, terrestre, ígneo ou aquoso).
- Traçar ou constituir um círculo no solo com uma corda, por exemplo.
- Visualizar a materialização no centro deste círculo do que nós desejamos banir.
- Traçar um pentagrama de invocação do Espírito em cada direcção (Este-Sul-Oeste-Norte) à volta do círculo, visualizando aí o crescimento da luz celeste irradiando o elemento que nós queremos fazer desaparecer e que se encontra ao centro do círculo.
- Traçar um pentagrama de «banimento» do carácter do elemento a banir nas quatro direcções à volta do círculo e na seguinte sequência: Norte-Oeste-Sul-Este. É conveniente ao mesmo tempo visualizar a dissolução do elemento.
- Abrir o círculo.
- Traçar um pentagrama de invocação do Espírito nas quatro direcções à volta de nós, voltando-nos face às diferentes direcções: Este-Sul-Oeste-Norte. Convém ao mesmo tempo visualizar o crescimento da luz na esfera da nossa aura.

### ***Rito do Pentalfa para o equilíbrio dos elementos***

Fazei face a Este e realizai o gesto do Cálice que segue, pronunciando as palavras

sagradas em grego.

### ***Gesto do Cálice***

Vós estais em pé, as costas direitas e os braços ao longo do corpo. Pronunciai vibrando: EI (Éi).

Elevai os dois braços sobre os lados em forma de Tau (T), as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Mantende a posição alguns segundos e vibraí: 'H BASILEIA (È *baziléia*).

Pousai a vossa mão esquerda sobre o vosso ombro direito (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula). Mantende esta posição e vibraí: KAI 'H DUNAMIS (*Kaï è dunamis*).

Pousai a vossa mão direita sobre o vosso ombro esquerdo (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula). Mantende esta posição e vibraí: KAI 'H DOXA (*Kaï è doxa*).

Conservai os braços cruzados e curvai a cabeça dizendo:

EIS TOUS AIONAZ (Éis tous aïonas).

### ***Praesidia***

Levantai-vos conservando os vossos braços cruzados sobre o peito e pronunciai a frase seguinte:

'H PELEIA 'H UGRA O OFIS KAI TO WION

(È *péléia è ugra o ophis kaï to oïon*)<sup>[4]</sup>

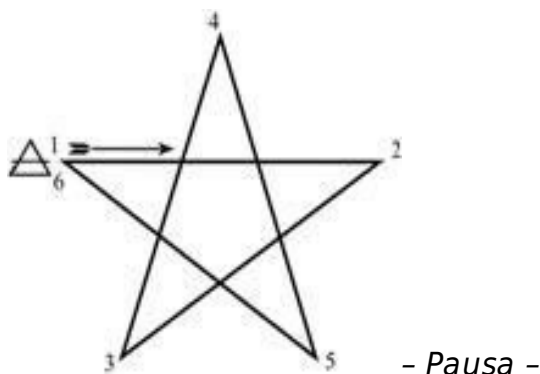
(Tradução a não pronunciar:

*A pomba e as ondas, a serpente e o ovo*)



Continuai e dizei:

Ísis dirige-se ao seu filho Hórus e diz:

*De todas as coisas produzidas neste mundo, pela palavra ou por acção, as fontes encontram-se no mundo das ideias e manifestam-se sobre nós com Ordem e Medida a substância do real. Nada existe que não seja descido do alto e não suba aí para daí descer.*



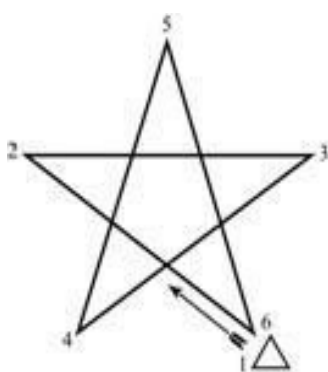
*Que os 4 Elementos compondo a nossa natureza corporal sejam manifestados equilibrados pelo rito que eu realizo!*

Sempre face a Este, esticai a vossa mão em direcção a Este de   pois traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação do Ar pronunciando simultaneamente:

SELAH-GENETHS

*(Sélaé guénétes).*

Cruzaí os vossos braços sobre o peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:



*Eu invoco neste instante o poder do Ar! Possas tu manifestar a tua presença nos diferentes corpos que me compõem!*

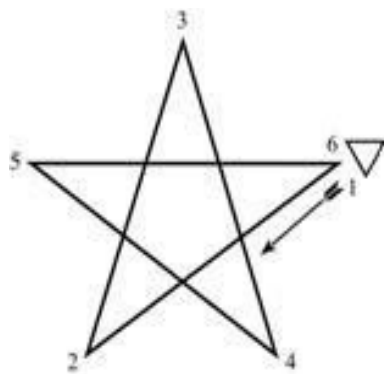
Relaxai os braços.

Voltaí-vos face a Sul, esticai a vossa mão nesta direcção e traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação do Fogo pronunciando simultaneamente:

QEOS (*Théos*).

Cruzai os vossos braços sobre o vosso peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder do Fogo! Possas tu manifestar a tua presença nos diferentes corpos que me compõem!*



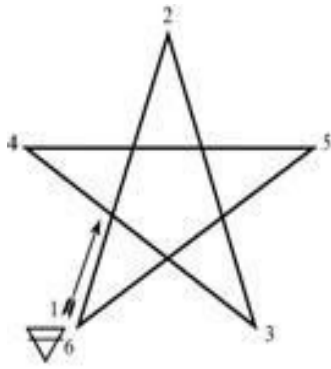
Relaxai os braços. Voltai-vos face a Oeste, esticai a vossa mão nesta direcção e traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação da Água pronunciando simultaneamente:

PANKRATHS (*Pankratès*).

Cruzai os vossos braços sobre o vosso peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder da Água! Possas tu manifestar a tua presença nos diferentes corpos que me compõem!*

Relaxai os braços.



Voltai-vos face a Norte, esticai a vossa mão nesta direcção e traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação da Terra pronunciando simultaneamente:

KURIOS (*Kurios*).

Cruzai os vossos braços sobre o vosso peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder da Terra! Possas tu manifestar a tua presença nos diferentes corpos que me compõem!*

Relaxai os braços.

Elevai ligeiramente os vossos braços em direcção a Este e pronunciai a frase:

GAIA KAI 'O ICWR TOU OURANOU

(*Gaïa kaï o ikor tou ouranou*).

(Tradução a não pronunciar: *A Terra é o sangue do céu*)

Cruzai os braços sobre o peito, o direito sobre o esquerdo e dizei:

*Que toda a natureza no mundo se ponha agora à escuta, porque eis aqui o que clama o homem (a mulher) que atravessou com Ordem e Medida o Fogo, o Ar, a Água e a Terra e se fixa no seio do poder do Sopro e do Éter:*

*Poderes que estais em mim, cantai o Um e o Todo; cantai ao unísono da minha vontade.*

*Santa Gnose, iluminadora da minha alma, é por ti que eu celebro a luz inteligível e me alegro na alegria do ☐🌀🌀🌀espírito.*

*Vós todos, Poderes, cantai o hino comigo!*

Relaxai os braços.

### ***Invocatio***

Elevai os vossos braços à horizontal, as palmas das mãos voltadas em direcção a baixo, formando assim um Tau (T) com o vosso corpo.

Visualizai diante de vós em direcção a Este uma coluna amarela flamejante, de uma altura ligeiramente superior à vossa. Esta coluna é translúcida e a sua energia é muito perceptível na vossa aura.

Conservando sempre esta posição vibraí o nome em grego:

SOTER (SWTHR).

Sem mudar a vossa posição dos braços, visualizai a Sul, à vossa direita, uma coluna vermelha com as mesmas características que a precedente.

Vibraí o nome grego: ALASTOR (ALASTOR).

Sem mudar a vossa posição dos braços, visualizai a Oeste, atrás de vós, uma coluna azul com as mesmas características que a precedente.

Vibraí o nome grego: ASPHALEÏOS (ASFALEIOS).

Sem mudar a vossa posição dos braços, visualizai ao Norte, à vossa esquerda, uma coluna índigo resplandecente com as mesmas características que a precedente.

Vibraí o nome grego: AMUNTOR (AMUNTWR).

Relaxai os vossos braços ao longo do vosso corpo.

Após alguns instantes elevai os vossos braços diante de vós, as palmas das mãos voltadas em direcção ao céu e dizei:

*Que sejam manifestados em mim o belo, o verdadeiro e o justo!*

*Que a Ordem seja colocada sobre o caos!*

*Que a Harmonia se estabeleça em mim e em cada aspecto da minha vida!*

Relaxai os braços dizendo:

*Que assim seja!*



## RITO DAS 7 PORTAS

Como nós tivemos ocasião de mostrar precedentemente, o segundo conjunto importante da hierarquia hermética, é a sequência septenária fundada sobre as 7 divindades planetárias.

O *Rito das 7 portas* é fundado sobre uma técnica de harmonização que vos permite entrar progressivamente em contacto com os poderes divinos dos 7 dias da semana. Isso permitir-vos-á concentrar em vós as qualidades destas esferas de maneira equilibrada e progressiva. Estes processos são muito bons exemplos de uma prática teúrgica simples e eficaz.

### ***Condições gerais requeridas***

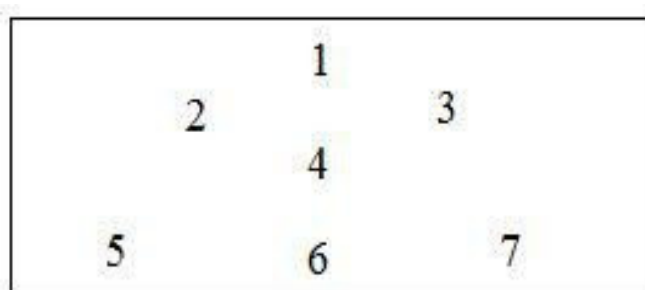
#### ***Vestuário***

Roupas descontraídas e agradáveis permitindo a circulação das energias do corpo. Os tecidos naturais dão desejáveis. É igualmente preferível não usar relógio, anel, ou aparelhos electrónicos.

#### ***Lugar de trabalho***

Vós organizareis um espaço (mesa ou outro) para dispor os elementos requeridos durante este rito. Deverá tanto quanto possível estar situado a Este do lugar no qual vós vos encontrais.

Muro Este



- 1) Estátua ou representação da divindade.
- 2) Lâmpada de Héstia (lâmpada antiga ou vela).

- 3) Recipientes das oferendas.
- 4) Vaso de libação.
- 5) Incensário e incenso.
- 6) Óleo (opcional e eventualmente perfumado).
- 7) Sineta (opcional e colocada no exterior do Lararium).

### ***Estrutura dos ritos sagrados quotidianos***

O primeiro rito apresentado é o do domingo e o do sol. Como ireis ver, certas partes são comuns aos outros dias da semana (parte 1 a 5) enquanto que outras são específicas. As partes comuns a cada dia da semana não são pois repetidas nas páginas que se seguem. Bastará vos reportardes ao domingo para as aplicar aos outros dias. Encontra-se uma indicação nas partes concernidas do rito.

Nós devemos precisar que no conjunto do rito quotidiano contendo 8 partes, vós podeis considerar que os pontos 2, 3 e 4 são facultativos. É-vos pois possível fazê-los todos os dias, mas igualmente não os ler senão nos dias das diferentes fases da Lua, o domingo, etc.

### ***As oferendas***

As oferendas são especificadas cada dia. Se vós estais numa situação em que vos é impossível fazer as oferendas reais, vós podeis visualizá-las oferecendo de tempos em tempos oferendas reais.



### ***Rito sagrado do domingo - Q - Hélios***

*Dia de prática:* Domingo

*Planeta:* Sol

*Oferenda de bebida:* Vinho branco ou champanhe

*Oferenda de alimento:* Mel ou mel sobre um bocado de pão.

Fazei face ao vosso altar e portanto a Este.

## 1. Abertura

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

### **Gesto do Cálice**

Vós estais em pé, as costas direitas e os braços distendidos ao longo do corpo, pronunciai vibrando: EI (Éi)<sup>[5]</sup>.

Elevai os dois braços sobre os lados em forma de Tau (T). Mantende a posição alguns segundos e vibraí: 'H BASILEIA (*È baziléia*).

Pousai a vossa mão esquerda sobre o vosso ombro direito (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula). Mantende esta posição e vibraí: KAI 'H DUNAMIS (*Kaï è dunamis*).

Pousai a vossa mão direita sobre o vosso ombro esquerdo (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula). Mantende esta posição e vibraí: KAI 'H DOXA (*Kaï è doxa*).

Conservai os braços cruzados e curvai a cabeça dizendo:

EIS TOUS AIONAZ (*Éis tous aïonas*).

Pousai a vossa mão esquerda sobre o peito, e a palma da vossa mão direita sobre as costas da vossa mão esquerda.

Permanecei em silêncio alguns instantes conservando esta posição e dizei:

*Que o sol, fonte de toda a vida, anime o meu ser, esta habitação e todos aqueles que aí vivem!*

EN GIRO TORTE SOL CICLOS ET ROTOR IGNE!

Relaxai o braço esquerdo ao longo do corpo, e esticai o braço em direcção à frente, a palma da mão em direcção do Este e do vosso altar sagrado (é o «gesto Ave»). Dizei então:

*Oh Poderosas Divindades, escutai a minha voz enquanto eu dirijo-me a vós!*

*Oh Seres luminosos, que a minha acção deste dia me permita trabalhar em perfeita harmonia com os vossos planos.*

Relaxai o gesto Ave.

## **2. Os elementos**

Sempre face a Este, imaginai que o vosso ser se encontra inteiramente envolvido de luz.

Avançai o vosso pé direito batendo-o uma vez sobre o solo e esticando as mãos diante de vós, proclamando de uma voz clara e limpa: PROCUL ESTE, PROFANI!

Voltai-vos em direcção a Sul, depois em direcção a Oeste e a Norte cumprindo o mesmo gesto, pronunciando a cada vez a frase latina.

Voltai a fazer face a este.

*(Sineta).* Se tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dirigi as palmas das vossas mãos em direcção ao solo para que elas estejam paralelas a este. O vosso olhar estará voltado também em direcção ao solo. Tomai consciência da terra sobre a qual vós estais e além do que vós vedes, sobre o planeta todo. Conservando as vossas mãos nesta mesma posição, entoai o hino de Gaia:

*Oh GAIA, Grande Deusa, Mãe de todos os bem-aventurados e dos homens mortais que nós somos, escuta a minha voz.*

*Nós te sentimos no coração de tudo o que é, e nós sentimos a tua vida assim que os nossos pés pisam a tua pele.*

*Oh GAIA, tu que nos alimentas, tu que fazes crescer e decrescer todas as coisas, tu te aproximas com a tua veste luxuriante, aportando as flores que embalsamam o ar e resplandecem de mil cores.*

*Oh jovem rapariga que exalta a beleza, tu és o fundamento do Cosmos.*

*Tu a Eterna, tu que nós veneramos, tu cujo peito rico e profundo exala os perfumes que exaltam os nossos sentidos, aproxima-te de nós neste instante.*

*A erva doce, a chuva fina, as flores e tudo o que nos envolve cantam e manifestam a tua presença e o teu contacto.*

*À nossa volta gira a divina roda dos astros, fluxo e refluxo de tudo o que existe.*

*Oh GAIA, faz de modo a que em cada estação nós sintamos a tua bênção nas carícias do teu corpo, e que tu nos concedas os dons dos quais tu és detentora.*

Dirigi as palmas das mãos em direcção a Este, os braços ligeiramente elevados acima da horizontal e dizei:

*Do Oriente, país da Luz Matinal, sopra o vento impetuoso onde residem os Espíritos do Ar.*

*Que os Poderes gloriosos e magníficos que governam o Este estejam presentes neste instante!*

Na mesma posição, pronunciai os dois nomes sagrados: AQANATOS (Athanatos) – SELAH -GENETHS (Sélaé guénétes).

Relaxai os braços voltai-vos em direcção a Sul, retomai a mesma posição que precedentemente, depois dizei:

*Do Meio-dia, país da Chama Flamejante, irradia o calor do teu esplendor onde residem os Espíritos do Fogo.*

*Que os poderes gloriosos e magníficos que governam o Sul estejam presentes neste instante!*

Na mesma posição, pronunciai os dois nomes sagrados: AQANATOS (Athanatos) – QEOS (Théos).

Relaxai os vossos braços, voltai-vos em direcção a Oeste, retomai a mesma posição que precedentemente, depois dizei:

*Do Ocidente, país do crepúsculo, chega o barulho das águas moventes onde residem os Espíritos da Água.*

*Que os poderes gloriosos e magníficos que governam o Oeste estejam presentes neste instante!*

Na mesma posição, pronunciai os dois nomes sagrados: ISCUROS (Iskuros) – PANKRATHS (Pankrates).

Relaxai os braços, voltai-vos em direcção a Norte, retomai a mesma posição que precedentemente, depois dizei:

*Do Setentrião, país da Terra Fértil, aparece o poder da montanha onde residem os Espíritos da Terra.*

*Que os Poderes gloriosos e magníficos que governam o Norte estejam presentes neste instante!*

Na mesma posição, pronunciai os dois nomes sagrados: ISCUROS (*Iskuros*) – KURIOS (*Kurios*).

Relaxai os vossos braços e voltai-vos de novo em direcção a Este.

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

### **3. Invocação**

Sempre face a Este, cruzai os vossos braços, o esquerdo sobre o direito, fechai os olhos e invocai os poderes das quatro direcções (sem fazer face às mesmas).

Para o Poder do Este, concentrai-vos sobre um vento vindo desta posição e pronunciai: SWTHR (*Soter*).

Para o Poder do Sul, concentrai-vos sobre o calor, o fogo e pronunciai: ALASTWR (*Alastor*).

Para o Poder do Oeste, concentrai-vos sobre todas as formas de água (mar, rio, cascata, etc.) e pronunciai: ASFALEIOS (*Asphaléios*).

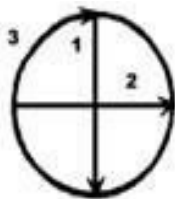
Para o Poder do Norte, concentrai-vos sobre a terra (montanhas, grutas, etc.) e pronunciai: AMUNTWR (*Amuntor*).

Relaxai os vossos braços.

### **4. Dedicção**

Após uma curta pausa, fazei o gesto AVE e declamai:

*Do umbral da Terra até ao umbral do Fogo, do umbral do Ar até ao umbral da Água, que este altar seja colocado sob a protecção dos três Poderes que estabelecem o equilíbrio do Cosmos.*



Pronunciai os três nomes sagrados ao mesmo tempo que traçais diante de vós com a ajuda do indicador da vossa mão direita a cruz circunscrita, visualizando-a de uma luz branca.

Pronunciai LEUKOQEA (*Leukothéa*) traçando a linha horizontal da esquerda para a direita.

Pronunciai MELANOQEOS (*Melanothéos*) traçando a linha vertical do alto para baixo.

Pronunciai AGAQODAIMWN (*Agathodaimon*) traçando o círculo no sentido horário (sentido dos ponteiros do relógio) e partindo do ponto superior.

## **5. Invocação dos poderes divinos**

Voltaí o vosso espírito em direcção aos poderes divinos, acendei o vosso incenso (ou colocai alguns grãos de incenso sobre o carvão) e dizei dirigindo-vos aos Deuses Lares:

*Oh vós, Lares dos meus pais, que tendes o cuidado profundo de tudo o que toca esta casa;*

*Vós que me alimentastes, quando criança eu corria aos vossos pés, escutai a minha voz!*

*Não vos envergonheis de ser formados de uma velha madeira ou de velhas pedras, porque é assim que vós habitais a antiga morada do meu avô e é assim que nós encontraremos os nossos descendentes.*

*Deuses Lares, afastai de mim e da minha família todos os males dos quais nós possamos ser vítimas!*

*Trazei a paz e a segurança sobre este domicílio, e para tudo isso eu vos oferecerei os hinos e as oferendas que vos agradam.*

*Oh tu génio protector desta habitação, eu te dirijo igualmente a minha prece!*

*Tu que habitas invisível nestes muros, tu que nos trazes todas as riquezas da vida, sê louvado e honrado!*

Voltaí o vosso espírito em direcção aos poderes divinos e dizei:

*Oh Poderosas divindades, escutai a minha voz que sobe até vós.*

*Voltaí os vossos olhares em direcção a mim, enquanto eu dirijo-me a vós.*

*Oh Mouras misteriosas, mestras do destino e vós todas as Deusas e Deuses, queiram aceitar este perfume que se eleva até vós como a oferenda que eu vos faço neste dia!*

*Dirigi em direcção a mim a vossa protecção e o vosso poder a fim de que eu possa cada dia de agora em diante manifestar na minha vida, a vossa beleza e a vossa glória eterna.*

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

## **6. Invocação da divindade do dia**

Voltaí o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Hélios**.

Imaginais que uma intensa luz emana da representação de Hélios e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divino Hélios, senhor do Sol.*

*Governador triunfante dos dias esplendurosos de mil cores, Oh divino modelo dos heróis e dos príncipes, tu o mais clemente na tua jubilação e o mais calmo na tua soberania!*

*Os seres nobres e gloriosos que te rodeiam são incontáveis como os raios da tua incomparável coroa. Através deles, tu dispensas as tuas reais bondades. Em teu nome, os teus mensageiros espalham a alegria do espírito e a percepção da beleza que é o ouro puro da vida.*

*Para ti, onisciente e benfazejo dispensador de vida, para ti eu dirijo esta invocação!*

Contemplai a representação de Hélios alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente o divino Hélios diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós vertestes no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divino Hélios, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divino Hélios, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar. Senti que vós estais face a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente com ela:

*Bem-aventurado, tu do qual o olho eterno contempla tudo, escuta a minha voz.*

*Titã do qual o brilho dourado se expande sobre a terra, luz celeste,*

*Tu que és nascido de ti mesmo, tu o infatigável, tu a doce visão para os vivos,*

*Escuta a minha voz!*

*À direita tu engendras a aurora, à esquerda a noite.*

*Oh moderador das estações, tu diriges os teus cavalos dançantes através dos céus. O brilho da tua face de luz, o fogo da tua atrelagem marcam o turbilhão flamejante do caminho que tu percorres sobre o círculo infinito guiando os homens piedosos em direcção ao Belo.*

*Oh lira de ouro, tu guias o curso harmonioso do Cosmos!*

*Tu o Mestre das acções belas, tu és também este jovem que alimenta as estações,*



*Tu és o senhor do universo, aquele cujo som da flauta acompanha o curso sobre o círculo de fogo.*

*Oh Péon, porta luz, dispensador da vida e dos frutos da terra, entende o nosso hino!*

*Tal como Zeus imortal, tu és puro, eterno e pai do tempo.*

*Tu és o olho circular do Cosmos que faz resplandecer os seus raios brilhantes e belos.*

*Amante das águas, mestre do mundo, tu és aquele que faz ver a justiça e socorres os homens da tua altura.*

*Olho de justiça, luz da vida que guia o tua atrelagem quadrupla do teu chicote assobiando e resplandecendo, entende as minhas palavras e mostra aos teus iniciados a vida doce à qual eles aspiram!*

Permanecei face a esta presença divina, respirai regular e profundamente sentindo a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.

### **Pedido**

Se desejais pedir alguma coisa particular a Hélios, colocai a vossa mão direita em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Hélios, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Retirai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: *HÉLIOS*.

### **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permanecei alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

## **Gesto planetário do sol**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário do Sol na vontade de encarnar em vós o poder solar e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

*Execução da Formulação do Copo:* Os antebraços estão colocados verticalmente diante do peito, faces internas esticadas cerradas, uma contra a outra, dos punhos aos cotovelos. Conservando esta posição, as mãos são dobradas em direcção atrás, as palmas estando o mais próximo da horizontal, os dedos recurvados a fim de sugerir a forma de um copo pouco profundo.

A partir desta formulação, os braços são levantados num movimento arredondado em direcção ao exterior, as mãos reúnem-se ao máximo de alongamento acima da cabeça, os polegares e os dedos de cada mão se juntando para formar o Triangulo do Fogo.

Os braços são abertos na postura do PSI. Ao mesmo tempo, o pé direito é levado um passo atrás assim como o corpo e a cabeça.

O pé direito é levado à sua posição normal e o corpo à vertical.

O Triangulo do Fogo é de novo formulado, desta vez à altura do peito.

O pé esquerdo é avançado, o corpo é curvado em direcção à frente, os dois dedos médios tocam o solo diante dos pés.

Postura do Tau (T) em modo normal, as palmas orientadas em direcção a baixo.

Postura do bastão.

## **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em honra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, poderosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolos!*

*Que jamais uma expiação terrificante ocorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

Imaginal que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:

*Eu te invoco, Tu, a Secreta Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que estabelececes a Ordem acima do caos;*

*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envoltório corporal.

Cruzaí os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginal que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.

Baixaí ligeiramente a cabeça e dizei:

*Que tudo o que acaba de ser pedido a Hélios e declamado em presença das Poderosas Divindades seja meu e assim o permaneça!*

Guardai alguns segundos de silêncio.

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois

retomar as vossas ocupações quotidianas.

## ***Rito sagrado da segunda-feira - R - Selene***



*Dia de prática: segunda-feira*

*Planeta: Lua*

*Oferenda de bebida: Leite*

*Oferenda de alimento: Amêndoa ou folha de loureiro*

Para as partes 1 a 5 deste rito de segunda-feira, procedei da mesma maneira que para o rito sagrado do domingo, depois c♦♦♦ontinuai para a parte específica do dia abaixo.

### **6. Invocação da divindade do dia**

Voltai o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Selene**.

Imaginaí que uma intensa luz emana da representação de Selene e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divina Selene, senhora da Lua.*

*Oh muito poderosa Selene, o teu êxtase radiante, manifesta a glória da noite! Encantadora que cavalga no longínquo, tu inclinas-te em direcção à terra para satisfazer os teus desejos! Tu murmuras em direcção às sementes escondidas nas trevas da terra e elas explodem para a vida. Tu gritas nos corações da humanidade e eles gritam-te a sua resposta. A alma grita o seu desejo de uma vida mais intensa, em resposta à tua voz. Tu velas sobre os jovens seres e proteges aqueles cujos braços se dirigem em direcção a ti.*

*Acima de tudo isto, velam os teus poderosos e benevolentes seres de olhos iluminados de luz, as suas grandes asas reflectindo o teu brilho puro.*

*A ti que alimentas, poder soberano do império com três rostos, eu dirijo a minha invocação!*

Contemplai a representação de Selene alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente a divina Selene diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós tendes vertido no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divina Selene, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divina Selene, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar.

Senti que estais frente a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente a ela:

*Oh Deusa soberana, escuta a minha voz!*

*Poderosa Selene concede-me a tua luz neste lugar em que nós estamos.*

*Tu que corres através da noite e manifestas a tua presença no ar que nos envolve, sede presente entre nós!*

*Tu, jovem rapariga da noite, portadora da tocha, astro magnífico, crescente e decrescente, ao mesmo tempo macho e fêmea, mãe do tempo, tu que iluminas a noite com teu brilho de prata, dirige o teu olhar sobre nós e sobre a nossa obra.*

*Esplêndido adorno da noite, dá-nos a tua graça e a tua perfeição.*

*Que o teu curso celeste te guie agora em direcção a nós, oh jovem muito sábia.*

*Vem, bendita, e sê-nos propícia fazendo brilhar sobre nós as tuas três luzes!*

Permanecei face a esta presença divina, respirai regularmente e profundamente sentindo a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.

## **Pedido**

Se desejais p[?]pedir alguma coisa particular a Selene, colocai a vossa mão direita em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Selene, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Elevai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: *SELENE*.

### **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permanecei alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

### **Gesto planetário da Lua**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário da lua na vontade de encarnar em vós o poder lunar e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

*O passo medaico:* O pé esquerdo recua um passo, o tronco orienta-se então naturalmente em direcção à esquerda.

*Chamado à Lua:* Ao mesmo tempo os braços são elevados sobre os lados, as palmas voltas para o alto. Eles são elevados num movimento ligado e harmonioso até que os dedos se juntem acima da cabeça, os cotovelos e os punhos estando ligeiramente curvados.

Os braços são abaixados mantendo a sua curvatura até ao nível dos ombros, depois de novo elevados à posição precedente.

*Taurus:* Os cotovelos são dobrados a fim de baixar as mãos e de formar o signo do Touro ao nível da fronte. Neste gesto, os dois punhos são cerrados, as palmas em direcção à fronte, os bordos exteriores das mãos tocando-se. Os dois polegares ligeiramente inclinar são esticados e apontando em direcção ao exterior e em direcção ao alto.

Postura do bastão.

*Serenidade:* Os braços são cruzados sobre o peito, o direito sobre o esquerdo, os dedos estando esticados.

*Pronatio Lunae:* O gesto Pronatio é executado normalmente. (Os antebraços

permanecendo colados ao corpo, os braços são esticados em direcção a baixo e ligeiramente em direcção à frente. As mãos estão horizontais, palmas em direcção a baixo, os dedos esticados em direcção à frente). Contudo, os polegares são esticados sobre o lado como para o signo do Touro.

## **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em h[ ] onra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, poderosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolo!*

*Que jamais uma expiação terrificante acorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

Imaginaí que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:

*Eu te invoco, Tu, a Santa Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que colocas a Ordem acima do caos;*

*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envelope

corporal.

Cruzai os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginai que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.

Baixai ligeiramente a cabeça e dizei:

*Que tudo o que acaba de ser pedido a Selene e declamado em presença das Poderosas Divindades seja meu e o permaneça!*

Deixai alguns segundos de silêncio.

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Vós podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois retomar as vossas ocupações quotidianas.

### ***Rito sagrado da terça-feira - U - Ares***



*Dia de prática: Terça-feira*

*Planeta: Marte*

*Oferecimento de bebida: Vinho tinto*

*Oferenda de alimento: Figos ou pimenta vermelha*



Para as partes 1 a 5 deste rito de terça-feira, procedei da mesma maneira que para o rito sagrado do domingo, depois continuai para a parte específica do dia abaixo.

## **6. Invocação da divindade do dia**

Voltai o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Ares**.

Imaginai que uma intensa luz emana da representação de Ares e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divino Ares, senhor de Marte.*

*Oh muito poderoso Ares, tu glória valorosa, tu que incendeias nas almas os fogos da energia e da audácia. O coração bate na emulação ardente da tua audácia, as pulsações do teu passo majestoso cantam no sangue. O guerreiro é aquele que procura a façanha temerária não são os únicos a receber a tua assistência todopoderosa. Para eles, tu envias as tuas legiões esplendorosas, as chamas flexíveis e sinuosas do teu esplendor vivo. Elas oferecem entusiasmo e inspiração, elas estimulam a inocência feroz da perseverança, elas favorecem a progressão e a realização.*

*Com o fogo ardente do coração, o aço do espírito e as flechas da resolução inextinguível, eu te invoco!*

Contemplai a representação de Ares alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente o divino Ares diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós tendes vertido no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divino Ares, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divino Ares, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar.

Senti que vós fazeis face a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente a ela:

*Saúdo-te Ares, Daimon indestrutível do coração intrépido. Tu o mais valente e o mais robusto escuta-me enquanto eu dirijo-me a ti.*

*As armas, a guerra e a destruição das cidades são manifestações do teu poder e das tuas paixões.*

*Oh Deus terrificante, tu rejubilas-te do sangue humano e do estrondo das batalhas, tu gostas de ouvir ressoar os choques das espadas e das lanças.*

*Deus terrível, tu és também aquele que pode parar os conflitos, fazer desaparecer a discórdia estabelecendo a paz e espalhando riquezas.*

*Eu peço-te que apagues em mim os sofrimentos, afastes do meu caminho as dificuldades e conflitos.*

*Oh Ares faz que as maledicências, as calúnias, os ataques dos quais eu fui e sou talvez ainda vítima sejam afastados definitivamente de mim. Reenvia-os em direcção àqueles que quiseram agir com maldade e que o equilíbrio seja assim restabelecido!*

*Que assim a Beleza e a embriaguez divinas se espalhem em mim fazendo crescer as qualidades e a força da qual eu sou portador.*

Permaneço face a esta presença divina, respiro regularmente e profundamente sentindo a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.

### **Pedido**

Se desejais pedir alguma coisa particular a Ares, colocai a vossa mão direita em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Ares, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Elevai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: **ARES**.

### **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permaneço alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

### **Gesto planetário de Marte**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário de Marte na vontade de encarnar em vós o poder marciano e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

Num único movimento, o pé esquerdo desloca-se lateralmente um passo em direcção à esquerda. Do mesmo modo, o pé direito desloca-se um passo em direcção à direita.

De um só movimento, as duas mãos são levadas aos ombros depois de um grande gesto os braços são esticados à horizontal sobre os lados, os dedos das duas mãos ligeiramente afastados.

A parte superior do torso é orientada em direcção à esquerda.

Execução do gesto ANHUR. Os dois punhos são cerrados e o torso é violentamente orientado em direcção à direita. Ao mesmo tempo que o movimento do torso, o punho esquerdo é levado sobre o peito e o direito é elevado (o braço direito está horizontal e deslocado sobre o lado em relação ao ombro, o antebraço está dirigido verticalmente).

Postura do bastão.

### **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em honra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, poderosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolo!*

*Que jamais uma expiação terrificante acorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

Imaginai que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:

*Eu te invoco, Tu, a Santa Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que colocas a Ordem acima do caos;*

*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envelope corporal.

Cruzai os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginai que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.

Baixai ligeiramente a cabeça e dizei:

*Que tudo o que acaba de ser pedido a Ares e declamado em presença das Poderosas Divindades seja meu e o permaneça!*

Deixai alguns segundos de silêncio.

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Vós podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois retomar as vossas ocupações quotidianas.

## **Rito sagrado da quarta-feira - S - Hermes**



*Dia de prática: Quarta-feira*

*Planeta: Mercúrio*

*Oferenda de bebida: Cerveja ou Armagnac*

*Oferenda de alimento: Laranja ou tangerina*

Para as partes 1 a 5 deste rito de quarta-feira, procedei da mesma maneira que para o rito sagrado do domingo, depois continuai para a parte específica do dia abaixo.

## **6. Invocação da divindade do dia**

Voltai o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Hermes**.

Imaginai que uma intensa luz emana da representação de Hermes e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divino Hermes, senhor de Mercúrio.*

*Oh muito poderoso Hermes, Tu rápido e irradiante, cujo aspecto acalma como as notícias agradáveis, amigo de olhar longínquo, guia seguro, verdadeiro conselheiro! A ciência das ervas e das pedras são os dons que tu ofereces, assim como as palavras, os seus poderes e o poder mágico do número. Os brilhantes mensageiros aéreos são teus, felizes como as vagas resplandecentes do mar, sempre ardente e jovem. Tu és também o guia e o chefe poderoso e subtil dos filhos da alta magia.*

*Livre, tu percorres os caminhos escondidos da vida e da morte, cada mistério, e tu*

*te moves, cintilante e invisível entre a terra e os céus.*

*Eu te invoco, eu que te amo e venero.*

*Tu que dás a conhecimento e o poder, tu a imortal energia banhada no orvalho da luz divina!*

Contemplai a representação de Hermes alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente o divino Hermes diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós tendes vertido no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divino Hermes, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divina Hermes, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar.

Senti que vós fazeis face a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente a ela:

*Escuta a minha voz, Oh Hermes, filho do poderoso Zeus.*

*Tu, o profeta inspirado que eu escuto no sopro do vento,*

*Tu o Arauto veloz transportado pelas tuas sandálias aladas dos Deuses aos homens, presta atenção à minha voz enquanto eu me dirijo a ti.*

*Tu és aquele que resolve os conflitos, aquele que guia todos aqueles que franqueiam as portas da morte, mas tu és também o Deus astuto, amante do lucro.*

*Tu brandes na tua mão o caduceu, símbolo de paz e de poder.*

*Tu Senhor de Coricos, tu que possuis o poder terrível e venerado da linguagem, estai presente aqui neste instante.*

*Ouve a minha voz e concede-me o dom da palavra, da memória e no final de tudo, um fim feliz ao teu lado.*

Permanecei face a esta presença divina, respirai regularmente e profundamente sentido a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.

## **Pedido**

Se desejais pedir alguma coisa particular a Hermes, colocai a vossa mão direita

em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Hermes, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Elevai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: *HERMES*.

### **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permanecei alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

### **Gesto planetário de Mercúrio**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário de Mercúrio na vontade de encarnar em vós o poder mercuriano e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

*O signo do Padre Babilónico:* Os antebraços são mantidos horizontalmente, as duas mãos, palma contra palma diante do plexus, a palma da mão direita virada para baixo, a da mão esquerda sob a direita e virada para cima. Os dedos das duas mãos estão enganchados, os polegares estão esticados ao longo da parte exterior da outra mão.

O pé direito é avançado com o joelho flectido. Simultaneamente, o braço direito é dirigido em direcção à horizontal e o braço esquerdo igualmente, mas em direcção atrás.

O calcanhar esquerdo é levantado, o corpo inclina-se em direcção à frente,

paralelamente ao ângulo da perna esquerda.

As duas mãos são simultaneamente levantadas e postas numa capucha imaginária sobre o rosto. A cabeça é inclinada, os antebraços são cruzados sobre a parte da frente da cabeça, a esquerda no exterior, as palmas em direcção ao exterior.

Postura do Bastão, a capucha visualizada cobrindo sempre o rosto.

As duas mãos formando a capucha para trás.

## **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em honra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, poderosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolo!*

*Que jamais uma expiação terrificante acorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

Imaginai que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:

*Eu te invoco, Tu, a Santa Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que colocas a Ordem acima do caos;*



*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envelope corporal.

Cruzai os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginai que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.

Baixai ligeiramente a cabeça e dizei:

*Que tudo o que acaba de ser pedido a Hermes e declamado em presença das Poderosas Divindades seja meu e o permaneça!*

Deixai alguns segundos de silêncio.

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Vós podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois retomar as vossas ocupações quotidianas.



***Rito sagrado da quinta-feira - V - Zeus***

*Dia de prática:* Quinta-feira

*Planeta:* Júpiter

*Oferenda de bebida: Whisky ou Scotch*

*Oferenda de alimento: Azeite ou pão*

Para as partes 1 a 5 deste rito de quinta-feira, procedei da mesma maneira que para o rito sagrado do domingo, depois continuai para a parte específica do dia abaixo.

## **6. Invocação da divindade do dia**

Voltaí o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Zeus**.

Imaginaí que uma intensa luz emana da representação de Zeus e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divino Zeus, senhor de Júpiter.*

*Oh muito poderoso Zeus, tu que diriges os poderes ilimitados dos céus que, além do frenesi dos elementos, dás a substância terrestre.*

*Oh tu esplêndido, na tua mão estão os raios, uma multidão esplêndida responde ao teu mandamento.*

*Os espíritos da humanidade contemplando o teu majestoso esplendor são iluminados pela liberdade de uma nova visão.*

*Das tuas mãos, os teus filhos recebem presentes maravilhosos. Árbitro real de justiça e de perdão pelos teus títulos antigos. Pai dos céus, grande e misericordioso, eu te invoco.*

Contemplai a representação de Zeus alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente o divino Zeus diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós tendes vertido no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divino Zeus, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divino Zeus, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar.

Senti que vós fazeis face a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente a ela:

*Saúdo-Te, Oh Zeus meu Pai. Escuta a minha voz enquanto eu me dirijo a ti com*

*confiança.*

*Tu és aquele que dirige o curso dos astros com ordem e beleza.*

*Tu fazes jorrar da abobada celeste o relâmpago retumbante e resplandecente.*

*A tua voz sonora agita a morada dos bem-aventurados e o teu fogo ilumina as nuvens que percorrem o nosso mundo.*

*As tempestades e as trovoadas avançam sob a tua ordem enquanto tu brandes o teu raio luminoso, extraordinário e vivo, quando ele se abate sobre a Terra.*

*As tuas flechas de fogo aterrorizam o mortal que não reconhece o teu poder paternal.*

*Seus cabelos eriçam-se e ele tenta fugir, aterrado, teus traços vivos e retumbantes que se abatem com estrondo à volta dele.*

*Os animais selvagens escondem-se também elas, fugindo do teu poder divino.*

*As outras divindades inquietas voltam-se em direcção a ti ao teu rosto brilhante, enquanto os vincos mais profundos do éter repercutem o teu sopro vibrante.*

*Mas, ó Zeus meu Pai, a tua força é a manifestação da vida.*

*Eu reconheço na tua luz, a tua voz e o teu alento a manifestação do teu poder e do teu amor pelos teus filhos e filhas.*

*É por isto que nesta hora em que o teu bramido me envolve, eu te ofereço esta libação.*

*Concede-me o teu poder, a tua beleza luminosa, a tua saúde brilhante e as tuas riquezas inumeráveis.*

*Que a paz que está em ti me inunde e faça nascer na minha existência a ordem e a força.*

*Permaneça face a esta presença divina, respira regularmente e profundamente sentindo a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.*

## **Pedido**

Se desejais pedir alguma coisa particular a Zeus, colocai a vossa mão direita em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Zeus, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Elevai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: ZEUS.

## **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permanecei alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

## **Gesto planetário de Júpiter**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário de Júpiter na vontade de encarnar em vós o poder jupiteriano e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

*Júpiter tonante:* O braço esquerdo é levado em direcção ao alto e atrás na posição do lanceiro. Ao mesmo tempo, o braço direito é esticado adiante na horizontal, o pé esquerdo recuando um passo.

*Chesed:* O braço direito é levado atrás da posição precedente, a palma é colocada sobre o ombro esquerdo. Ao mesmo tempo, o pé esquerdo é evado em direcção à frente ao mesmo nível que aquele do pé direito. O braço esquerdo é abaixado à horizontal transversalmente ao corpo

*Kaph:* Os dois cotovelos estão sobre o lado, os antebraços horizontais, em direcção à frente. A mão esquerda é voltada palma em direcção acima, em forma de copo, a direita é voltada para baixo, horizontal, os dedos esticados.

Postura do bastão.

## **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em honra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta*

*para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, po derosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolo!*

*Que jamais uma expiação terrificante acorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

*Imaginaí que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:*

*Eu te invoco, Tu, a Santa Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que colocas a Ordem acima do caos;*

*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

*Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envelope corporal.*

*Cruzai os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginaí que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.*

*Baixaí ligeiramente a cabeça e dizei:*

*Que tudo o que acaba de ser pedido a Zeus e declamado em presença das Poderosas Divindades seja meu e o permaneça!*

*Deixai alguns segundos de silêncio.*

*(Sineta).* Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Vós podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois retomar as vossas ocupações quotidianas.



### ***Rito sagrado da sexta-feira - T - Afrodite***

*Dia de prática:* Sexta-feira

*Planeta:* Vénus

*Oferenda de bebida:* Vinho branco ou vinho tinto

*Oferenda de alimento:* Maçã ou pêra.

Para as partes 1 a 5 deste rito de sexta-feira, procedei da mesma maneira que para o rito sagrado do domingo, depois continuai para a parte específica do dia abaixo.

### **6. Invocação da divindade do dia**

Voltaí o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Afrodite**.

Imaginai que uma intensa luz emana da representação de Afrodite e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divina Afrodite, regente de Vénus.*

*Oh muito poderosa Afrodite, plena de beleza, Deusa de ouro, tu despertas o coração com o teu canto interior. O teu dom é o amor nos nossos espíritos, nossas almas e na nossa vida terrena. Tu és a unidade profunda que liga, que faz com que os amantes se unam no gozo universal da tua presença.*

*Maravilhosa é a tua grandeza, maravilhosos são os seres celestes que, na força e*

*na beleza, dispensam aos mundos o teu poder de vitória e de compaixão.*

*Tu que moves todas as forças da vida, que harmonizas o jogo fecundo das forças, eu te invoco!*

Contemplai a representação de Afrodite alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente a divina Afrodite diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós tendes vertido no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divina Afrodite, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divina Afrodite, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar.

Senti que vós fazeis face a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente a ela:

*Afrodite, Oh sorridente deusa nascida do mar, amante das longas festas da noite, fonte da geração, Oh tu santa mãe, escuta a minha voz.*

*Tu és aquela donde tudo procede e que nos deu a vida.*

*Os três reinos, o céu, a terra e o mar obedecem-te.*

*Quando tu te sentas ao lado de Baco, presides aos festins, teces os laços que conduzem ao matrimónio e espalhas a tua graça misteriosa no leito dos amantes.*

*Tu és a secreta Deusa que te introduz no desejo do homem e da mulher, loba silenciosa que atravessa a noite.*

*Tu és aquela que todos os homens desejam, a imagem que nasce do seu espírito, o filtro mágico do seu amor e do seu delírio sagrado.*

*Tu que outrora nasceste no Chipre e pousaste o teu pé sobre os seixos da costa, aproxima-te de mim.*

*Sente o meu desejo de contemplar o teu rosto e o teu corpo perfeitos.*

*Tu percorres as terras da Síria, o Egipto sagrado e atravessas as ondas sobre o teu carro imaculado puxado por cisnes.*

*Oh bem-aventurada Deusa da volúpia, eu te chamo e te desejo. Cavalga as ondas até mim. Deixa-te levar pelo canto das ninfas sobre a espuma das vagas.*

*Oh Deusa desejável, que neste instante me apareças e que eu possa enfim contemplar a beleza da tua nudez.*

*Que as minhas palavras santas te sejam agradáveis e possa o meu puro desejo tocar o teu ser mais íntimo.*

*Oh Afrodite, eu te invoco.*

Permaneça face a esta presença divina, respire regularmente e profundamente sentindo a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.

### **Pedido**

Se desejais pedir alguma coisa particular a Afrodite, colocai a vossa mão direita em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Afrodite, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Elevai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: *AFRODITE*.

### **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permaneça alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

### **Gesto planetário de Vénus**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário de Vénus na vontade de encarnar em vós o poder venusiano e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

A palma direita é colocada sobre o ombro esquerdo.

O braço direito, com a palma agora voltada para baixo, varra vigorosamente em



semi-círculo em direcção ao alto até ser esticado a horizontal diante do ombro direito, a palma em direcção à frente.

A mão esquerda é elevada em forma de copo acima da cabeça, o braço dobre a fim de guardar a palma em forma de copo na posição horizontal, os olhos seguem o movimento da mão esquerda.

As mãos são cruzadas sobre o peito, a direita por cima da esquerda.

A mão esquerda é abaixada, a palma em direcção a baixo e horizontal enquanto que a direita traça um TAU (T) sobre a fronte.

As mãos são cruzadas sobre o peito, a esquerda sobre a direita.

Os braços são levantados na posição do PSI, a cabeça é deitada em direcção atrás, o pé é avançado e batido contra o solo.

Postura do bastão.

## **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em honra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, poderosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolos!*

*Que jamais uma expiação terrificante acorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

Imaginais que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:

*Eu te invoco, Tu, a Santa Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que colocas a Ordem acima do caos;*


*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envelope corporal.

Cruzai os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginai que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.

Baixai ligeiramente a cabeça e dizei:

*Que tudo o que acaba de ser pedido a Afrodite e declamado em presença das Poderosas  as Divindades seja meu e o permaneça!*

Deixai alguns segundos de silêncio.

(*Sineta*). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Vós podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois retomar as vossas ocupações quotidianas.



## **Rito sagrado de sábado - W - Cronos**

*Dia de prática: Sábado*

*Planeta: Saturno*

*Oferenda de bebida: Cognac*

*Oferenda de alimento: Noz ou chocolate negro*

Para as partes 1 a 5 deste rito de sábado, procedei da mesma maneira que para o rito sagrado do domingo, depois continuai para a parte específica do dia abaixo.

### **6. Invocação da divindade do dia**

Voltai o vosso espírito em direcção à divindade do dia e elevai o incenso na direcção da sua representação: **Cronos**.

Imaginaí que uma intensa luz emana da representação de Cronos e enche a totalidade do espaço no qual vós estais. Conservai esta visualização e dizei:

*Neste dia particular, eu dirijo-me a ti, divino Cronos, senhor de Saturno.*

*Oh muito poderoso Cronos, muito venerado na tua majestosa exaltação!*

*Que conhecemos, oramos e adoramos nos mundos da vida.*

*As tuas criaturas escutam a via secreta da inspiração.*

*As crianças e os sábios estão perto de ti e oram-te na candura do espírito.*

*O tempo para eles não é um inimigo, nem a eternidade uma estranha.*

*Os misteriosos adoram-te e os seres espirituais de poder imenso os bendizem. Eles*

*elevam os seus olhares além da borda do teu manto de pedras preciosas, e chegam a contemplar a inacessível glória da tua presença.*

*Oh tu, sombrio e silencioso, com amor e devoção eu te invoco!*

Contemplai a representação de Cronos alguns instantes, posai o incenso e fechai os olhos, recriando mentalmente o divino Cronos diante de vós.

Elevai em direcção à divindade a bebida que vós tendes vertido no copo de libação aquando da preparação do rito e dizei:

*Oh divino Cronos, recebe a oferenda desta bebida que eu te ofereço neste dia!*

Pousai este copo sobre o vosso altar.

Elevai em direcção à divindade as oferendas de alimento, depositadas no prato aquando da preparação do rito, e dizei:

*Oh divino Cronos, recebe a oferenda deste alimento que eu te ofereço neste dia!*

Pousai as oferendas sobre o vosso altar.

Senti que vós fazeis face a esta divindade, e declamai o seu hino unindo-vos mentalmente a ela:

*Oh Cronos, filho da verde Gaia e de Úrano estrelado, pai dos Deuses e dos homens, escuta a minha voz!*

*Tu que regulas o ritmo do tempo, tu que nasces, cresceste decresces, escuta a minha voz!*

*Tu que és capaz de antever todas as coisas, escuta a minha voz!*

*Tu que estás presente em todas as partes do universo, escuta a minha voz!*

*Tu que destróis e constróis, tu cujas leis se estendem a todo o cosmos, escuta a minha voz!*

*Tu, Oh Cronos, ancestral de todos os seres vivos, tu o puro, o robusto, o corajoso, escuta a minha voz, que te ora e te invoca!*

*Responde ao meu chamamento assim como a todos aqueles que não te esqueceram e concede-me, assim que o momento chegar, um fim feliz e puro!*

Permanecei face a esta presença divina, respirai regularmente e profundamente sentindo a corrente de energia divina e a alegria que ela dispensa.

## **Pedido**

Se desejais pedir alguma coisa particular a Cronos, colocai a vossa mão direita em contacto com a representação da divindade e explicai-lhe o mais claramente possível, o vosso desejo. Sede precisos. (Este não deverá ser somente mental. Mesmo se falais em voz baixa, deveis dirigir-vos a ele realmente.) O pedido deverá começar pela frase:

*Oh Cronos, eu ... (dizei o vosso nome) ... unido ao poder de todos aqueles e aquelas que operam como eu, eu te peço ... (continuai com a vossa própria intenção).*

Elevai a vossa mão e sempre conservando a visualização, pronunciai o nome divino: *CRONOS*.

### **Unção**

Se vós utilizais óleo e possuis uma estátua ou uma representação, levai algumas gotas com a ajuda do vosso polegar direito e untai uma parte da estátua dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do meu amor por ti!*

Pousai em seguida o vosso polegar sobre a vossa fronte dizendo:

*Que este óleo perfumado seja a manifestação visível e invisível do laço que nos une!*

Permanecei alguns instantes recolhido e silencioso.

Limpai o vosso polegar.

Apagai as visualizações.

### **Gesto planetário de Saturno**

Se vós podeis, efectuai o gesto planetário de Saturno na vontade de encarnar em vós o poder saturnino e enraizar o vosso pedido anterior.

Postura do bastão.

*Gesto Orante.*

*Gesto Attis:* O pé direito é avançado sobre a ponta. Simultaneamente, o braço direito é levantado, dobrado na posição seguinte: o braço é a cerca de 45º a 60º acima da horizontal do ombro, o antebraço estando a 90º do braço de tal maneira que a mão se situa atrás e sobre a cabeça.

Ao mesmo tempo o braço esquerdo é esticado, dobrado em direcção à frente e sensivelmente inclinado em direcção à esquerda, a mão em forma de copo em direcção ao alto. A cabeça é ligeiramente voltada em direcção à direita e o olhar em direcção ao alto. A transição com o gesto seguinte deve ser feita com doçura.

*Gesto Cibele:* O braço direito é abaixado ligeiramente à horizontal. A palma é dirigida em direcção ao alto, o indicador e o médio são esticados juntos, o anular e o auricular são cerrados mas não estreitamente.

A palma da mão esquerda é voltada em direcção a baixo, o baixo estando horizontal, mas não rígido. A cabeça é voltada a fim de olhar o braço esquerdo. Ao mesmo tempo, o pé direito é levado atrás ao lado do pé esquerdo.

*Gesto «Levantamento do Mundo»:* A cabeça avançada, as mãos balançam lentamente num movimento em forma de crescente até atingir uma posição simétrica: os braços dispostos em direcção à frente, dobrados em direcção a baixo, as palmas em direcção ao alto em posição alta, como se nós apresentássemos em oferta um feixe de trigo transversalmente nos braços.

Postura do bastão.

## **7. A ascensão das esferas**

Abri a vossa consciência às outras esferas celestes acima de abaixo de vós. Percebei no cimo da escada a abobada das estrelas fixas de um azul-escuro salpicado de estrelas douradas.

Juntai o incenso (ou elevai de novo o vosso incenso) em honra de todas as divindades e pronunciai o hino a todos os Deuses de Proclus:

*Escutai-me, oh Deusas e Deuses, vós que segurais a cana do leme da sabedoria sagrada e que, alumando na minha alma a chama do retorno, me trazem de volta para entre os Imortais dando-me, pelas iniciações indizíveis dos hinos, o poder de me evadir da caverna obscura e me purificar.*

*Escutai-me, poderosos libertadores.*

*Concedei-me, pela inteligência dos livros divinos e dissipando a obscuridade que me envolve, uma luz pura e santa a fim de que eu possa exactamente conhecer o deus incorruptível e o ser o que eu sou.*

*Que jamais, ao cumular-me de males, não me retenha indefinidamente cativo sobre as vagas do esquecimento e não me afaste dos Deuses, um Génio malévolos!*

*Que jamais uma expiação terrificante acorrente nas prisões da vida a minha alma caída nas ondas geladas da geração, e que não quer muito tempo aí errar!*

*Vós pois, oh Deuses, soberanos da esplendorosa sabedoria, escutai-me, e revelai àquele que se apressa sobre o sendeiro ascendente do retorno, os santos delírios e as iniciações que estão no coração das palavras sagradas!*

Imaginaí que o vosso corpo cresce em altura, ultrapassando o lugar onde vós vos encontrais e se eleva até às estrelas. Afastai ligeiramente os braços do vosso corpo, as palmas das mãos voltadas em direcção ao alto. Visualizai a chama única, presente acima de todas as coisas e dizei:

*Eu te invoco, Tu, a Santa Chama que reside no silêncio luminoso e santo!*

*Tu, a Luz dos Grandes Deuses e a Vida dos Mundos!*

*Tu que manifestas o Belo, o Verdadeiro e o Justo;*

*Tu que colocas a Ordem acima do caos;*

*Que pelos Poderes que tu emanaste, a harmonia se estabelece na minha alma, no*

*meu corpo, e em cada aspecto da minha vida.*

## **8. O retorno da consciência**

Dirigi a vossa consciência em direcção «abaixo», em direcção ao vosso envelope corporal.

Cruzai os braços, o direito sobre o esquerdo. Imaginai que a vossa dimensão decresce até voltar ao normal. Respirai calmamente.

Baixai ligeiramente a cabeça e dizei:

Que tudo o que acaba de ser pedido a Cronos e declamado em presença das Poderosas Divindades seja meu e o permaneça!

Deixai alguns segundos de silêncio.

*(Sineta)*. Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dizei então: *Knox ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis abrir os olhos, apagar a vela e o incenso se necessário.

Vós podeis permanecer um pequeno momento em meditação ou relaxamento depois retomar as vossas ocupações quotidianas.

## **RITO DA RODA CELESTE**

O terceiro conjunto importante da hierarquia hermetista, é a sequência correspondente às 12 divindades associadas aos signos zodiacais.

O rito da roda celeste permitir-vos-á harmonizar e equilibrar em vós estas influências. Esta acção é importante, visto que vós estais habitualmente submetidos a estas energias sem as poderdes dirigir, nem mesmo agir sobre elas. Este trabalho ritual dar-vos-á a possibilidade de completar o conjunto da ascensão empreendida. Vós podeis praticar este rito no dia do vosso aniversário, mas igualmente nos dias de lua nova.

### ***Condições gerais requeridas***

#### ***Vestuário***

Roupas descontraídas e agradáveis permitindo às energias do corpo circular. Os tecidos naturais dão desejáveis. É igualmente preferível não levar relógio, anel, ou aparelhos electrónicos.

#### ***Local de trabalho***

Vós podereis praticar este rito num local isolado e tranquilo no exterior ou numa divisão no seio da qual terá sido aberto no centro um espaço suficiente.

Traçai um duplo círculo com duas cordas pousadas sobre o solo. Vós podeis igualmente traçar dois círculos sobre o solo.

Começando a partir do Este (e no sentido horário), pousai sobre o solo as representações das divindades correspondendo aos signos astrológicos, tais como são indicadas no capítulo precedente. Em baixo desta representação traçareis o símbolo do signo astrológico. Vós podeis ver a disposição no esquema a seguir. Pousai uma pequena vela (lâmparina) diante de cada uma delas.

Vós vos colocareis no meio do círculo e tereis convosco no círculo:





2) 0 incenso.

3) O isqueiro para as velas.

4) O apagador.

5) A sineta (se vós tendes uma).

Fazei face a Este.

## 1. Abertura

(Sineta). Se vós tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

## **Gesto do Cálice**

Vós estais em pé, as costas direitas e os braços ao longo do corpo, pronunciai vibrando: El (Éi).

Elevai os dois braços sobre os lados em forma de Tau (T).

Mantende a posição alguns segundos e vibrai:

'H BASILEIA (È *baziléia*).

Pousai a vossa mão esquerda sobre o vosso ombro direito (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula). Mantende esta posição e vibrai: KAI 'H DUNAMIS (*Kaï è dunamis*).

Pousai a vossa mão direita sobre o vosso ombro esquerdo (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula). Mantende esta posição e vibraí: KAI 'H DOXA (*Kaī è doxa*).

Conservai os braços cruzados e curvai a cabeça dizendo:

EIS TOUS AIONAZ (*Éis tous aïonas*).

Pousai a vossa mão esquerda sobre o peito, e a palma da vossa mão direita sobre as costas da vossa mão esquerda.

Permanecei em silêncio alguns instantes conservando esta posição e dizei:

*Que o sol, fonte de toda a vida, anime o meu ser, esta habitação e todos aqueles que aí vivem!*

EN GIRO TORTE SOL CICLOS ET ROTOR IGNE!

Relaxai o braço esquerdo ao longo do corpo, e esticai o braço em direcção à frente, a palma da mão em direcção do Este e do vosso altar sagrado (é o «gesto Ave»). Dizei então:

*Oh Poderosas Divindades, escutai a minha voz enquanto eu me dirijo a vós!*

*Oh Seres luminosos, que a minha acção deste dia me permita trabalhar em perfeita harmonia com os vossos planos.*

Relaxai o gesto Ave.

## **2. Os elementos**

Sempre face a Este, imaginai que o vosso ser se encontra inteiramente envolvido de luz.

Avançai o vosso pé direito batendo-o uma vez sobre o solo e esticando as mãos diante de vós, proclamando com uma voz clara e limpa:

PROCUL ESTE, PROFANI!

Voltai-vos em direcção a Sul, depois em direcção a Oeste e a Norte cumprindo o mesmo gesto, pronunciando a cada vez a frase latina.


Voltai a fazer face a este.

(*Sineta*). Se tendes uma, fazei-a soar um breve instante.

Dirigi as palmas das vossas mãos em direcção ao solo para que elas estejam paralelas a Este. O vosso olhar estará voltado também em direcção ao solo. Tomai consciência da terra sobre a qual vós estais e além do que vós vedes, sobre o

planeta completo. Conservando as vossas mãos nesta mesma posição, entoai o hino de Gaia:

*Oh GAIA, Grande Deusa, Mãe de todos os bem-aventurados e dos homens mortais que nós somos, escuta a minha voz.*

*Nós te sentimos no coração de tudo o que é, e nós sentimos a tua vida assim que os nossos pés pisam a  tua pele.*

*Oh GAIA, tu que nos alimentas, tu que fazes crescer e decrescer todas as coisas, tu te aproximas com a tua veste luxuriante, aportando as flores que embalsamam o ar e resplandecem de mil cores.*

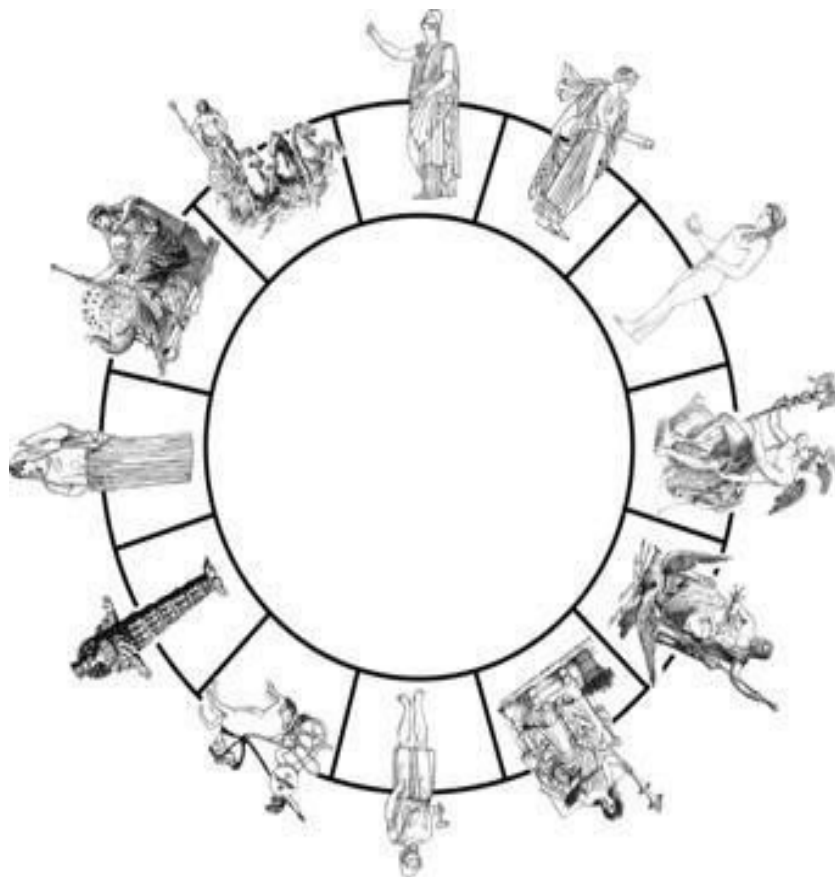
*Oh jovem rapariga que exalta a beleza, tu és o fundamento do Cosmos.*

*Tu a Eterna, tu que nós veneramos, tu cujo peito rico e profundo exala os perfumes que exaltam os nossos sentidos, aproxima-te de nós neste instante.*

*A erva doce, a chuva fina, as flores e tudo o que nos envolve cantam e manifestam a tua presença e o teu contacto.*

*À nossa volta gira a divina roda dos astros, fluxo e refluxo de tudo o que existe.*

*Oh GAIA, faz de modo a que em cada estação nós sintamos a tua bênção nas carícias do teu corpo, e que tu nos concedas os dons dos quais tu és detentora.*



### 3. Os Poderes Divinos

1) Servi-vos da vossa caixa de fósforos ou do vosso isqueiro, e colocai-vos em frente à representação de ATENA (*Carneiro*).

Pronunciai o hino de abertura seguinte:

*A ti a marca do Acabamento, Ser realizado, Soma das existências.*

*A ti a Porta última, aberta sobre o mistério indizível da Noite.*

*A ti o primeiro passo hesitante nas trevas daqueles, que a todo o instante nascem ao Labirinto!*

Acendei a lâmpada colocada diante da representação da divindade.

2) Tendo sempre os fósforos ou o isqueiro convosco, voltai-vos ligeiramente em direcção à direita, e colocai-vos face à representação de AFRODITE (*Touro*)

Pronunciai o hino de abertura seguinte:

*Adorador inabalável como a pedra, ardente como a chama, Sustém da unidade,*

*Criança deste espírito divino fixado no sol, generoso, abundante,*

*Vida dos mundos órfãos! Assim te vestes tu, pontífice do sacrifício,*

*Fidelidade imutável!*

Acendei a lâmpada colocada diante da representação da divindade.

Procedei do mesmo modo para os signos seguintes.

3) APOLO (*Gémeos*):

*Zéfiro ou Bóreas desencade ado, qual é o teu alento, qual é o teu desígnio?*

*Relâmpago fulgurante ou aurora clara, sob que forma saudaremos nós o teu aparecimento?*

*Duas são as serpentes do poder, dois os augustos Tumim da profecia.*

*Duplo seja o nosso louvor!*

4) HERMES (Câncer):

*O Caos está às nossas portas. Poderosa sobre o muro, forte a cidadela!*

*Pelo fogo da adversidade, talhado a suportar sois o nosso camp eão.*

*Sê o nosso escudo até que enfim o Tumulto englobe a Harmonia manifestada!*

5) ZEUS (Leão):

*Doze são os signos vizinhos guarnecendo o brilhante dragão celeste,*

*Theli ou Ouroborus, rodeando o mundo, serpentino, leonino.*

*Tu que o Tonante se esforça em vão por deslocar, todo poderoso, luminoso,*

*A ti toda a reverência!*

6) DEMÉTER (Virgem):

*Tu és a juventude eterna, intemporal tal como a luz escapando-se no silêncio,*

*Alquimia do trigo dourado, poder que cria, transforma e fecunda,*

*Abraçando os astros com teu toque ligeiro, roçando as imensas espirais das nebulosas,*

*Engendrando as galáxias!*

7) HEFESTO (Balança):

*Sois nomeado Açoitador dos ventos, despertador da tempestade, excitando o furacão,*

*Agitador das florestas, das planícies, arrancando as folhagens mortas de antanho,*

*Varrendo a morte de verão! Dança e exulta, beleza invisível, terrível inocência!*

8) ARES (Escorpião):

*Ao pé do coração dos mares observo o Peixe ondulante, nacarado,*

*Movendo-se ao ritmo das marés, deslizando nas escuras profundezas sob as suas turbulências*

*Atravessando os abismos insondáveis, insinuando-se nos cascos perdidos dos navios,*

*Sombra impenetrável!*

#### 9) ÁRTEMIS (Sagitário):

*Pedra do sonho do Patriarca, austero travesseiro sob a cabeça do errante,*

*Enquanto entre o céu e a terra gloriosas formas vão e vêm sem interrupção.*

*Saúdo-te, Porta dos Mundos, coluna não esquadrada vestida em memorial,*

*Mostrando a via da Flecha!*

#### 10) HÉSTIA (Capricórnio):

*Da fonte das formas enchendo as vastas esferas das suas formações,*

*Miríades de imagens elevam-se, violentas ou serenas, carnaís, etéreas.*

*Saudamos-te, Oh tu Olho que viste todas as coisas que são, Conhecimento que as considera,*

*Bendizando a sua bondade!*

#### 11) HERA (Aquário):

*Tzaphquel, tu que brilhas além dos véus da noite!*

*Rosto e mensageiro da Mãe saudamos-te!*

*A ti esta longínqua fortaleza de esplendor*

*Iluminando a aridez do nosso caminho.*

*Fonte  de esperança, água celeste,*

*Imortal, a nossa sede por ti!*

## 12) POSÍDON (Peixes):

*Veste-te com o teu esplendor, Oh Rei! Fronte Gloriosa contempla o teu império,  
Felicita os que te contemplam!*

*Um canto se eleva, rege e ilumina.*

*O crisólito brilha sobre a coroa, ergue-te e inspira, Leão dourado, Voo do Falcão,  
Alegria, perfume de ambrósia!*

Pousai o vosso acendedor e acendei o vosso incenso.

1) Colocai-vos face à representação de ATENA (Carneiro) e elevai o incenso em direcção ao céu.

Pronunciai o hino órfico seguinte:

*Venerável Palas, que o Grande Zeus engendra dele mesmo;*

*Deusa augusta, bendita e intrépida que excitas ao combate;*

*Escuta a minha voz que te invoca!*

*Tu que habitas as grutas;*

*Tu que governas os cimos das altas montanhas, os montes e os vales sombreados,  
grande é o teu nome!*

*Oh belicosa, és tu quem atinges os espíritos dos homens com o aguilhão da  
loucura.*

*A tua alma é terrível, oh jovem vigorosa!*

*Tu és a mãe bendita das artes.*

*Ardente, tu inspiras o furor aos seres maus e a razão aos virtuosos.*

*Nascida masculina e feminina, tu foges do amor carnal.*

*Geradora das guerras, dragão com formas cambiantes, amiga do divino delírio,  
ilustre destruidora dos Gigantes de Flegra, oh cavaleira, tu és aquela que nos traz  
os males!*

*Tu que trazes a vitória,*

*Tu que nós podemos invocar o dia como a noite, entende a minha prece e concede-me a paz, a abundância e a saúde!*

Acendei a lâmpada colocada diante da divindade.

2) Relaxai o vosso gesto tendo sempre o incenso, voltai-vos ligeiramente em direcção à direita e colocai-vos face à representação de AFRODITE (Touro)

Elevai o incenso em direcção ao céu e pronunciai o hino órfico seguinte:

*Afrodite, Oh sorridente deusa nascida do mar, amante das longas festas da noite, fonte da geração, Oh tu santa mãe, escuta a minha voz.*

*Tu és aquela donde tudo procede e que nos deu a vida.*

*Os três reinos, o céu, a terra e o mar obedecem-te.*

*Quando tu te sentas ao lado de Baco, presides aos festins, teces os laços que conduzem ao matrimónio e espalhas a tua graça misteriosa no leito dos amantes.*

*Tu és a secreta Deusa que te introduz no desejo do homem e da mulher, loba silenciosa que atravessa a noite.*

*Tu és aquela que todos os homens desejam, a imagem que nasce do seu espírito, o filtro mágico do seu amor e do seu desejo, rio sagrado.*

*Tu que outrora nasceste no Chipre e pousaste o teu pé sobre os seixos da costa, aproxima-te de mim.*

*Sente o meu desejo de contemplar o teu rosto e o teu corpo perfeitos.*

*Tu percorres as terras da Síria, o Egipto sagrado e atravessas as ondas sobre o teu carro imaculado puxado por cisnes.*

*Oh bem-aventurada Deusa da volúpia, eu te chamo e te desejo. Cavalga as ondas até mim. Deixa-te levar pelo canto das ninfas sobre a espuma das vagas.*

*Oh Deusa desejável, que neste instante me apareças e que eu possa enfim contemplar a beleza da tua nudez.*

*Que as minhas palavras santas te sejam agradáveis e possa o meu puro desejo tocar o teu ser mais íntimo.*

*Oh Afrodite, eu te invoco.*

Acendei a lâmpada colocada diante da divindade.

Procedei do mesmo modo para os signos seguintes.



### 3) APOLO (Gêmeos)

*Escuta a minha voz, Oh bem-aventurado Apolo, tu o Poderoso, o Brilhante.*

*Dispensador de riquezas, tu que vens da terra negra do Egipto, eu invoco-te como outrora pelo grito de "Ié".*

*Tu, Titã que segura o arco e a lira de ouro, Santo és tu!*

*Tu que matas Piton, portador da luz, Santo és tu!*

*Brilhante jovem cheio de glória, tu cuja cabeça está coroada de cabelos de ouro, Santo és tu!*

*Tu que conduzes as Musas e os Coros, Santo és tu!*

*Tu que disparas as tuas flechas além dos espaços infinitos, Santo és tu!*

*Tu, o oráculo que interroga e ora em Delfos como em Dídima, Santo és tu!*

*Tu, Senhor de Delos, que vês todas as coisas e trazes a inteligência aos mortais que nós somos, Santo és tu!*

*Puros são os teus presságios e luminosas as tuas respostas!*

*Tu que contemplas do alto do éter infinito, a terra e todos aqueles que aí se encontram, escuta de um coração benevolente a minha palavra que sobe até ti.*

*O começo e o fim de todas as coisas pertencem-te e não há lugar, infinito ou próximo, escuro ou luminoso que não se encontre sob o teu olhar.*

*As notas harmoniosas da tua lira de ouro equilibram o cosmos e o destino dos homens. Cada som, cada raio de luz, traz a manifestação da tua divina harmonia. As estações sucedem-se umas às outras e as pradarias na primavera cobrem-se de flores enquanto retine a tua melodia.*

*Oh Deus resplandecente de luz e de poder, eu dirijo-me a ti como outrora o faziam aqueles que te oravam.*

*Apolo, Senhor resplandecente, tu cuja voz me atinge trazida pelo vento, tu cujo selo marca o Cosmos inteiro, manifesta-te a mim neste instante, assim como a todos os iniciados que te rogam!*

### 4) HERMES (Câncer):

*Escuta a minha voz, Oh Hermes, filho do poderoso Zeus.*

*Tu, o profeta inspirado que eu escuto no sopro do vento,*

*Tu o Arauto veloz transportado pelas tuas sandálias aladas dos Deuses aos homens, presta atenção à minha voz enquanto eu me dirijo a ti.*

*Tu és aquele que resolve os conflitos, aquele que guia todos aqueles que franqueiam as portas da morte, mas tu és também o Deus astuto, amante do lucro.*

*Tu brandes na tua mão o caduceu, símbolo de paz e de poder.*

*Tu Senhor de Coricos, tu que possuis o poder terrível e venerado da linguagem, estai presente aqui neste instante.*

*Ouve a minha voz e concede-me o dom da palavra, da memória e no final de tudo, um fim feliz ao teu lado.*

## **5) ZEUS (Leão)**

*Saúdo-Te, Oh Zeus meu Pai. Escuta a minha voz enquanto eu me dirijo a ti com confiança.*

*Tu és aquele que dirige o curso dos astros com ordem e beleza.*

*Tu fazes jorrar da abobada celeste o relâmpago retumbante e resplandecente.*

*A tua voz sonora agita a morada dos bem-aventurados e o teu fogo ilumina as nuvens que percorrem o nosso mundo.*

*As tempestades e as trovoadas avançam sob a tua ordem enquanto tu brandes o teu raio luminoso, extraordinário e vivo, quando ele se abate sobre a Terra.*

*As tuas flechas de fogo aterrorizam o mortal que não reconhece o teu poder paternal.*

*Seus cabelos eriçam-se e ele tenta fugir, aterrado, teus traços vivos e retumbantes que se abatem com estrondo à volta dele.*

*Os animais selvagens escondem-se também elas, fugindo do teu poder divino.*

*As outras divindades inquietas voltam-se em direcção ao teu rosto brilhante, enquanto os vincos mais profundos do éter repercutem o teu sopro vibrante.*

*Mas, ó Zeus meu Pai, a tua força é a manifestação da vida.*

*Eu reconheço na tua luz, a tua voz e o teu alento a manifestação do teu poder e do teu amor pelos teus filhos e filhas.*

*É por isto que nesta hora em que o teu bramido me envolve, eu te ofereço esta libação.*

*Concede-me o teu poder, a tua beleza luminosa, a tua saúde brilhante e as tuas riquezas inumeráveis.*


*Que a paz que está em ti me inunde e faça nascer na minha existência a ordem e a força.*

#### 6) DEMÉTER (Virgem):

*Dèô, Deusa de mil nomes, Tu que és a mãe de todas as coisas,*

*Venerável Deméter, tu que nutres os jovens que me trazem a felicidade e as riquezas, tu que fazes crescer as espigas de trigo e te alegras na paz como nos trabalhos difíceis, escuta a minha voz que declama este hino em tua honra.*

*Tu que habitas no santo vale de Eleusis, tu está igualmente presente no trigo, na época das suas sementeiras, da sua moagem e da sua malha. Tu estás no coração dos frutos verdes como no germe de tudo o que pode crescer.*

*Tu és  aquela que traz os alimentos delicados e ricos aos vivos, ensinando-lhes os gestos que os alimentavam.*

*Tu, o ilustre companheiro de Bromios, tu a chthoniana, amiga das crianças e ama dos jovens homens.*

*Tu, o brilho porta-chama, encantado pelas serpentes de verão, escuta o meu apelo e vem ao pé de mim!*

*Atrala o teu carro, passando o freio aos dragões que o puxam e percorrem os círculos divinos para se juntarem a mim gritando EVOÉ!*

*Tu que revelas as tuas mil formas nas flores e as folhagens resplandecentes e sagradas, tu o único soberano dos mortais, aparece agora diante de mim.*

*Fecunda o meu ser, dá-me a paz, a ordem da lei, a riqueza e a santidade!*

#### 7) HEFESTO (Balança)

*Hefesto de coração intrépido, vigoroso, oh fogo infatigável, escuta-me enquanto eu me dirijo a ti!*

*Daimon cintilante no brilho das chamas, brilhando para os mortais, porta luz, eterno artesão de mãos poderosas, obreiro, parte do Cosmos, elemento irrepreensível, tu o mais alto que devoras, domas e consomes tudo.*

*O éter, o sol, as estrelas, a lua, a luz límpida revelam aos mortais uma parte da tua natureza.*

*Tu que assombras as casas, as cidades e os povos, que habitas o corpo dos homens, rico, poderoso, entende-me, Bendito: eu te chamo a esta libação sagrada!*

*Vem sempre com benevolência para que nos alegrem os trabalhos.*

*Acalma a furiosa raiva da chama infatigável, porque não és tu que o fogo da natureza queima nos nossos corpos.*

#### 8) ARES (Escorpião):

*Saúdo-te Ares, Daimon indestrutível do coração intrépido. Tu o mais valente e o mais robusto escuta-me enquanto eu dirijo-me a ti.*

*As armas, a guerra e a destruição das cidades são manifestações do teu poder e das tuas paixões.*

*Oh Deus terrificante, tu rejubilas-te do sangue humano e do estrondo das batalhas, tu gostas de ouvir ressoar os choques das espadas e das lanças.*

*Deus terrível, tu és também aquele que pode parar os conflitos, fazer desaparecer a discórdia estabelecendo a paz e espalhando riquezas.*

*Eu peço-te que apagues em mim os sofrimentos, afastes do meu caminho as dificuldades e conflitos.*

*Oh Ares faz que as maledicências, as calúnias, os ataques dos quais eu fui e sou talvez ainda vítima sejam afastados definitivamente de mim. Reenvia-os em direcção àqueles que quiseram agir com maldade e que o equilíbrio seja assim restaurado!*

*Que assim a Beleza e a embriaguez divinas se espalhem em mim fazendo crescer as qualidades e a força da qual eu sou portador.*

#### 9) ÁRTEMIS (Sagitário):

*Escuta a minha voz, oh Ártemis, filha de Zeus de mil nomes, Titânida ruidosa, de nome ilustre, arqueira santa, tu que nos iluminas com as tuas tochas brilhantes, oh Dictina!*

*Mesmo não iniciada nesses mistérios, tu proteges aquelas que dão à luz e tu acalmas as dores do parto.*

*Oh desatadora dos cintos, amiga do divino delírio, tu que caças com os cães e dissipas as penas, escuta a minha voz.*

*Tu que caças na noite, correndo com agilidade ao lançar as tuas flechas,*

*Tu que acolhes, libertas, trazes o renome,*

*Tu, Ortia, Deusa dos partos rápidos, ama dos jovens rapazes, responde ao meu chamado!*

*Oh venerável Imortal e terrestre, matadora das feras, tu reinas sobre as florestas das montanhas!*

*Rainha santa e absoluta, flor bela e imperecível, tu habitas os bosques profundos e misteriosos, tu que amas os cães, Quidoniana de formas mutáveis!*

*Vem Deusa salvadora, amada, benévola com todos os iniciados, e dá-me os belos frutos da terra, a paz desejável e a saúde integral.*

*Caça sobre o cimo das montanhas as doenças e os sofrimentos!*

*Oh Ártemis, divina Deusa caçadora, estai comigo neste instante!*

#### 10) HÉSTIA (Capricórnio):

*Oh Héstia soberana, filha do poderoso Cronos, escuta a minha voz!*

*Tu que reinas sobre o fogo eterno ardendo no centro da casa, consagra os teus iniciados nestes mistérios! Fá-los sempre jovens, ricos, sábios e puros!*

*Tu que ajudas os Deuses bem-aventurados e susténs poderosamente os homens;*

*Tu a Eterna de mil formas, verdejante e desejável, acolhe favoravelmente o meu hino e estas oferendas.*

*Sopra em direcção a mim a felicidade e a saúde, e que as tuas mãos doces bendigam esta casa colocada sob os teus auspícios.*

#### 11) HERA (Aquário):

*Oh Hera, do éter o mais puro às sombrias cavidades, a tua natureza aérea manifesta-se a mim.*

*Rainha absoluta, esposa bendita de Zeus, tu me envias as brisas doces, que alimentam a minha alma.*

*Mãe das chuvas, nutridora dos ventos, tu és a fonte de toda a vida!*

*Sem ti nada pode crescer!*

*Combate com o ar venerável, agitado pelos ventos que assobiam à vontade das correntes, tu manifestas a tua presença.*

*Só tu comandas e reinas sobre todas as coisas.*

*Oh Deusa bendita de mil nomes, rainha absoluta, tu onde a alegria e a bem-aventurança brilham sobre o teu rosto, estai presente ao pé de mim!*

*Concede-me os benefícios da tua protecção!*

## 12) POSÍDON (Peixes):

*Posídon de cabelos azuis, cavaleiro segurando na mão o tridente de bronze cinzelado, tu que habitas as fundações do mar no seio profundo, eu te invoco!*

*Oh Rei, a tua voz sonora presa nas vagas. Tu sacodes a Terra e aceleras a tua quadriga nos silvos da espuma da água salgada.*

*Tu que do sortilégio recebes o mar insondável, tu que as vagas e as bestas selvagens alegram, oh daimon marinho, protege aqueles que navegam e traz-me a paz, a saúde e as riquezas inumeráveis!*

Fazei de novo face a Este e respirai alguns instantes esvaziando o vosso espírito depois pousai o incenso.

Fechai os olhos em silêncio alguns instantes e relaxai-vos esvaziando o vosso espírito.

Depois tomai com o vosso corpo a posição do pentagrama, da estrela de 5 pontas afastando os vossos braços à horizontal, de cada lado do corpo (palmas das mãos na direcção do Este) e afastando as pernas. Respirai calmamente esvaziando o vosso espírito de todo o pensamento.

Imaginaí que uma esfera de uma intensa luz amarela-dourada aparece e se densifica no cimo da vossa cabeça. Uma luz da mesma cor desce sobre vós e penetra o vosso ser como uma queda de água cujo efeito será muito dinamizante.

Pouco a pouco esta luz banha todo o lugar.

Dizei então:

*Vós todos, Poderes presentes neste lugar neste dia de aniversário, eu vos peço que harmonizeis as vossas influências de tal forma que comece um ciclo pleno de sucesso, de alegria e de felicidade! Que as vossas acções sejam a realização daquilo ao que eu aspiro!*

*Que se manifestem em mim o belo, o verdadeiro e o justo!*

*Que a Ordem seja colocada acima do caos!*

*Que a Harmonia se estabeleça em mim e em cada aspecto da minha vida!*

Conservai alguns instantes a mesma posição e cruzai os vossos braços sobre o peito, o esquerdo sobre o direito, juntando as vossas pernas ao mesmo tempo.

Respirai tranquilamente. Após alguns instantes, apagai as velas no sentido

inverso em que foram acesas e dizei para cada uma das divindades:

*Posídon, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Hera, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Héstia, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Ártemis, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Ares, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Hefesto, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Deméter, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Zeus, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Hermes, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Apolo, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Afrodite, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

*Atena, eu te agradeço pela tua presença neste rito!*

Meditai em silêncio alguns instantes no círculo e pronunciai: *Knox Ompax! O rito está cumprido!*

Vós podeis então arrumar todos os elementos utilizados neste rito.

## CAPÍTULO SETE

---

### O MAGO

Nós falámos em várias ocasiões do Teurgo ou Mago implicando que o seu desenvolvimento moral se devia acompanhar com práticas de elevação em direcção ao divino. Com efeito, o orgulho é um dos obstáculos revelado por bom número de Mestres hermetistas.

Assim, o Imperador Juliano escreveu a respeito de um candidato aos Mistérios: «Ele compreendeu que aquele que lhe dava estes conselhos, não se preocupava em endireitar a sua vida, orgulhando-se em tudo da sua iniciação. Ele corrigia-o e ensinava-lhe que para aqueles que, mesmo sem terem sido iniciados, tinham conhecido uma vida que merecia a iniciação, os Deuses guardavam intactas as recompensas; mas que os pecadores não ganhavam nada em ter penetrado no interior dos recintos sagrados.

Não é isso que proclama o hierofante?

Porque ele interdita a iniciação àqueles que não têm a mão pura e que não é preciso iniciar.» (Imperador Juliano – *Discursos*, VII, 239b-c)

Da mesma maneira Sallusto, escrevendo sobre a demanda de Juliano, começa o seu livro *Dos Deuses e do mundo* por enumerar quais devem ser para ele as qualidades do discípulo:

«Várias qualidades são necessárias para poder instruir-se sobre tudo o que concerne à divindade. Convém bem dirigir a reflexão do discípulo desde a infância e não alimentar tolas crenças. Muito evidentemente um tal estudo dirige-se essencialmente àqueles que são naturalmente bons e sensatos, porque têm então alguma semelhança com os ensinamentos dos quais nós nos ocupamos.

[...] É igualmente necessário que eles conheçam as noções sobre a divindade, comuns a todos os homens.

A maneira de as definir é simples: são comuns todas as noções sobre as quais o conjunto dos homens estão de acordo, se os interrogamos correctamente.

Por exemplo, assim que nós nos interrogamos sobre a natureza de Deus, nós convimos que ele é bom, impassível e imutável.

Com efeito, nós vemos bem que alguma coisa que muda, quer melhore, quer se degrade.

- No primeiro caso, uma melhoria implicaria uma má origem, o que não pode ser o



caso para Deus.

- No segundo caso, Deus não pode se degradar porque isso equivaleria a dizer que ele se aproxima ao mal.

É assim que deve ser o estudante.»

O ser humano permanece fundamentalmente o mesmo, e os critérios de hoje em dia não mudaram nada. Seria necessário sem nenhuma dúvida ai juntar os conhecimentos filosóficos platônicos e estóicos para que o estudante possa sem se corar começar a caminhar na via traçada por aqueles que a Tradição chamou os *Mestres Passados*.

# RITUAL DO MAGO\_

## **Tempo**

Este rito pode ser praticado não importa qual o momento, evitando somente a lua decrescente (entre a lua cheia e a lua nova).

## **O operador**

Idealmente vós deveis estar nu sob vestes amplas.

## **Vestes**

Roupas descontraídas e agradáveis permitindo às energias do corpo circular. Os tecidos naturais são desejáveis. É igualmente preferível não usar relógio, anel ou aparelho electrónico.

## **O altar**

Mesa coberta com um pano branco, três velas acesas dispostas em triângulo (a ponta em direcção ao Este). Um incensário (ou uma varinha de incenso) será colocado no centro.

## **Incenso**

Ao vosso gosto.

## **Orientação**

Fazei face a Este durante este exercício.

## ***AS PROTECÇÕES ASTRAIS***

### ***Os círculos***

Acendei o vosso incenso e as luminárias.

### *Traçado do primeiro círculo:*

Esticai o vosso braço em direcção a Este, depois com a ajuda do vosso dedo indicador traçai um círculo à volta de vós no sentido dos ponteiros do relógio. Visualizai que este círculo se manifesta por um véu constituído por uma ligeira bruma azulada que vos rodeia e vos protege. Uma vez o círculo fechado e sempre o braço esticado face a Este, intensificai este círculo

### *Traçado do segundo círculo:*

Sempre nessa mesma posição, depois com a ajuda do vosso indicador traçai um círculo à vossa volta no sentido dos ponteiros do relógio. Visualizai que este círculo se manifesta por um véu constituído por uma cor azul ondulante como uma cascata de água viva, que vos envolve e vos protege. Uma vez o círculo fechado e sempre o braço esticado face a Este, intensificai este círculo.

### *Traçado do terceiro círculo:*

Sempre na mesma posição e com a ajuda do vosso indicador traçai um círculo à vossa volta no sentido dos ponteiros do relógio. Visualizai que este círculo se manifesta por um véu constituído de uma cor vermelha, que vos envolve e vos protege. Uma vez o círculo fechado e sempre com o braço esticado face a Este, intensificai este círculo.

Relaxai o vosso braço.

Sempre face a Este, realizai o gesto do Cálice que segue pronunciando as palavras sagradas em grego.

### ***Gesto do Cálice***

Vós estais em pé, as costas direitas e os braços ao longo do corpo. Pronunciai vibrando:

EI (Éi).

Elevai os dois braços sobre os lados em forma de Tau (T). Mantende a posição alguns segundos e vibraí:

'H BASILEIA (È *baziléia*).

Pousai a vossa mão esquerda sobre o vosso ombro direito (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula).

Mantende esta posição e vibraí:

KAI 'H DUNAMIS (*Kaĩ è dunamis*).

Pousai a vossa mão direita sobre o vosso ombro esquerdo (a extremidade dos vossos dedos chegando à clavícula).

Mantende esta posição e vibraí:

KAI 'H DOXA (*Kaï è doxa*).

Conservai os braços cruzados e curvai a cabeça dizendo:

EIS TOUS AIONAZ (*Éis tous aïonas*).

### ***Praesidia***

Levantai-vos conservando os vossos braços cruzados sobre o peito e pronunciai a frase seguinte:

'H PELEIA □ 'H UGRA O OFIS KAI TO WION

(*È péléïa è ugra o ophis kaï to oïon*)

(Tradução a não pronunciar:

*A pomba e as ondas, a serpente e o ovo*)

Esticai a vossa mão em direcção a Este, depois traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação do Ar pronunciando simultaneamente:

SELAH-GENETHS (*Sélaé guénétes*).

Cruzai os vossos braços sobre o peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder do Ar! Possas tu manifestar a tua presença neste lugar!*

Relaxai os braços.

Voltai-vos face a Sul, esticai a vossa mão nesta direcção e traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação do Fogo pronunciando simultaneamente:

QEOS (*Théos*).

Cruzai os vossos braços sobre o vosso peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder do Fogo! Possas tu manifestar a tua presença neste lugar!*

Relaxai os braços.

Voltai-vos face a Oeste, esticai a vossa mão nesta direcção e traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação da Água pronunciando simultaneamente:

PANKRATHS (*Pankratès*).

Cruzai os vossos braços sobre o vosso peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder do Água! Possas tu manifestar a tua presença neste lugar!*

Relaxai os braços.

Voltai-vos face a Norte, esticai a vossa mão nesta direcção e traçai com a ajuda do vosso indicador o pentagrama de invocação da Terra pronunciando simultaneamente:

KURIOS (*Kurios*).

Cruzai os vossos braços sobre o vosso peito, o esquerdo sobre o direito e dizei:

*Eu invoco neste instante o poder da Terra! Possas tu manifestar a tua presença neste lugar!*

Relaxai os braços.

Elevai ligeiramente os vossos braços em direcção a Este e pronunciai a frase:

GAIA KAI 'O ICWR TOU OURANOU (*Gaïa kaï o ikor tou ouranou*).

Relaxai os braços.

### ***Invocatio***

Elevai os vossos braços à horizontal, as palmas das mãos voltadas em direcção a baixo, formando assim um Tau (T) com o vosso corpo.

Visualizai diante de vós em direcção a Este uma coluna amarela flamejante, de uma altura ligeiramente superior à vossa. Esta coluna é translúcida e a sua energia é muito perceptível na vossa aura.

Sempre conservando esta posição vibraí o nome em grego:

SOTER (SWTHR).

Sem mudar a vossa posição dos braços, visualizai a Sul, à vossa direita, □ uma coluna vermelha com as mesmas características que a precedente.

Vibrai o nome grego: ALASTOR (ALASTOR).

Sem mudar a vossa posição dos braços, visualizai a Oeste, atrás de vós, uma coluna azul com as mesmas características que a precedente.

Vibrai o nome grego: ASPHALEÏOS (ASFALEIOS).

Sem mudar a vossa posição dos braços, visualizai ao Norte, à vossa esquerda, uma coluna índigo resplandecente com as mesmas características que a precedente.

Vibrai o nome grego: AMUNTOR (AMUNTWR).

Relaxai os vossos braços ao longo do vosso corpo.

## **O EU SUPERIOR**

Colocai a vossa mão direita sobre o vosso plexo solar, a esquerda estando dirigida em direcção à frente. Mantendo essa posição declamai o texto seguinte:

*Pressionando o carro do meu desejo ardente, os poderes da minha Deusa levaram-me a descobrir esta via interior, esta gloriosa via conhecida do Sábio.*

*Minha alma, não és tu consumida?*

*Em verdade, as rodas de chamas inflamadas voando ao alto ardem desejando:*

*É em direcção à morada de Verdade?*

*Das portas da Noite, eu cheguei ao limiar do dia, eu franqueei a porta de Bronze.*

*Ela ordenou-me que procurasse a verdade sobre a estrada interior do conhecimento, enquanto o rumor erra pelo Mundo.*

Elevai os vossos braços em forma de Tau (T), as palmas em direcção ao alto e visualizai uma esfera de cor branca incandescente a alguns centímetros acima da vossa cabeça.

No fim de alguns instantes, visualizai um germe de cor vermelha no centro desta

esfera. Ele lembra uma língua de fogo ou a cabeça de uma serpente que se agita balançando-se e emitindo um ligeiro silvado. Esta visualização põe em movimento energias na esfera branca que se torna ainda mais viva. Ela emite um brilho que os olhos não podem captar mas que vós sentis no cimo da vossa cabeça. Esta energia vai descer ao longo da nossa coluna vertebral como uma corrente quase líquida até ao nível dos pés, depois desaparecendo no solo.

A visualização é em seguida relaxada enquanto vós vos abandonais alguns instantes com veneração às sensações acordadas.

Relaxai a postura física, os braços sendo trazidos em direcção ao corpo. Não continueis a vos concentrar sobre a esfera branca, mas conservai na vossa consciência a sensação da sua presença.

### **ENERGIZAÇÃO DO SER**

Conservando os braços ao longo do corpo, imaginai que uma corrente branca dourada desce da esfera situada acima da vossa cabeça até ao vosso centro cardíaco. Esta energia enche a esfera solar de uma luminosidade amarela dourada e de aproximadamente dez centímetros de diâmetro. Ao fim de alguns instantes, esta luz branca desce até aos pés, criando uma esfera do mesmo diâmetro contendo as cores prismáticas.

Depois visualizai uma energia subindo dos pés até ao coração na esfera precedentemente visualizada. Visualizai esta esfera a aumentar o seu volume até se tornar um ovóide que vos engloba completamente. Conservai esta visualização alguns instantes e relaxai-a, não conservando senão a sensação da esfera branca acima da cabeça.

### **A ADORAÇÃO**

Visualizai uma forma divina diante de vós. Segundo o sexo, escolhei aquela que vos concerne.

#### ***Para os homens***

Visualizai então diante de vós, a Oriente, uma forma divina correspondendo ao vosso ideal feminino. Fixai todos os detalhes com a maior precisão possível até ser sensível à sua presença. Depois, declamai o texto seguinte impregnando-vos das palavras e do seu significado:

*O esplendor cristalino do teu amor penetra todas as coisas, alimenta e renova.*

*Pela tua generosidade, tu destilas o secreto orvalho, vertido num cálice de terra.*

*Aqueles que te amam bebem aí avidamente.*

*Tu engastaste-os do brilho do teu olhar.*

*Onde está a grande serpente?*

*Onde está aquele que é o teu Senhor?*

*Tu o venceste e tu partiste-lhe as suas presas.*

*Do teu seio ele renasce, inocente serpentina.*

*Tu és o Aliado do Poder, aquele que assiste os Filhos e as Filhas da Gnose.*

*Tu cantas diante da face argêntea da Lua e o bastão mágico, partido, desprezado, adorador solitário, enfeitiçado, deita-se num sombrio relampaguear, nos negros abismos do teu ser.*

*Então, inelutavelmente, tu esperas que a visão do esplendor e do fogo se erga e que surja a sabedoria ou a loucura.*

*Sobre a tua palma treme a pequena chama, alimentada de ar.*

*A pedra de Berilo sobre o teu manto é como um lago de compaixão e de vidência, o olhar que aí se mergulha cavalgará o cavalo de batalha alado.*

*O esplendor cristalino do teu amor penetra todas as coisas, nutre e renova.*

### ***Para as mulheres***

Visualizai então diante de vós, a Oriente, uma forma divina correspondendo ao vosso ideal masculino. Fixai todos os detalhes com a maior precisão possível até ser sensível à sua presença. Depois, declamai o texto seguinte impregnando-vos das palavras e do seu significado:

*Tu persegues aqueles que não te procuram.*

*Eles despertam-se, voltam-se e querem descobrir quem os perturbou.*

*Mas tu retiraste-te para além das profundezas da noite.*

*Ao imaginário de uma busca solitária do espírito, o não-manifestado é como uma miríade de partículas de fogo recobrando-te com um véu.*

*Uma só está presente, uma seguindo todos os aspectos, em direcção a que sem cessar tu te aproximas.*

*Aquela que tu procuras é descoberta e reconhecida, descoberta em todo o universo, até ao fim dos tempos.*

*Tal como uma busca, a Existência é a todos conferida,*

*Contudo o Amor é a pulsação do ser e a lança de luz é a fonte da vida.*



*No silêncio e nas trevas tu m[ó]oves-te, mas o que tu fizeste brilha nas chamas, no seio das águas e a todos aqueles que te reconhecem pelo que tu fizeste, o Pai de tudo manifesta-se infinitamente.*

*A multidão dos Senhores das estrelas e dos Daimones, o orvalho cintilante dos céus simbolizando o desenvolvimento da divindade, as miríades das armadas de estrelas formam o corpo da Deusa dos Espaços infinitos.*

*Ela confere a unidade a esta multidão porque para ela, eu sou Um.*

*E o Gnóstico para quem ela é sabedoria te susterá na sua unidade:*

*Melanotheos!*

*Melanotheus!*

*Daimones Poliastres!*

## **O EU INFERIOR**

Voltaí-vos no sentido horário e ficai de frente a Oeste. Tomai consciência das sensações à superfície da vossa pele, sobre o conjunto do vosso corpo. Ao fim de alguns instantes, percebei uma ligeira vibração à volta de todo o vosso corpo. Imaginai-a semelhante a um muito ligeiro ardor envolvendo o vosso corpo, e situado dois a três centímetros acima deste.

A vossa percepção vai então passar esta zona para sentir o vosso envelope astral, sob a forma de um ovóide que vos rodeia inteiramente. Não vos ligueis a uma cor ou a o que quer que seja de particular, mas sede tranquilamente consciente da sua presença.

Imaginai écharpes de brumas que vos envolvem, lentamente, com voluptuosidade, como uma carícia sensual.

Declamai então a frase seguinte:

*Oh Sopro dos mundos astrais, tu meu Corpo subtil, envolve-me, encerra-me e dá-me a tua força, a tua vida, o teu poder.*

*Que as ilusões que são tuas se distanciem a fim que eu conserve o teu poder e a tua beleza.*

## **O PRINCÍPIO DA EQUIDADE**

Fechai os olhos e elevai os braços em forma de Tau (T), as palmas voltadas em direcção acima. Imaginai que a vossa estatura cresce em dimensão até grandes proporções, ultrapassando o lugar físico no qual vos encontrais, elevando-vos até às estrelas. Tomai consciência alguns instantes da vossa nova proporção, olhando o espaço à vossa volta e respirando livremente.

Depois conservando os vossos braços na mesma posição, voltaí as vossas mãos a fim de que a vossas palmas sejam dirigidas em direcção abaixo. Enviai as vossas bênçãos e o vosso poder em direcção ao vosso envelope astral e ao vosso corpo

físico que se encontram abaixo de vós, no local onde vós trabalhais.

Após alguns instantes, relaxai a vossa posição e voltai gradualmente à percepção normal das vossas proporções físicas. Abri os olhos.

## **O OBLATO**

Fazei face a Este.

Praticai a energização do ser como precedentemente.

Pronunciai então o nome divino: AGATHODAIMON.

Visualizai de novo e com maior intensidade a forma divina oposta ao vosso sexo, diante de vós. Assim que ela esteja fixa, percebei que o vosso envelope astral deixa o vosso corpo sob a forma de écharpes de bruma que estavam sempre à vossa volta, e se une com a forma divina. Fixai o mais precisamente possível esta imagem como uma acção real que se desenrola diante de vós. Após alguns instantes, visualizai quão estas fitas de luz formando o vosso corpo astral regressam à vossa volta. Percebei de novo, depois relaxai as vossas visualizações e descansai alguns minutos sentado (ou deitado), receptivos às sensações que possam se manifestar, evitando intelectualizar ou raciocinar sobre o que acaba de ser vivido.

Após este período de recolhimento, vós podei prosseguir o rito.

## **O MAGO**

Cruzaí os braços, o esquerdo sobre o direito e respirai calmamente. Baixai ligeiramente a cabeça e dizei:

*Vós todos os Poderes divinos invocados neste rito, sejam agradecidos pela vossa presença.*

- Pausa silenciosa -

Prossigui dizendo: *Konx ompax!*

*Que tudo o que acaba de ser realizado seja meu e o assim o permaneça!*

Guardai alguns segundos de silêncio

## **FECHO**

Esticai o vosso braço em direcção a Este, a mão aberta, a palma dirigida em

direcção a baixo.

Girai três vezes sobre vós mesmos no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio visualizando a dissolução dos círculos traçados aquando da abertura.

Inclinai-vos alguns segundos e apagai as velas.

O rito está terminado.

## CONCLUSÃO

No fim desta obra, é importante sublinhar alguns pontos fundamentais.

O filósofo grego Epicuro dizia que não há idade para filosofar, porque não há idade para ser feliz. Da mesma maneira, a tradição hermetista fornece um método e uma mensagem muito concretas. Como nós vimos, a Magia Divina ou Teurgia, veicula um conjunto coerente e respeitável de conhecimentos, de práticas e de ritos. O Hermetismo no seu conjunto oferece uma real eficácia que nos permitirá tornarmo-nos mais conscientes da nossa natureza e do nosso destino. Os ritos tornam-nos capazes de compor com as diversas influências que nós sofremos na nossa vida e equilibrá-las, transformando assim o nosso futuro. Não creiamos que este resultado seja abstracto ou simplesmente imaterial. O que nós visamos tem uma consequência muito concreta sobre a nossa vida. Como dizia Epicuro, o objectivo é ser feliz aqui e agora. Certamente, nós trabalhamos numa perspectiva que ultrapassa a simples existência material. Os iniciados sabem que eles têm um corpo e que é importante levá-lo em conta. Longe de ser um obstáculo, ele é uma ocasião de experiência e de aprendizagem. Ele permite-nos medir a validade das nossas aquisições, de verificar a boa assimilação do nosso trabalho.

Os resultados do nosso caminhar interior devem ser imediatamente visíveis na nossa vida, seria muito fácil fixar o seu espírito em direcção aos mundos espirituais e perder de vista o que é essencial na existência. Ora, o equilíbrio que nós devemos atingir é ao mesmo tempo interior e exterior. A beleza do corpo e a beleza da nossa natureza são portas que nos dão a possibilidade de nos elevarmos em direcção ao divino. Os prazeres da vida participam deste equilíbrio. Eles são meios que nos permitem medir os nossos limites e o resultado do nosso trabalho interior. Porque um desenvolvimento tal como este implica todos os níveis do nosso ser. A dimensão moral é totalmente integrada e associa-se a este caminho espiritual.

A via hermetista da qual temos vindo a falar toma em conta o conjunto da nossa personalidade e visa um objectivo que não pode envelhecer ou mudar no decurso dos séculos. Mas em lugar de nos transmitir um tal objectivo sem utilidade, os antigos filósofos e iniciados deram-nos iniciações, ritos e escolas que podem ensinar-nos a realizá-lo.

Deixemos aqui Jâmblico<sup>[6]</sup> concluir: *«Azú o fim deste discurso, eu oro aos Deuses que eles nos dêem, a ti e a mim, a guardar infalivelmente os verdadeiros pensamentos, de colocar em nós para a eternidade a verdade das coisas eternas, de nos outorgar parte às intelecções as mais perfeitas sobre os Deuses, graças aos quais nos esperam estes preços: o fim beatífico dos bens e a própria sanção da amizade que nos une na unanimidade dos pensamentos.»*

## **ANEXOS**

## **ANEXO I - PLATÃO E A ALEGORIA DA CAVERNA**

A filosofia está hoje em dia desencarnada. Para os filósofos gregos de que nós falamos nesta obra, este amor à sabedoria tomava em conta o humano no seu meio, com as suas angústias, medos, esperanças e os seus desejos. Não se tratava de uma ciência intelectual que conviria não utilizar senão num contexto escolar ou teórico. Tratava-se de uma maneira de viver, e ultrapassando a própria vida, ela pode ajudar-nos a analisar o que nós fazemos aqui sobre a terra, a natureza do processo que nos conduziu a viver, respirar, e a interrogarmo-nos. Este amor à sabedoria devia levar-nos pouco a pouco a compreender que convém elevar-se em direcção a uma verdade mais completa, mas também a viver enfim em paz neste mundo. Esta filosofia não mudou, ela é sempre aquela que os hermetistas e teurgos estudam e procuram praticar.

Nesta longa tradição, a filosofia platónica tem um lugar essencial. A obra de Platão marca o nascimento do que nós chamamos hoje em dia a filosofia. Não saberíamos sem dúvida jamais se Platão respeitou os textos e os propósitos de Sócrates na sua obra, mas a palavra do seu Mestre, através da obra de Platão fundou a filosofia clássica.

A filosofia platónica não se reduz a um discurso teórico ao qual nos habituaram os discursos de Kant ou de Hegel por exemplo. A filosofia platónica associa dois tipos de discurso: um discurso mítico e um discurso racional. Estes dois géneros são interdependentes. O mito é fundador e permite desenvolver um conjunto de teorias. Associado à alegoria, ele dirige-se ao imaginário para atingir as partes mais íntimas da nossa consciência. É então que ele se poderá desenvolver, racionalizar-se e fornecer-nos uma mensagem sobre a qual nós construiremos as nossas eventuais teorias.

A *Alegoria da caverna* encontra-se num livro importante de Platão, *A República* (Livro VII). Este relato é espantosamente moderno. Ele descreve a situação do ser humano na sua vida, as suas ilusões e a sua procura da Verdade. Esta estando escondida, velada, cabe-lhe avançar para a descobrir. Esta imagem da caverna revela igualmente um processo iniciático característico do Ocidente, capaz de associar a razão e a espiritualidade num conjunto harmonioso. Assim, esta *Alegoria da caverna* vai desvelar uma filosofia cuidadosa do ser, dos problemas que ele encontra, das suas angústias (essencialmente ligadas à morte), e permite-lhe compreender o que ele faz neste mundo. Ele poderá desta maneira construir uma vida feliz, equilibrada, graças a esta reflexão sobre a morte e o além. O sábio socrático resolveu este espantoso paradoxo: ele sabe viver e aproveitar da existência, porque aprendeu a morrer. Esta procura vai abrir-lhe as portas da felicidade. Ela convida-nos a uma ascensão em direcção ao Verdadeiro, ao Belo, o Justo, o Um.

A *Alegoria da caverna* vai opor dois mundos: um mundo exterior à caverna e um mundo interior. Convém pois que nós definamos agora o que são estes dois mundos.

A espiritualidade platónica faz estado de dois mundos distintos – nós não desenvolveremos aqui os aspectos mais complexos deste sistema, os elementos que nós damos são suficientes para seguir o fio da alegoria: um mundo imaterial e um mundo material, um mundo espiritual e um mundo cartesiano, um mundo divino e um mundo humano. Retenhamos por agora a distinção entre o mundo imaterial e material. Nós possuímos em nós essas duas dimensões. Para Platão e a tradição teúrgica, nós temos um corpo físico e uma alma espiritual. Esta alma é invisível aos olhos físicos, mas é perceptível a toda a pessoa que começa a trabalhar sobre o plano ritual e mágico. Além do mais, existe uma conexão entre a alma e o mundo espiritual ou mundo divino.

Para o platonismo, como para diferentes grupos gregos da Antiguidade, a alma é o objecto de uma transmigração. É o que os Orientais chamam a *Reencarnação*. A alma pertence ao mundo espiritual. Este último é o seu meio natural e o seu lugar de origem. À nascença, a alma desce ao corpo físico e aí passa um certo tempo. À morte, ela regressa ao mundo espiritual, depois desce de novo num corpo físico e assim por diante. Este processo de ir e retornar da alma num corpo físico chama-se *metempsicose*.

A alma existe pois antes que ela se manifeste num corpo. Ela existe num mundo espiritual, mas poderíamos-nos perguntar o que ela aí faz. Não se trata de um sono como certas religiões afirmam. A alma é activa e vê o que se encontra à sua volta. Com efeito, este mundo não é vazio. Ele contém o arquétipo ou o ideal de tudo o que existe neste nosso mundo físico. Durante este período, a nossa alma percebeu o ideal de todas as coisas, guardando-o profundamente enterrado na sua memória. Depois ela vai nascer (ou morrer, se tomarmos por referência o plano espiritual). A alma desce ao corpo e aí se encerra. É necessário imaginar o que isso pode significar: a alma é espiritual, luminosa, imaterial e ela desce num corpo de carne, obscuro, perdendo uma parte da sua memória. Esta obscuridade do corpo e do mundo será representada pela caverna. Porque esta alma que desce ao corpo está como os indivíduos encerrados na caverna tal como descrito por Platão. A alma está perdida no mundo e no corpo. Não se deve esquecer que se trata de uma descrição alegórica, filosófica e iniciática.

Platão diz no seu texto que esta alegoria representa a nossa natureza. A nossa situação será ligeiramente diferente segundo a nossa prática filosófica. De uma certa maneira, nós poderíamos dizer que a nossa visão será mais ou menos obscura, segundo o nosso despertar interior.

Platão descreve assim o lugar simbólico: *«Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, tendo a toda a sua largura uma entrada aberta à luz, estes homens estão lá desde a sua infância, as pernas e o pescoço acorrentados, de maneira que eles não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, a cadeia impede-os de voltar a cabeça; a luz vem-lhes de um fogo aceso sobre uma colina, ao longe atrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada elevada: imagine que ao longo deste caminho é construído um pequeno muro, semelhantes às divisórias que os mostradores de marionetes ergueram diante deles, e acima dos quais eles fazem ver as suas maravilhas...»*

Embora não seja necessário compreender estes elementos literalmente, nós devemos reter os símbolos mais importantes. São eles que nos esclarecerão

sobre o sentido profundo desta filosofia. Os prisioneiros estão lá deste a sua infância, os olhos fixos em direcção ao fundo da caverna. Eles foram sempre habituados a não ver senão o fundo da caverna, quer dizer as sombras que aí se projectam. Eles estão acorrentados lado a lado e nenhum pode ver quem está ao seu lado, podendo falar-lhe, mas não os podem ver. Este símbolo da visão é importante, porque eles não se encontram numa caverna totalmente obscura. Um fogo arde atrás deles. Este fogo projecta sombras sobre a parede mas não as deles. Estas são sombras de marionetas agitadas diante do fogo. Aqueles que estão acorrentados desde o início da sua vida vêem estas sombras sobre o muro diante deles. Estes deslocam-se e falam. Os prisioneiros entendem-nos, porque o fundo da caverna reverbera os sons. Todos pensam que estas sombras lh'es falam, que elas se dirigem a eles. Os prisioneiros atribuem-lhes espontaneamente uma realidade de seres vivos.

O texto prossegue assim: «Ao longo deste pequeno muro homens transportando objectos de todos os tipos, que transpõem o muro, e estatuetas de homens e animais, em pedra, em madeira, e em toda a espécie de matéria; naturalmente, entre os transportadores, uns falam os outros estão calados.» Aqui, Platão quer mostrar que tudo o que nos cerca, tudo o que nós percebemos por intermédio dos nossos sentidos, não é senão uma aparência e não tem mais realidade que as sombras sobre o fundo da caverna. Todavia nós temos a ilusão que o que nós tocamos é real. Isso passa-se da mesma maneira para nós, que para os prisioneiros totalmente persuadidos que as sombras que eles vêem diante deles são reais. É sobre isso que as nossas crenças, os nossos preconceitos, as nossas ilusões se vão construir. Nós cremos que o mundo que nos cerca é real porque os nossos olhares são votados em direcção ao exterior enquanto que, para encontrar a realidade, eles deveriam estar voltados em direcção ao interior. *A Alegoria da Caverna* exprime esta ideia que o que é exterior a nós e nos parece evidente desde o nascimento é falso, enquanto que o que é interior é verdadeiro. Nesta situação, os prisioneiros da caverna não podem ter nenhuma confiança nos seus sentidos. Para Platão, o primeiro erro provem dos sentidos.

Não esqueçamos o que nós dissemos anteriormente nesta obra. Há duas interpretações do platonismo: a visão optimista fundando o hermetismo e a teurgia, e a visão pessimista. Lembremos brevemente estes dois pontos de vista:

A *visão pessimista* exprime uma situação perdida de avanço na qual não há saída, sendo tudo falso. Não podendo ter confiança em nenhum dos nossos sentidos, nem em ninguém, não há nenhum objectivo na existência. Nós nunca poderemos saber nada, nem conhecer. O nascimento não serve para nada, senão a ser fechado, encadeado até à morte, sem nenhuma possibilidade de nos libertar. Como o faríamos nós, pois que nós não sabemos mesmo que estamos acorrentados? Poderíamos nós talvez conservar uma ligeira esperança, aquela de um alguém mais agradável que este.

A *versão optimista* implica desde logo o facto de que alguém nos pode ajudar a sair da nossa situação. Nós tomamos consciência de que a nossa situação é delicada. O iniciado sabe que sozinho não pode chegar a nada. Tem necessariamente necessidade de alguém que poderá acordá-lo, trazer-lhe uma mensagem, ajudá-lo a sair do seu torpor e da sua obscuridade. Mas os sentidos não são para rejeitar basta somente compreender que podem ser uma espécie



de erro e de ilusão. Não se trata de os suprimir, mas de saber distinguir o que é da ordem da ilusão e do real.□

Constatando a nossa situação submetidos à ilusão, se alguém decidia reagir radicalmente elevando a vista, não teria absolutamente nenhuma *chance* de ver a luz. A atitude optimista consiste ao contrário em dizer: «*Eu estou na obscuridade. Os meus olhos não percebem a realidade e, É pois necessário que eu desvie o meu olhar para começar a ver a luz*». Não se trata de fazer desaparecer os sentidos. Convém mudá-los de posto e aprender a perceber pouco a pouco as coisas em harmonia.

Mas voltemos ao texto de Platão: «*Eis, exclamava ele, um estranho quadro e estranhos prisioneiros. [...] Se pois eles pudessem comunicar-se uns com os outros, não pensarias tu que eles tomariam por objectos reais as sombras que eles veriam?*» A discussão representa a criação de uma certa ciência fundada sobre ilusões. Imaginemos por exemplo que vós deixais cair uma caneta e que esta cai no chão. É uma realidade material para vós, se vós decidis partilhar isso com alguém e que vós lhe puserdes a questão: «*Que se passará se eu largar esta caneta?*» Ninguém dúvida que a resposta seria que este objecto vai cair em direcção ao solo. Tomando como referência as vossas observações habituais, vós estareis os dois rapidamente de acordo. É uma realidade material para vós, enquanto que para Platão se trata de uma realidade ilusória. A caneta cai do ponto de vista dos homens que a observam. Mas esta caneta cai ela verdadeiramente se a observarmos desde a Lua ou do outro ponto da galáxia? Certamente que não. É uma visão totalmente relativa à vossa percepção, que não tem realidade em si própria. É por esta razão que os prisioneiros podem criar uma ciência sobre a qual eles se entendem e portanto que não é válida em si mesma.

«*Considera agora o que lhes acontecerá naturalmente se os libertamos das suas cadeias e curarmos a sua ignorância.*» Eis aqui o ponto de oscilação. Platão mostra que um prisioneiro encadeado desde o nascimento, não pode ter ideia de se libertar se ele não tiver nenhum exemplo de mudança à sua volta. Qualquer um encontrando-se num meio totalmente materialista e não tendo tido nunca ocasião de encontrar ideias diferentes terá fortes *chances* de permanecer na sua condição. É necessária uma ajuda exterior para sair da ilusão. A nossa alma está totalmente obscurecida pelo corpo, que sozinha não pode ter a ideia de sair daí. O filósofo ou o iniciado deve então libertá-los das suas cadeias.

Pode-se perguntar porque é que os iniciados deveriam libertar os prisioneiros das suas cadeias. Como os prisioneiros não podem ter a ideia de o fazer, é necessário que o filósofo quebre as suas cadeias e o force a se levantarem e a voltarem-se. A palavra grega *metanóia* exprime esta ideia de modificação do olhar, de conversão. A palavra pode ser tomada no sentido religioso, mas é fundamentalmente e antes de tudo uma mudança de ponto de vista. Os prisioneiros devem deixar aquele que era o seu desde o nascimento. É alguma coisa pode ser percebida violentamente e desencadear a cólera. Não se força alguém que está habituado a estar na obscuridade, a ver subitamente a luz sem que haja sofrimento. Os seus hábitos, as suas certezas vão ser rapidamente postas em causa. Ora, é muito complicado, se se viveu durante longos anos com certezas, vê-las assim fragilizadas. É doloroso, difícil e leva a rebelar-se.

Este acto se manifesta na filosofia platónica pelo método do questionamento, o filósofo vai desencadear esta modificação do ponto de vista por uma série de interrogações. Estas são questões simples, directas, mas que levarão a tomar consciência das nossas contradições e a avançar em direcção à realidade atrás do véu. Nós devemos nesta etapa aceitar a ideia de que alguma coisa de diferente existe atrás do que nós consideramos até aí como absolutamente de real. Sócrates dizia que ele agia um pouco como a mosca do cavalo, irritando e picando os estudantes para os fazer reagir. É neste momento que nós poderemos aceitar regressar do fundo da caverna para encetar o processo iniciático, de saída da caverna. Aqueles que recusam, permanecerão cristalizados em direcção ao fundo da caverna. Pode ser mesmo que se coloquem a eles mesmos correntes ainda mais fortes, mais apertadas que aquelas que eles tiveram até aí. Pode ser mesmo que eles procurem eles mesmo matar o filósofo ou o iniciado, como isso se passou muitas vezes no passado.

Convém lembrar-se que nós analisamos aqui uma alegoria, um texto simbólico. Como tal, ele deve ser interpretado. O filósofo que permite esta tomada de consciência levando à libertação do prisioneiro, pode corresponder a um outro símbolo: o da alma tomando consciência da necessidade de se libertar da situação na qual ela se encontra. O prisioneiro na caverna é a alma encerrada no corpo. Ela deve libertar-se para retornar ao mundo espiritual, a fim de se reconectar com a sua fonte e aceder à verdade. Mas, da mesma maneira que os prisioneiros na caverna, esta alma esqueceu a sua origem. Ela é prisioneira e perdeu toda a memória do mundo ideal no qual ela se encontrava antes do seu nascimento. Nós podemos então perguntar-nos como uma tal ideia (a da libertação) podia aparecer.

Na realidade, a ideia evocada mais alto da metempsicose está ligada à da reminiscência. Num outro mito, Platão explica que no momento em que nós morremos, nós atravessamos simbolicamente uma planície árida e sobreaquecida. As almas que caminham sobre esta planície sentem uma grande sede. Do outro lado, encontra-se um rio e todas as almas que não chegaram a um real controlo sobre elas mesmas precipitam-se aí e bebem abundantemente, outras moderadamente ou nada. Este rio é o rio do esquecimento, o Lethes. As almas que beberam abundantemente esqueceram tudo das suas vidas passadas. Aquelas que não beberam uma gota, tal como a alma de Pitágoras, lembrar-se-ão de tudo o que viveram nas vidas precedentes. Assim, logo que a alma se encontre no mundo ideal, contemplando o arquétipo de tudo o que existe no mundo, ela poderá fixar na sua memória este espaço divino. Mais tarde, assim que ela tiver descido para o corpo, várias alternativas serão possíveis. Quer ou a alma conserva toda a sua memória, ou quer ela sentirá somente uma lembrança difusa, imprecisa, como o desejo de alguma coisa de mais nobre, uma certa nostalgia de um mundo original. É igualmente possível que a alma não se recorde absolutamente de nada. É a imagem do materialista, em que a ideia de uma dimensão que ultrapassa a matéria não florescerá.

Consideremos um pouco mais precisamente os dois primeiros casos. No primeiro, a situação é a do iniciado, do filósofo tal como Pitágoras, Sócrates ou Platão. A

alma é perfeitamente consciente do que ela viveu nas suas vidas anteriores e no mundo ideal. O iniciado desceu num corpo e a sua lembrança intacta impele-o a deixar esse corpo e a subir em direcção à fonte. Trata-se neste caso de uma iniciativa individual, cumprida sem a ajuda exterior.

No segundo caso, ao qual a maior parte de entre nós pertence, sentimos uma certa nostalgia do mundo Justo, Belo, Bom e Verdadeiro que ressoa em nós. Trata-se de uma certa falta na nossa vida, de um desejo de ultrapassar a nossa condição material. Por vezes de uma maneira incorrecta, nós passaremos de ideais em ideais sem nos chegarmos a fixar. Depois um dia, sem dúvida, notaremos que aquilo que nos falta é justamente esta dimensão espiritual à qual a nossa alma aspira. Aquilo que Platão chama a reminiscência, esta memória inconsciente do mundo ideal, no qual nós tínhamos conhecimento do Verdadeiro em si mesmo.

Todo o indivíduo que começa uma tradição iniciática, uma busca, esteve nesta situação num momento da sua existência. Nós estamos na caverna, habitados por um desejo que nos vai impulsionar à procura de um iniciador. «*O mestre chega quando o aluno está preparado*» dizem-nos. Este último abrirá os olhos e reconhecerá o mestre. Nesse momento somente, este voltar, esta conversão, esta iniciação poderão tornar-se possíveis. Assim que o desejo seja suficientemente forte, permitindo tomar consciência da ausência e da possibilidade de se ultrapassar, então a iniciação poderá começar. A reminiscência e o desejo são as fontes inconscientes da nossa vontade de entrar na via iniciática. Nós podemos dizer que este desejo vem de nós e não é suscitado pelo exterior. Ele encontra-se no mais profundo do nosso ser. Mas nós temos necessidade da ajuda de alguém que conhece o caminho, porque a nossa memória não está intacta. Ela deixou-nos somente um traço, uma indicação permitindo-nos acordar.

Após esta etapa, convém descobrir o caminho que nos leva fora da caverna e de saber como aí progredir. Isto não se pode inventar. Da mesma maneira que uma aprendizagem se faz ao pé de um mestre, nós temos necessidade de um guia. Imaginai que vós querieis descobrir a alta montanha e que sois inexperientes. É muito mais seguro seguir um guia para chegar, com toda a segurança, ao objectivo que vós vos fixastes. Mas é necessário não confundir o guia e o guru. Neste último caso, convirá aceitar cada uma das suas indicações, considerando que as suas recomendações são uma verdade em si. Na via iniciática ocidental e hermetista, a razão está sempre presente nesta atitude. O iniciador ou o filósofo faz apelo à inteligência do iniciável. Ele não lhe pede uma fé cega. Ele pede-lhe que abra o seu espírito, que esteja pronto a pôr-se em causa, a escutar os seus conselhos, a se fundamentar sobre a sua experiência, mas a guardar totalmente e a todo instante o seu livre arbítrio. É neste momento que a ascensão pode começar. Uma das características evocadas aqui é esta necessidade de fazer apelo à inteligência do candidato. Seria contrário à iniciação não responder nunca a estas questões. É necessário ao contrário suscitar o seu desejo. Este é o motor desta ascensão iniciática. O iniciador é aquele que permite ao iniciado encontrar o seu centro. A via em si mesmo, é interior e vai ajudar-nos a sair, pouco a pouco, da caverna. Uma verdadeira iniciação não transforma somente o ser interior, mas o ser exterior na sua totalidade. É a isto que nos convida Platão nesta alegoria.

Poderia tratar-se de um trabalho psicológico, de uma terapia, de uma psicanálise, mas nós estamos aqui numa tradição todavia particular: a filosofia e a iniciação. Não se trata de dizer «Conhece-te a ti mesmo e tu conhecerás o Universo e os Deuses», e depois sentar-se sonhando. É necessário aprender a conhecer-se utilizando uma técnica particular que se vai fundar sobre três aspectos essenciais: o estudo teórico com a ajuda da filosofia, a prática de ritos iniciáticos ao seio de uma tradição antiga e ao mesmo tempo a fé no cumprimento deste processo.

Nós podemos agora perguntar-nos o que se passa assim que o iniciado ajuda o prisioneiro a libertar-se. Eis o que diz o texto: *«Que se liberte um dos prisioneiros, que o forcemos a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a levantar os olhos em direcção à luz: fazendo assim todos estes movimentos ele sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir estes objectos dos quais ele sempre viu as sombras...»* Notemos a linguagem utilizada aqui. Trata-se de injunções nas quais nenhuma liberdade parece ser deixada ao indivíduo. A liberdade manifestou-se previamente, através do desejo. Todavia, no momento onde a transformação iniciática se deve efectuar o candidato está passivo. Neste processo, não se lhe pede que levante os olhos. Forçamo-lo a olhar esta luz. Ele corre o risco de sofrer. O deslumbramento o impedirá de olhar os objectos. Nós encontramos aqui um paradoxo pois a luz vai cegar o iniciado. O candidato tendo passado a iniciação terá frequentemente a percepção mínima do momento em que começou este processo. É alguma coisa que não nos deve surpreender. A primeira etapa é uma obscuridade consecutiva na descoberta da luz. Mas esta situação não vai durar indefinidamente. A lembrança do que foi perceptível outrora na caverna será sem dúvida mais viva que os primeiros clarões que ele está em vias de perceber.

A razão será o elemento que permite à alma não perder o pé. A fé está bem presente através do desejo, mas a fonte da estabilidade deve-se procurar na utilização da razão. É por isso que é todavia importante que o iniciador solicite igualmente o intelecto do candidato.

O texto continua: *«E se forcarem a olhar a própria luz, os seus olhos não serão feridos? Não desviará a vista para retornar às coisas que ele pode olhar, e não acreditará ele que estas últimas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?»* Nós vemos que a luz pode ferir os olhos. A tentação seria grande para se desviar desta luz e voltar aos erros precedentes. É mais confortável passar a sua vida nas certezas, nas aparências, mais do que estar pronto a pôr-se em causa. Se queremos a paz de alma, mais vale sem dúvida a fé ou o materialismo que a iniciação e a filosofia. Mas se queremos procurar a verdade, então o questionamento é fundamental.

O texto prossegue evocando esta progressão iniciática: *«E se, retomei eu, o arrastamos da sua caverna à força, que o façamos subir a elevação rude e escarpada, e que não o deixemos antes de ter arrastado até à luz do sol, não sofrerá ele vivamente, e não se queixará ele destas violências? E assim que chegar à luz poderá ele, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que agora denominamos verdadeiras?»*

Vários elementos são aqui importantes. Platão evoca uma progressão. Com efeito

o sofrimento inerente ao processo implica prever etapas.

*«De início serão as sombras que ele distingue mais facilmente, depois as imagens dos homens e dos outros objectos que se reflectem nas águas, em seguida os próprios objectos. Depois disso, ele poderá enfrentar a claridade dos astros e da lua, contemplar mais facilmente durante a noite os corpos celestes e o próprio céu, do que durante o dia o sol e a sua luz.»*

Lembre-mos da situação alegórica descrita por Platão. Uma vez regressado, o prisioneiro viu o muro atrás do qual se encontravam as marionetes (as imagens). Ele reconheceu que as sombras não eram senão ilusões, simples projecções. Além disso, ele distinguiu o fogo que ardia sobre uma pequena altura. Este fogo, que nós podemos encontrar na maioria dos templos iniciáticos é a imagem do sol, ainda inacessível. É a primeira etapa em direcção à percepção da luz real, que não pode ser senão interior e inteligível, a luz do espírito.

O candidato vai elevar-se, atravessar o primeiro véu, o das suas representações. Ele vai reconhecer pela primeira vez uma luz (o fogo), uma primeira aparência da verdade. Ele poderá assim prosseguir a sua ascensão e sair enfim para o exterior da caverna. Mas o iniciador sabe muito bem que o candidato não pode ser conduzido fora da caverna sem preparação. Ele não poderia suportar a verdade. Simbolicamente, ele tornar-se-ia cego e retornaria à obscuridade. É pois necessário sair durante a noite e não olhar o céu estrelado senão através do seu reflexo. Esta progressão é importante. A ordem do mundo desvela-se através do seu ordenamento projectado sobre o espelho do lago, enquanto a noite reina.

Depois o sol vai aparecer. Não se tratará de uma imagem refractada como o fogo, ou como a dos astros, mas do próprio sol. Ele vai revelar-se progressivamente em todo o seu esplendor à consciência do iniciado. De uma maneira suportável, este poderá começar a perceber o Verdadeiro. O texto de Platão diz: *«Por fim, imagino eu, será o sol – não as suas vãs imagens reflectidas nas águas ou em algum outro lugar – mas o próprio sol no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como ele é.»* É necessário assinalar aqui a expressão «ver e contemplar». Há uma nuance importante e apesar da tradução, estes dois termos são todavia adequados. Eles exprimem o ultrapassar da racionalidade e a ascensão à contemplação. É o que nós encontramos nos outros textos de Platão, especialmente *O Banquete*. Esta contemplação corresponde ao momento em que a alma se funde com o objecto da sua busca para dar nascimento a uma compreensão interior do Cosmos, o Um. Suprimida esta distância, nós podemos, como diz Platão nesta passagem *«contemplar o sol tal como ele é»*.

*«Depois disso ele virá a concluir, a respeito do sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível, e que de uma certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros na caverna.»* Devemos considerar esta frase sobre um plano simbólico. Com efeito, o sol não era directamente a causa das sombras na caverna. Tratava-se do fogo, imagem simbólica do sol. Era ele que fazia as estações, os anos e governava tudo no mundo visível. Esta frase fala de uma outra coisa que não o sol real. Trata-se do Noûs, o Um, o Todo. Este sol é a fonte de todas as coisas. Ele é a causa primordial. A verdade é pois acessível ao homem, ao iniciado que deseja-se elevar em direcção a ela.

*«Ora pois, escreve Platão, lembrando-se da primeira morada, da sabedoria que aí se professa, e daqueles que aí foram seus companheiros de cativeiro, não crês tu que ele se alegrará da mudança e lamentará estes últimos? Aquele que acaba de deixar a caverna não perdeu a lembrança. Ele vai dar-se conta da sua nova situação face a face àquela que era a sua como prisioneiro. [...]*

*Imagine ainda que este homem volta a descer à caverna e que volte a sentar-se no seu antigo lugar: não terá ele os olhos cegos pelas trevas saindo bruscamente do sol?»* O iniciado não pode satisfazer-se por ter encontrado a verdade. Ele não pode esquecer totalmente aqueles que se lhe assemelham e permanecem na caverna. Ele tem em relação a eles, um dever. Mesmo se isso lhe é difícil, convém que ele retorne à caverna. Contudo, da mesma maneira que ele saiu da caverna, os seus olhos serão obscurecidos e os suas referências diferentes.

*«E se lhe cabe entrar de novo em competição, para julgar estas sombras, com os prisioneiros que não deixaram as suas cadeias, no momento em que a sua vista é ainda confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto (ora o acostumar à obscuridade exigirá um tempo bastante longo), não fará ele que os outros se riam às suas custas, e digam que, tendo ido lá em cima, ele voltou com a vista arruinada, de tal maneira que não valha mesmo a pena tentar subir até lá?»* Querer explicar o inexplicável e transmitir uma experiência interior é alguma coisa extremamente delicada. É preciso esperar ser mal compreendido. É por esta razão que Sócrates se abstinha a maior parte do tempo de dar uma doutrina. Como nós vimos, trata-se ao contrário de levar a se interrogar. Mas este processo comporta riscos. Nós sabemos muito bem que em qualquer domínio que seja (político religião, etc.), o risco está sempre presente para aquele que incita à libertação, à descoberta e ao exercício de espírito crítico.

*«E se alguém tenta libertá-los e de os conduzir mais alto, e que eles o possam ter em suas mãos e matar, não o matarão?»*

O caminho iniciático conduzindo à descoberta do Verdadeiro é um caminho semeado de dificuldades. Platão mostra-no-los bem nesta *Alegoria da caverna*. Existe um além e este «algures espiritual» está ao nosso alcance. Não se deve crer que ele nos permitirá encontrar a paz e a tranquilidade da alma imediatamente. Contudo a via iniciática (ou filosófico) tem aqui de característico que os passos são feitos por nós mesmos, segundo a nossa própria vontade. Certamente, a progressão pode não ser espectacular e pode ser marcado por sofrimentos. Cada um nos conduzirá pouco a pouco em direcção à mestria de nós mesmos. Assim, logo que nós atravessamos esta planície desértica, pode ser que possamos controlar melhor a nossa sede e voltar à caverna, tendo guardado a memória do que nós vivemos previamente.

Várias outras obras de Platão abordam estes processos de uma maneira brilhante e extremamente simbólica. Um dos mais importantes a este respeito é sem nenhuma dúvida *O Banquete*. Nós convidamos-vos a lê-la, a descobrir a maneira pela qual ele descreve a ascensão em direcção ao Amor, o Verdadeiro e o Belo.

(Para os extractos, na versão francesa, do texto de Platão de *A Republica* (Livro VII), tradução de E. Chambry).

## **ANEXO II - O Credo de Plecto: Resumo das Doutrinas de Zoroastro e de Platão**

Eis os princípios os mais necessários a conhecer para que possa pensar como um homem sábio.

1) Primeiro, tocando os Deuses, é necessário crer que eles existem realmente. Um deles é Zeus rei, o maior de todos e o melhor no único limite do possível. Ele preside a todo este universo; a sua divindade é de uma ordem completamente à parte; ele é ele mesmo em tudo e em todos os sentidos incriado, ao mesmo tempo que ele é o pai e o primeiro autor de todos os seres. O seu mais antigo filho, engendrado sem mãe, é Posídon: é o segundo Deus, e ele recebeu do seu pai o segundo lugar no governo de todas as coisas, e além disso o direito de produzir e de criar todos os seres encerrados no recinto do nosso céu, todavia com o concurso e pelo ministério de outros Deuses, dos quais uns são seus irmãos, nascidos como ele sem mãe, todos habitando acima do céu, tanto os do Olimpo como os do Tártaro; outros são engendrados por ele mesmo, com o concurso de Juno, Deusa produtora da matéria: estes são os Deuses que habitam no recinto do nosso céu, a saber, os Astros, raça celeste, e os Demónios, raça terrestre, que já tocam imediatamente a espécie humana. Ao Sol, o primogénito dos seus filhos, Posídon confiou o governo do céu e a geração dos seres mortais que aí estão contidos, mas nele associando, para o exercício deste último poder, Cronos, irmão e chefe dos Titãs, Deuses do Tártaro. Uma diferença entre os Deuses do Olimpo e os do Tártaro, é que os Deuses do Olimpo produzem e governam todas as coisas imortais no recinto do céu e que os Deuses do Tártaro presidem às coisas mortais aqui em baixo. Assim Cronos, chefe dos Deuses do Tártaro ou dos Titãs, preside ao mesmo tempo ao governo de toda a criatura mortal. Juno, que entre os Deuses do Olimpo, colocada em segundo lugar depois de Posídon, lhe fornece para a suas obras a matéria primitiva, eterna, à qual ela própria preside. Quanto a Posídon, ele governa todos os seres; chefe dos imortais e dos mortais, ele preside a tudo, e muitas vezes é ele o próprio coordenado no conjunto das coisas. Porque Zeus só, pela sua divindade proeminente, domina o Universo de uma maneira independente. Eis, pelo primeiro artigo, o sumário o mais exacto do que é necessário crer.

2) Além do mais, estes Deuses, pela sua providência velam particularmente pelos nossos destinos, uns imediatamente por eles próprios, os outros por intermediário dos Deuses inferiores, mas sempre segundo os decretos de Zeus que rege todas as coisas.



3) Eles não são a causa de nenhum mal, nem para nós, nem para nenhum dos seres; ao contrário eles são essencialmente os autores de todo o bem.

4) Além disso, é segundo a lei de um destino imutável, inflexível emanado de Zeus que eles cumprem todos os seus actos no limite do melhor possível. Tais são os princípios para os Deuses.

5) Quanto ao Universo, aí compreendidos os Deuses da segunda e terceira ordem, é necessário crer que é eterno, quer dizer, que é a obra coerente de Zeus, que ele não teve nem começo no tempo nem terá fim.

6) Ele é composto de partes juntas e coordenadas num só todo.

7) Ele foi criado da maneira mais perfeita possível pelo obreiro infinitamente perfeito, que não o deixou nada a acrescentar.

8) Sempre o mesmo no seu estado primitivo, ele conserva-se eternamente imutável. Tais são os princípios sobre o Universo.

9) Quanto a nós mesmos, a nossa alma sendo de uma natureza semelhante aos Deuses, permanece imortal e eterna no recinto que é o limite do nosso mundo.

10) Sempre ligada a um envoltório mortal, ela é enviada pelos Deuses, ora num corpo, ora num outro, com vista à harmonia universal, a fim de que a união da natureza mortal e da natureza imortal na natureza humana contribua para a unidade do conjunto.

11) Para estar à altura da nossa natureza divina, nós devemos considerar o belo

e o bem como o fim que convém à nossa vida.

12) Enfim, os Deuses, fixando as leis da nossa existência, colocaram a nossa felicidade na parte imortal do nosso ser que é também a mais importante.

Eis, sobre os Deuses, sobre o Universo e sobre a natureza humana, os doze princípios que é necessário conhecer e admitir se queremos pensar o melhor possível e merecer verdadeiramente o nome de Sábio.

## ANEXO III - BIBLIOGRAFIA

### **Tradições greca et latina**

#### **Textos clássicos e de referência da Antiguidade**

*Argonotiques orphiques*, texte établi et traduit par F. Vian, Belles Lettres, 1987

*Oracles Chaldaïques*, avec un choix de commentaires anciens : Psellus, Proclus, Michel Italicus, texte établi et traduit par E. des Places, Belles Lettres (1971), 2<sup>e</sup> tirage revu et corrigé 1989

Apulée, *L'Ane d'or ou Les Métamorphoses*, préface par Jean-Louis Borély, Galimard, Paris, 1975

*Argonautiques orphiques*, texte établi et traduit par F. Vian, Belles Lettres, 1987

Diogène Laerce, *Vie des philosophes*, A. Laks et G. Most, Belles Lettres

*Femmes Pythagoriciennes, Fragments et lettres de Théanos, Périclioné, Phintys, Mélissa et Myia*, Trad. et notes de Mario Meunier, Ed. Guy Trédaniel

Hermes Trismégiste, *Corpus Hermeticum*, texte établi et traduit par A. D. Nock et A. J. Festugière, 4 tomes, Belles Lettres

Hésiodo, *Théogonie*, Texte établi et traduit par P. Mazon, Belles Lettres, (1928) 12<sup>o</sup> tirage 1986.

Homère, *L'Illiade et l'Odyssée*.

Jamblique, *De Mysteriis*, Belles Lettres, 1996

Jamblique, *Vita Pythaogorae*,

*Lapidaires Grecs, Lapidaire orphique. - Kerygmes lapidaires d'Orphée. - Socrate et Denys. - Lapidaire nautique. - Damigéron. - Evax*, texte établi et traduit par J. Schamp et R. Halleux, Belles lettres, 1985

Plotin, *Ennéades* et plus spécialement *Ennéade IV*, iii, 11

Plutarque, *Œuvres morales*, Sous la direction de J. Defradas, et de R. Flacelière. Tome V, 2<sup>o</sup> partie : Traité 23. - Isis et Osiris. Par C. Froidefond, Belles lettres, 1988

Porphyre, *De l'abstinence*

Porphyre, *Vie de Pythagore. - Lettre à Marcella*. Texte établi et traduit par E. des Places. Avec les *Fragments de l'histoire de la philosophie* par A. Ph. Segonds,

Belles lettres, 1982, 202 p.

Proclus, *De Sacrificiis et Magia*

Proclus, *Hymnes et prières*, traduction de Henry D. Saffrey, Arfuyen, Paris, 1994.

Pythagore, *Les Vers d'or*, suivi du *Commentaire de Hierocles*, Trad., intro. et notes de Mario Meunier, Ed. Guy Trédaniel.

Salluste (Saloustios), *Des Dieux et du Monde*, Texte établi et traduit par G. Rochefort, Belles lettres, (1960) 2° tirage 1983

Synesius, *De Insomniis*, exposé classique de pneumatologie néo-platonicienne, traduit par Ficin.

### **Textos clássicos e de referência da Renascença**

Pléthon, *Traité des lois*, éd. C. Alexandre, tr. A. Pellisier, Paris, 1858

Ficin, Marsile, *Théologie platonicienne de l'immortalité des âmes*, Texte édité et traduit par R. Marcel, 3 tomes, Belles lettres.

Ficin, Marsile, *De triplici vita (La vie triple)*, par G. Favret, Belles lettres, (Le 1° est consacré à la façon de préserver la santé des intellectuels, le 2° à la façon de prolonger la vie, le 3° aux influences astrales)

Anonyme, *Picatrix*, traduction et notes par Béatrrice Bakhouché, Brepols, Turnhout, 2003

Campanella, *Astrologica*

Bruno, *De la Magie, Allia, Paris, 2000*

Pic de la Mirandole, *Conclusiones orphicae*, (sur la façon dont les hymnes orphiques étaient chantés

Agrippa, Henry Corneille, *La magie céleste, La magie cérémonielle, La magie naturelle*, Éd. Berg International, Paris, 1982

### **Textos gerais e comentários**

Annequin Jacques, *Recherches sur l'action magique et ses représentations*, Belles Lettres, Paris, 1973

Athanassiadi Polymnia, *La Lutte pour l'orthodoxie dans le platonisme tardif*, Belles Lettres, Paris, 2006

Augé Marc, *Génie du paganisme*, Gallimard, Paris, 1982

Bresniak Daniel, *Les premiers Médecins*, Detrad, Paris, 1984

Bidez Joseph et Cumont Franz, *Les mages hellénisés. Zoroastre, Ostanès et Hytaspé d'après la tradition grecque*, Tome I. Introduction (1938), 2° tirage 1973 – Tome II. Les textes (1938), 2° tirage 1973, Belles Lettres

- Bornardel Françoise, *La Voie hermétique*, Dervy, Paris, 2002
- Burkert W., *Les Cultes à mystères dans l'Antiquité*, Belles Lettres, 1991
- Chuvin Pierre, *Chronique des derniers païens*, Belles Lettres, 1990
- Dodds R.R., *Les Grecs et l'Irrationnel*, 1959
- Faure Paul, *Guide grec antique*, Hachette
- Festugière A. J., *Hermétisme et mystique païenne*, Aubier, 1967
- Festugière André-Jean, *La Révélation d'Hermès Trismégiste*, Belle Lettres. Tome I, *L'Astrologie et les sciences occultes*, 1989 – Tome II, *Le Dieu Cosmique*, 1990 – Tomes III e IV, *Les doctrines de l'âme. Le dieu inconnu et la gnose*, 1990
- Fowden Gart h, *Hermès l'Égyptien*, Belles Lettres, Paris
- Freyburger Gérard, Freyburger – Galland Marie-Laure et Tautil Jean-Christian, *Sectes religieuses en Grèce et à Rome dans l'Antiquité païenne*, Belles Lettres, 1986
- Grimal Pierre, *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, PUF, Collec. Grands dictionnaires
- Grimal Pierre, *La Mythologie grecque*, PUF, Collec. Que sais-je ?
- Hadot Pierre, *Qu'est-ce que la philosophie antique ?*, Gallimard, Paris, 1995
- Krakowski Edouard, *Plotin et le paganisme religieux*, Danoël et Steele, Paris, 1933
- Magnien V., *Les Mystères d'Eleusis*, 1938
- Mahé Jean-Pierre, *Hermès en Haute-Égypte, Les textes hermétiques de Nag Hammadi et leurs parallèles grecs et latins*, Presses de l'université de Laval, Québec, 1978
- Marcel Raymond, *Marsile Ficin (1433-1499)*, Belles Lettres, 1958
- Moutsopoulos Evaghélos A., *Les Structures de l'imaginaire dans la philosophie de Proclus*, Belles Lettres, 1985
- Neyton André, *Les Clefs païennes du christianisme*, Belles Lettres, 1979
- Pepin Jean, *Idées grecques sur l'homme et sur Dieu*, Belles Lettres, 1971
- Rachet G., *Dictionnaire de l'archéologie*, Laffont, coll. Bouquins, 1983
- Robert Ferdina nd, *La Religion grecque*, PUF, Collec. Que sais-je ?
- Rougier Louis, *Celse contre les chrétiens – la réaction païenne sur l'empire romain*, Paris 1977
- Rougier Louis, *La Religion astral des pythagoriciens*, Editions du Rocher, Paris 1984
- Rougier Louis, *Le Conflit du christianisme primitif et de la civilisation antique*, Paris

1977

Van Liefferinge, *La Théurgie des Oracles Chaldaïques à Proclus*, Kernos supplément, Liège, 1999

Vernant J.P., *Les Origines de la pensée grecque*, PUF Quadrige

Verniere Yvonne, *Symboles et mythes dans la pensée de Plutarque*, Essai d'interprétation des *Moralia*, Belles Lettres, 1977

Walker D.-P., *La Magie spirituelle et angélique, de Ficin à Campanella*, Ed. Dervy, Paris, 1988

Yates Frances A., *Giordano Bruno*, Dervy, Paris, 1988

Yates Frances A., *L'Art de la mémoire*, Gallimard, Paris, 1975

Yates Frances A., *La Philosophie occulte à l'époque élisabéthaine*, Dervy, Paris, 1987

## **Tradição Egípcia**

### **Textos clássicos e de referência da Tradição Egípcia**

Barguet P., *Le Livre des morts des anciens Égyptiens*, Cerf

Barguet P., *Textes des sarcophages égyptiens du Moyen Empire*, Cerf

Barucq A. et Daumas F., *Hymnes et Prières de l'Égypte ancienne*, Cerf (contient : Le rituel de l'embaumement, le rituel de l'ouverture de la bouche, les lèvres des respirations)

Goyon J.C., *Rituels funéraires de l'ancienne Égypte*, Cerf

Lalouette C., *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte*, Gallimard, Paris, tome 1, 1984 - tome 2, 1987

Lefebvre G., *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*, A. Maisonneuve et Laroze, Paris, 1982

Maspero G., *Les Contes populaires de l'Égypte ancienne*, A. Maisonneuve et Laroze, Paris, 1988

Moran W. L., *Les Lettres d'el Amarna*, Coll. LAPO, Ed. du Cerf, Paris, 1988

Moret A., *Le Rituel du culte divin journalier*, Paris, 1902

Nanos de Panapolis, *Les Dionysiaques*, Chants X, XI, XII, Trad. et notes de Mario Meunier, Ed. Guy Trédaniel

Schott S., *Les Chants d'amour de l'Égypte ancienne*, A. Maisonneuve, Paris, 1956

## ***Textos de referência da literatura grega relacionando-se com a Egípcia***

Diodore de Sicile, *Bibliothèque historique* – Livres I à V, Belles Lettres. Paris

Diogène Laerce, *Vie de Pythagore*, A. Delatte, Bruxelles, 1922

Herodote, *Histoires* – Livre II, Belles Lettres. Paris

Strabon, *Géographie* – Livre X, Belles Lettres. Paris

## ***Textos gerais e comentários***

Assmann J., Maât, *L'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, éd. Julliard, Paris, 1989

Canfora L., *La Véritable histoire de la bibliothèque d'Alexandrie*, Ed. Desjonquères, Paris, 1988

Cenival Jean-Louis, *Égypte, Époque pharaonique*, Office du livre, 1964, Coll. Architecture universelle

Champollion J.F., *Le Panthéon égyptien*, Perséa, 1986

Champollion J.F., *Lettres et journaux écrits pendant le voyage d'Égypte*, C. Bourgeois Éditeur, 1986

Daumas François, *Les Dieux de l'Égypte*, PUF. Collec. Que sais-je ?

Desroches-Noblecourt C., *La Femme au temps des Pharaons*, Stock, Paris, 1987

Dunand Françoise. *Dieux et hommes en Égypte*, Armand Colin

Edwards I.E.S., *Les Pyramides d'Égypte*, Librairie générale française, Paris, 1967, Le Livre de Poche

Erman A., Ranke H., *La Civilisation égyptienne*, Payot, Paris, 1976

Grimal N., *Histoire de l'Égypte Ancienne*, Fayard, Paris, 1988

Hani Jean, *La Religion égyptienne dans la pensée de Plutarque*, Belles Lettres, 1976

Hornung E., *Les Dieux de l'Égypte, le Un et le Multiple*, Éditions du Rocher, Monaco, 1971

Humbert J.M., *L'Égyptomanie dans l'art occidental*, ACR édition, Paris, 1989

Kitchen K.A., *Ramsès II – Le Pharaon triomphant – Sa vie et son époque*, éditions du Rocher, Monaco 1985

Lamy Lucie, *Les Mystères égyptiens*, Seuil, Paris, 1991

Leclant J., *Les Pharaons*, Paris, Gallimard, Tome 1 1978, Tome 2 1979, Tome 3 1980.

- Lexa F., *La Magie dans l'ancienne Égypte*, I-II-III, Paris, 1925
- Malek J. et Baines J., *Atlas de l'Égypte Ancienne*, Nathan, Paris, 1981
- Mallinger, *Les Origines égyptiennes des usages et symboles maçonniques*, F. Planquart Imprimeur, Lille, 1978
- Martin Henri, *L'Art égyptienne*, Librairie d'art R. Daucher, Paris, 1929
- Montet P., *La Vie quotidienne en Égypte au temps de Ramsès*, Hachette, Paris, 1946
- Pirenne Jacques, *La Religion et la morale dans l'Égypte ancienne*, Albin Michel, Paris, 1965
- Posener G., *De la divinité au Pharaon*, *Cahiers de la société asiatique*, Paris, 1960
- Posener G., Sauneron S., Yoyotte J., *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, éd. Hazan, Paris, 1959
- Richard Patrick, *La Mythologie égyptienne*, Robert Laffont, Paris, 1976
- Robiou Félix, *L'enseignement de Pythagore contenait-il des éléments Égyptiennes ?*, Paris, 1889
- Rosini Stéphane, Schumann-Antelme Ruth, Néter - *Dieux d'Égypte*, Ed. Trismegiste
- Rossiter Evelyn, *Le Livre des morts, Papyrus d'Ani, Hunefer, Anhaï, Minerva*, Fribourg - Genève, 1979/1984
- Sainte Fare Garnot Jean, *La Vie religieuse dans l'ancienne Égypte*, PUF, Paris, 1952
- Sainte Fare Garnot Jean, *Religions égyptiennes antiques*, PUF, Paris, 1952
- Sauneron S. et Yoyotte J., *La Naissance du monde selon l'Égypte ancienne*, in *Naissance du monde*, Le Seuil, Paris, 1959, coll. Sources orientales
- Sauneron S., *Les Fêtes religieuses d'Esna aux derniers siècles du paganisme*
- Sauneron S., *Les Prêtres de l'ancienne Égypte*, réédition Perséa, Paris, 1988
- Traunecker Claude, *Les Dieux de l'Égypte*, Coll. Que sais-je ?, PUF, Paris
- Valbelle D., *La Vie quotidienne dans l'Égypte Ancienne*, Coll. Que sais-je ?, PUF, Paris, 1988
- Vercoutter J., *À la recherche de l'Égypte oubliée*, Gallimard, Paris, 1986
- Vernus P., Yoyotte J., *Les Pharaons*, M. A. Éditions, Paris, 1988
- Zivie-Coche Christiane, *Dieux et hommes en Égypte*, Armand Colin, Coll. Histoire Ancienne



## **TRADIÇÃO OGDOÁDICA**

Melita Denning, Osborne Phillips, *Introduction à la kabbale magique*, Éd. Sand, Paris, 1994

Melita Denning, Osborne Phillips, *Philosophie et pratique de la haute magie*, Éd. Sand, Paris, 1985

*Nota :* O ano da edição indicada é a da edição consultada sem ter em conta anacronismos inevitáveis.

## ***Os sites Internet***

*Sobre a tradição Ogdoádica Hermetista e Teúrgica:*

Aurum Solis: <http://www.aurumsolis.info>

## ***Site podendo ser relacionado com esta obra:***

Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix: <http://www.okrc.org>

***Site do autor:*** <http://www.debiasi.org>

# AURUM SOLIS EM TÓPICOS

# **PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS**

## ***Os Três Pilares***

Os três pilares desta tradição são: a Teurgia, a Filosofia e o Epicurismo. Eles são as bases da tradição neoplatônica e constituem sempre a parte visível da tradição ogdoádica.

### ***1o Pilar: Teurgia (Pilar Ritualístico)***

Teurgia é a parte fundamental da Aurum Solis. Conforme Jâmblico afirmou, o alvo da Arte teúrgica é a purificação, liberação e salvação da alma através dos atos divinos dos ritos sagrados. Esses ritos Teúrgicos inefáveis foram louvados por Proclo como um poder maior que toda a sabedoria humana, abrangendo as bênçãos de profecia e os poderes purificantes da Iniciação. Consequentemente, essa ascensão ao divino aumentará seu poder psíquico, apesar de isso ser uma consequência e não um objetivo em si.

### ***2o Pilar: Filosofia (Pilar Teórico)***

Filosofia é a parte teórica da Aurum Solis. Nossos ensinamentos não estão restritos aos escritos de filósofos, nossas lições têm a intenção de ensinar ao estudante todos os aspectos da Tradição Ocidental, incluindo: Cabalas Grega e Hebraica, Hermetismo, Teologia, línguas sagradas, Alquimia, Astrologia... Essas lições são sempre baseadas na aplicação prática desse trabalho. A leitura constante de filósofos da nossa Tradição revela, gradualmente, a verdadeira essência da Filosofia ao estudante, permitindo que ele se junte àqueles que amavam a Sabedoria e Àqueles que foram capazes de ler e entender os Mistérios do mundo.

### ***3o Pilar: Epicurismo (Pilar Físico)***

Todo trabalho Teúrgico e espiritual é baseado na premissa de “ser aqui e agora”, sem renunciar a nossos corpos. Consequentemente, nossa Tradição reconhece que a busca por Beleza, Harmonia e a habilidade de desfrutar de prazeres balanceados de nossa vida cotidiana são fundamentos da verdadeira estabilidade interior.

## **MARCOS HISTÓRICOS**

***A "Tradição Ogdoádica" e a "Corrente de Ouro" (a corrente dos***

## **adeptos)**

O deus Thot e a deusa Isis são os verdadeiros fundadores da Magia divina transmitida ao Egito e da Tradição Hermetista hoje chamada Aurum Solis. Vários séculos depois, os fundadores humanos da Tradição da Aurum Solis foram os mestres das Tradições Platônica e Neoplatônica, que foram iniciados nesses dois mistérios e na Tradição Teúrgica. O coração dessa Tradição é aquilo a que Orfeu, Pitágoras, Platão, Jâmblico, Proclo e outros mestres chamaram de "a via sagrada do retorno".

## **Hermetismo e a Tradição Neoplatônica**

A tradição hermetista é o coração da herança Neoplatônica.

Desde seu nascimento como Thot à sua manifestação como Hermes Trismegisto, o nosso divino fundador deu poder e bênçãos à nossa Tradição. O Hermetismo é uma incrível tradição que associa a prática da Teurgia com a abordagem racional dos mistérios da vida.

Neoplatonismo é uma forma de idealismo que combina vários elementos do Politeísmo. As suas crenças estão profundamente ligadas à espiritualidade tradicional. O núcleo do Neoplatonismo comporta tanto uma parte teórica quanto uma parte prática. A primeira refere-se à elevada origem da alma humana e explica como alma partiu de seu estado elevado. A segunda mostra o caminho pelo qual a alma deve retornar ao seu Eterno e Supremo.

## **Os dias sombrios**

No início da religião cristã, O Imperador Justiniano declarou a fé Ortodoxa Cristã de Niceia como a oficial e única permitida no Império. O Códex do Imperador continha dois estatutos que decretavam a total destruição do paganismo, mesmo na vida privada.

Em 529 D.C., a Academia Neoplatônica de Atenas foi fechada, sob ordem do Imperador. Daquele dia em diante, o paganismo foi ativamente reprimido, bem como todos os trabalhos criativos pagãos relacionados (arte, livros...) por monges fanáticos, encorajados pelas autoridades do Império. Como resultado do decreto, um incontável número de iniciados (homens e mulheres) foram capturados, torturados e mortos em nome do "puro amor Cristão". O sigilo de nossa Tradição tornou-se uma obrigação, uma simples questão de sobrevivência.

## **A Renascença**

Ao longo do século XV, a tradição Teúrgica Neoplatônica (Tradição Odgdoádica) reapareceu. Gemistus Pléthon (1355-1452) encontrou em Florença Cosme de Medicis e influenciou-o a fundar uma nova Academia Platônica nessa cidade. Cosme de Medicis nomeou para seu dirigente Marsilio Ficino. Este último traduziu para o latim as obras de Platão, incluindo as Enéadas de Plotino, e vários outros trabalhos Neoplatônicos. O grupo que se reunia na Villa Careggi foi iniciado por Pléthon simultaneamente nos Mistérios iniciáticos da Tradição Neoplatônica e na Tradição Teúrgica. As notáveis atividades desse grupo marcam o renascimento

dessa antiga tradição.

### ***Tempos Modernos***

Exatamente antes do alvorecer do século XX, diversas sociedades "antiquárias" e "folclóricas", na Inglaterra, foram engajadas em registrar através de crônicas as curiosidades dos tempos antigos e caçaram temas de pesquisa que eles próprios escolheram. Algumas dessas sociedades foram ligadas aos Platonistas de Cambridge.

Uma destas sociedades tornou-se conhecida sob o nome de Societas Rotae Fulgentis (Sociedade da Roda Ardente). Ela restabelece a conexão com os últimos iniciados Neoplatônicos, herdeiros da antiga Tradição transmitida por Pléthon. Essa sociedade levou, em 1897, o nome de Ordem Aurum Solis e, desse modo, continuou a Corrente de Ouro dos Adeptos sob seus diferentes aspectos.

## **AURUM SOLIS\_**

**Para descobrir esta tradição com mais detalhes, visite o site em Portugues: <http://goo.gl/OyRiT>**

# MAGIA & TEURGIA

**Para descobrir a revista gratuita Magia & Teurgia, visite o site:**  
**<http://goo.gl/mlgmY>**

---

<sup>[1]</sup> A questão da utilização de uma maiúscula na palavra «Deus» e não em «deuses» ou «deusa» é na língua francesa uma posição política religiosa. Esta obra estudando a Magia Divina e referindo-se a uma Tradição Hermetista fundamentalmente tolerante e respeitadora das crenças de cada um, a nossa escolha foi diferente. Vós encontrareis pois maiúsculas em cada uma destas palavras, pelas razões que nós acabámos de evocar.

<sup>[2]</sup> Como podemos ler sobre um dos muros do templo de Edfou: «No seio do oceano primordial apareceu a terra emergida. Sobre esta, os Oito vieram à existência. Eles fizeram aparecer um lótus de onde saiu Rá, assimilado a Shu. Depois veio um botão de lótus de onde emergiu um bebé, auxiliar feminino necessário, que Rá viu e desejará. Da sua união nasceu Thot que criou o mundo pelo Verbo.»

<sup>[3]</sup> Platão, O Banquete, IV

<sup>[4]</sup> É possível escutar as pronúncias em grego em áudio sobre o site do autor: <http://www.debiasi.org>

<sup>[5]</sup> Todos os gestos desta obra são visíveis em diaporama sobre o site do autor: <http://www.debiasi.org>

<sup>[6]</sup> Jâmblico, *Os Mistérios do Egipto*, X-8

# Table of Contents

[INTRODUÇÃO](#)

[CAPITULO UM --- MISTÉRIOS DA CADEIA DE OURO](#)

[AS ORIGENS](#)

[Mesopotâmia - Mãe das Civilizações](#)

[O Egito - Nascimento da Tradição Teúrgica](#)

[OS DIAS SOMBRIOS](#)

[PLETO - RENASCIMENTO DA TRADIÇÃO](#)

[CAPÍTULO DOIS --- OS PILARES DA TRADIÇÃO TEÚRGICA](#)

[O AMOR À SABEDORIA](#)

[1\) O mal físico](#)

[2\) O mal moral](#)

[3\) O mal metafísico](#)

[A MAGIA DIVINA](#)

[CAPÍTULO TRÊS --- O DIVINO E O MUNDO](#)

[DESCOBERTA DO SAGRADO](#)

[ANJOS E DEUSES](#)

[UMA ESPIRITUALIDADE HUMANISTA](#)

[SATÃ - RENASCIMENTO DO DUALISMO](#)

[CAPÍTULO QUATRO --- OS LIVROS SAGRADOS](#)

[A REVELAÇÃO DIVINA](#)

[OS TEXTOS](#)

[Corpus de Hermes - A Criação](#)

[Tratado Um - Hermes Trismegisto - Pimandro](#)

[A Tábua de Esmeralda](#)

[CAPÍTULO CINCO --- A INICIAÇÃO HERMETISTA](#)

[ESTRUTURA OCULTA DO COSMOS](#)



[As bases cosmológicas](#)

[Os 4 elementos](#)

[As 7 esferas divinas](#)

[UMA DEUSA LUNAR DA MAGIA: HECATE](#)

[As fontes](#)

[As duas Hécates](#)

[Hécate tripla](#)

[A arte](#)

[AFRODITE - VENUS](#)

[O mito](#)

[Caracteres de Afrodite](#)

[OS 12 OLIMPICOS](#)

[Os poderes divinos](#)

[Atributos dos signos](#)

[O DESTINO DA ALMA](#)

[Nascimento e Encarnação](#)

[A via de retorno](#)

[A ascensão](#)

[A atitude moral](#)

[Após a ascensão](#)

[CAPÍTULO SEIS --- A ESCADA CELESTE](#)

[RITO DO PENTALFA](#)

[As origens](#)

[O que significa o pentagrama?](#)

[O rito do pentagrama: origem e natureza](#)

[Rito do Pentalfa para o equilíbrio dos elementos](#)

[RITO DAS 7 PORTAS](#)

[Condições gerais requeridas](#)

[Rito sagrado do domingo - Q - Hélios](#)

[Rito sagrado da segunda-feira - R - Selene](#)

[Rito sagrado da terça-feira - U - Ares](#)

[Rito sagrado da quarta-feira - S - Hermes](#)

[Rito sagrado da quinta-feira - V - Zeus](#)

[Rito sagrado da sexta-feira - T - Afrodite](#)

[Rito sagrado de sábado - W - Cronos](#)

[RITO DA RODA CELESTE](#)

[Condições gerais requeridas](#)

[CAPÍTULO SETE --- O MAGO](#)

[RITUAL DO MAGO](#)

[CONCLUSÃO](#)

[ANEXOS](#)

[ANEXO I - PLATÃO E A ALEGORIA DA CAVERNA](#)

[ANEXO II - O CREDO DE PLETO: RESUMO DAS DOCTRINAS DE ZOROASTRO E DE PLATÃO](#)

[ANEXO III - BIBLIOGRAFIA](#)

[Tradições greca et latina](#)

[Tradição Egípcia](#)

[Os sites Internet](#)

[AURUM SOLIS EM TÓPICOS](#)

[PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS](#)

[Os Três Pilares](#)

[MARCOS HISTÓRICOS](#)

[AURUM SOLIS](#)

[MAGIA & TEURGIA](#)

